

CAMILLO CASTELLO BRANCO



OPRAS

PARCERIA A M. P. THEIRA - EDITORA

I Coisas  
 —IV. Doze  
 e o mal. —  
 —IX. A n  
 respondenc  
 co. — XIII.  
 XV. Duas l  
 Novellas d  
 lha em pall  
 prosa. — X  
 Monte-Cor  
 ras innocen  
 guez. . . ric  
 las propicia  
 O demonio  
 arcediago.  
 ctos da M  
 homem de  
 XLII, XLII  
 vro negro  
 Duas époc  
 abençoadas. — LI. Eucta de gigantes. — LIV. Memorias  
 do carcere. — LV. Mystérios de Fafe. —LVI. Coração, cabeça e  
 estomago. —LVII. O que fazem mulheres. —LVIII. O retrato de  
 Ricardina. —LVIX. O sangue. — LX. O santo da montanha. —  
 LXI. Vingança — LXII. Vinte horas de liteira. — LXIII. A queda  
 d'um anjo. —LXIV. Scenas da Foz. — LXV. Scenas contempora  
 neas. — LXVI. O Romance d'um rapaz pobre. —LXVII. Aventu  
 ras de Bazilio Fernandes Enxertado.



*Presented to the*  
**LIBRARY of the**  
**UNIVERSITY OF TORONTO**

*by*  
**Professor**  
**Ralph G. Stanton**

A engeita aa.  
 — VI. O bem  
 I Anathema.  
 e XII. Cor  
 C. C. Bran  
 o Candal. —  
 XVIII e XIX.  
 — XXII. Agu  
 V. Annos de  
 A Bruxa de  
 I. Quatro ho  
 poeta portu  
 XXXI. Estrel  
 III e XXXIV.  
 I. A filha do  
 XXVIII. Deli  
 ? — XL. Um  
 lo Amaral. —  
 e XLVI. Li  
 deu. — XLIX.  
 LI. Lagrimas  
 LIV. Memorias

## NOVA COLLECCÃO PEREIRA

A 50 RÉIS O VOLUME BROCHADO

Pelo correlo 60 réis

### Ultimos volumes publicados

- N.º 14 — O tanceiro Nuremberg, de Hoffmann, 1 vol, de 170 pag.  
 N.º 15 — Dinheiro maldito (Polikouchka). costumes russos, pelo  
 Conde Leon Tolstoi.  
 N.º 16 — Vida phantastica, por Mèry, 1 volume de 170 pag.  
 N.º 17 — O padre Daniel, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.  
 N.º 18 — Um coração simples, de Gustave Flaubert.  
 N.º 19 — Yan, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.  
 N.º 20 — O tio Scipião, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.  
 N.º 21 — Diario de uma mulher, de Octavio Feuillet.  
 N.º 22 — O crime do juiz, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.  
 N.º 23 — A Inundação, de Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.  
 N.º 24 — Os Rantzau, de Ereckman Chatrian, 1 vol. de 200 pag.

# COLLECCÃO ECONOMICA

Volumes de in-16.º, de 240 a 320 paginas

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados:

- N.º 21 — Forte como a morte, por Guy de Maupassant.  
\* N.º 22 — A alma de Pedro, de J. Ohnet.  
N.º 23 — Camilla, de Guérin-Ginisty.  
N.º 24 — Trahida, de Maxime Paz.  
N.º 25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.  
N.º 26 — Magdalena Férat, por Emilio Zola.  
N.º 27 — Os Reis no exilio, por A. Daudet.  
N.º 28 — Divida de odio, por Jorge Ohnet.  
N.º 29 — Mentiras, por Paul Bourget.  
N.º 30 — Marinheiro, por Pierre Loti.  
N.º 31 — A montanha do Diabo, por Eugenio Sue.  
N.º 32 — A Evangelista, por A. Daudet.  
\* N.º 33 — Aranha Vermelha, por R. de Pont Jest.  
N.º 34 e 35 — Odio antigo, por Jorge Ohnet.  
N.º 36 — Parisienses!... romance, por H. Davenel.  
N.º 37 — Ao entardecer!... rom., por Iveling Rambaud.  
N.º 38 — A confissão de Carolina, romance.  
N.º 39 — Um casamento no mosteiro, por Alfredo Assolland.  
N.º 40 — Os Parias, original de Francisco da Rocha Martins  
N.º 41 — O abbade de Favlières, romance, por J. Ohnet.  
N.º 42 — A agonia de uma alma, romance, por Ossip Fchubin.  
N.º 43 — Memorias d'um burro, por Madame Ségur.  
N.º 44 — A nihilista, por Catulle Mendés.  
N.º 45 — O grande Industrial, por George Ohnet.  
N.º 46 — Morta d'amor, por Albert Delpit.  
N.º 47 — João Sbogar, por Carlos Nadier.  
N.º 48 — Viagem sentimental, por Sternè.  
N.º 49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.  
N.º 50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.  
N.º 51 — O romance de um principe, por Pierre de Lano.  
N.º 52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.  
N.º 53 — Amor de Miss, por J. Blain.  
N.º 54 — A sogra, por Dubut de Laforest.  
N.º 55 — Colomba, por Próspero Merimée.  
N.º 56 — Katia, pelo Conde Leon Tolstoy.  
N.º 57 — Alma simples, por Dostoiewsky.  
N.º 58 — Duplo amor, por J. H. Rosny.  
N.º 59 — Contos fantasticos, por Hoffmann.  
N.º 60 — A princeza Maria, por Lermontoff, traducção de Alberto de Oliveira.  
N.º 61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.  
N.º 62 — Manon Lescaut, pelo Abbade Prevost.  
N.º 63 — O romance do homem amarello, (costumes chinezes), pelo General Tcheng-Ki-Tong.  
N.º 64 — A dama das violetas, (imitação), por F. Guimarães Fonseca.  
N.º 65 e 66 — Nemrod & C.ª, por J. Ohnet, traducção de Luiz Cardoso.  
N.º 67 — Prisma de amor, por Paul Bonhome.

Os vol. com este signal \* estão esgotados mas vão ser reimpressos.

# Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

## VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

### LITTERATURAS PORTUGUESA E ESTRANGEIRAS

#### Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10,  
excellente edição, em optimo papel.

Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente  
encadernado em percalina.

Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada vol.

#### Eis os titulos dos ultimos volumes publicados :

- N.º 28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.  
N.º 29 — O Bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.  
N.ºs 30 e 31 — Amor á antiga, romance de Caél.  
N.º 32 — As Netas do Padre Eterno, por Alberto Pimentel.  
N.º 33 — Contos, por Pedro Ivo.  
N.º 34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.  
N.º 35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.  
N.º 36 — Historias de Frades, por Lino d'Assumpção.  
N.º 37 — Obras primas, por Chateaubriand.  
N.º 38 — O Exillado, romance historico, por Mauricia C. de Figuei-  
redo.  
N.º 39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.  
N.ºs 40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.  
N.ºs 42 e 43 — Espelho de Portuguezes, por Alberto Pimentel.  
N.º 44 — A Fada d'Auñeull, por Ponson du Terrail, traducção de Pi-  
nheiro Chagas.  
N.º 45 — A volta do Chiado, por Beldemonio (Eduardo de Barros  
Lobo).  
N.º 46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.  
N.º 47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel  
N.º 48 — Vasco, por Arthur Lobo d'Avila.  
N.º 49 — Leituras ao serão, por Antonio Xavier Rodrigues Cor-  
deiro.  
N.º 50 — Luz coada por ferros, por D. Anna Augusta Placido.  
N.º 51 — A flôr secca, por M. Pinheiro Chagas.  
N.º 52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.  
N.º 53 — Historias Rusticas, por Virgilio Varzea.  
N.º 54 — Figuras Humanas, por Alberto Pimentel,  
N.º 55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, traducção de Caél.  
N.º 56 — Memorias de um Fura-vidas, por Alfredo Mesquita.  
N.º 57 — Dramas da Côte, por Alberto de Castro.  
N.º 58 — Os Mosqueteiros d'África, por J. da S. Mendes Leal.  
N.º 59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.  
N.º 60 — Phototypas do Minho, por José Augusto Vieira.  
N.º 61 — Insulares, contos e historias, por Mendo Bem (Moniz de  
Bettencourt).  
N.ºs 62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, por Mr. Guizot,  
versão portugueza do Marquez de Sousa Holstein.  
N.º 64 — Triplíce alliança, romance, de Raul de Azevedo.

#### Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA EDITORA

E OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

EDIÇÃO POPULAR

---

LXVII

AVENTURAS

DE

BAZILIO FERNANDES ENXERTADO

Compôsto e impresso na typographia

DA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

*Rua Augusta, 44 a 54*

LISBOA

## VOLUMES PUBLICADOS

- N.º 1 — Coisas espantosas.  
N.º 2 — As tres irmans.  
N.º 3 — A engeitada.  
N.º 4 — Doze casamentos felizes.  
N.º 5 — O esqueleto.  
N.º 6 — O bem e o mal.  
N.º 7 — O senhor do Paço de Ninães.  
N.º 8 — Anathema.  
N.º 9 — A mulher fatal.  
N.º 10 — Cavar em ruinas.  
N.º 11 e 12 — Correspondencia epistolar.  
N.º 13 — Divindade de Jesus.  
N.º 14 — A doida do Candal.  
N.º 15 — Duas horas de leitura.  
N.º 16 — Fanny.  
N.º 17, 18 e 19 — Novellas do Minho.  
N.º 20 e 21 — Horas de paz.  
N.º 22 — Agulha em palheiro.  
N.º 23 — O olho de vidro.  
N.º 24 — Annos de prosa.  
N.º 25 — Os brilhantes do brasileiro.  
N.º 26 — A bruxa do Monte-Cordova.  
N.º 27 — Carlota Angela.  
N.º 28 — Quatro horas innocentes.  
N.º 29 — As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico!  
N.º 30 — A filha do Doutor Negro.  
N.º 31 — Estrellas propicias.  
N.º 32 — A filha do regioida.  
N.º 33 e 34 — O demonio do ouro.  
N.º 35 — O regioida.  
N.º 36 — A filha do arce-diago.  
N.º 37 — A neta do arce-diago.  
N.º 38 — Delictos da Mocidade.  
N.º 39 — Onde está a felicidade.  
N.º 40 — Um homem de brios.  
N.º 41 — Memorias de Guilherme do Amaral.  
N.º 42, 43 e 44 — Mystérios de Lisboa.  
N.º 45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.  
N.º 47 e 48 — O judeu.  
N.º 49 — Duas épocas da vida.  
N.º 50 — Estrellas funestas.  
N.º 51 — Lagrimas abençoadas.  
N.º 52 — Lucta de gigantes.  
N.º 53 e 54 — Memorias do carcere.  
N.º 55 — Mystérios de Fafe.  
N.º 56 — Coração, cabeça e estomago.  
N.º 57 — O que fazem mulheres.  
N.º 58 — O retrato de Riccardina.  
N.º 59 — O sangue.  
N.º 60 — O santo da montanha  
N.º 61 — Vingança.  
N.º 62 — Vinte horas de leitura.  
N.º 63 — A queda d'um anjo.  
N.º 64 — Scenas da Foz.  
N.º 65 — Scenas contemporaneas.  
N.º 66 — O romance d'um rapaz pobre.  
N.º 67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AVENTURAS

DE

BAZILIO FERNANDES ENXERTADO

(ROMANCE)

TERCEIRA EDIÇÃO

1907

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

E OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

*Rua Augusta, 44 a 54*

LISBOA

---

1907

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO  
MÓVIDAS A ELECTRICIDADE

Da Parceria Antonio Maria Pereira

*Rua Augusta, 44, 46, 48, 1.º e 2.º andar*

LISBOA



## Nasce o heroe. A cabeça e as espertezas do mesmo

Bazilio Fernandes é um sujeito de trinta e sete annos, com senso-commum, engraçado a contar historias de sua vida, activo negociante de vinhos no Porto, amigo do seu amigo, e bastante dinheiroso—o que é melhor que tudo já dito e por dizer.

Seu pae chamou-se José Fernandes, por alcunha o *Enxertado*. Pegou-lhe a alcunha, por que, sendo elle natural de uma aldeia d'aquelle nome em Trás-os-montes, quando já era caixeiro, muitas vezes dizia aos seus companheiros de passeata, aos domingos: «O Porto é boa terra; mas lá como o Enxertado ainda não puz os olhos n'outra!» A caixeirada, menos sensível á saudade das suas aldeias, ria do moço, e, por mófa, lhe chamava o *Enxertado*, alcunha que elle ajuntou ao seu nome com honras de appellido.

Casou José Fernandes com Bonifacia Teixeira, filha do patrão, que negociava em azeite, depois que enriquecera na sua mercearia do largo de S. Bento.

Bazilio foi o primogenito e unico. Nascêra muito gordo e extraordinariamente volumoso. Tinha a cabeça igual ao restante do corpo, e uns pés dignos pedestaes do capitel da irregular columna. Em quanto ao tamanho descommunal da cabeça, foi isto motivo para muitas alegrias em casa: no parecer d'aquella mãe ditosa, a grandeza da cabeça era signal de juizo, e o tamanho das orelhas correlativas signal de bom coração. O pae, como não tinha idéas suas ácerca de orelhas, abundava nas de sua mulher, posto que de via certa soubesse que um mau vizinho da porta dissera que o seu Bazilio era aleijado, e sairía com orelhas de burro, se se demorasse mais tres mezes no ventre materno.

A casa do merceeiro ia um frade carmelitano de optimos costumes, ainda parente transversal da sr.<sup>a</sup> Bonifacia. Era opinião de frei Silvestre do Monte do Carmo que a volumosa cabeça do menino significava talento. Este prognostico abalava mediocrementemente os animos dos paes, que não sabiam o que era, nem o para que servia n'este mundo o talento.

—Se as religiões se não acabarem, como por ahi agouram impios—dizia o frade—este menino pôde vir a ser um grande sabio n'uma ordem rica.

—O que eu quero—acudia o pae—é que elle seja um negociante fino, e que dobre o potrimonio com a sua agencia.

O prognostico de frei Silvestre, um anno depois, ficou prejudicado com a mudança do reinado. Acabaram as religiões, agouradas pelos impios; e a cabeça de Bazilio, no entender do frade, ficou sendo uma cabeça inutil, e malograda, a qual devêra ter vindo e florescido em orelhas, e idéas do tamanho das orelhas, cincoenta annos antes.

José Fernandes, como o filho tivesse oito annos bem espigados, comprou-lhe um *A' b c*, e foi leval-o á escola. Era a cabeça de Bazilio, no dizer do mestre, muito mais dura e tapada, e maior que a bolla de pedra da torre dos Clerigos. Ao cabo de tres mezes, Bazilio já conhecia um *o* e um *i*; mas, se lhe tirassem o ponto ao *i*, chamava-lhe *o*. O mestre seguia o systema da pan-cadaria, systema o mais racional de todos com cabeças d'aquelle feitio. Bazilio entrava em casa a chorar, a mãe saía de mantilha a descompor o mestre, o mestre, ex-hauridas as razões, descompunha a sr.<sup>a</sup> Bonifacia, e assim andaram, ora melhor ora peor, até que Bazilio aprendeu o abecedario, ás direitas, ás avessas e salteado.

Aos dez annos, na cabeça do menino, não direi que se fizesse um grande clarão de entendimento, mas seria injustiça negar faiscas áquella pedreneira ferida pelo fuzil da palmatoria. Bazilio já soletrava; e fazia riscos, tortos é verdade; porém, a sr.<sup>a</sup> Bonifacia, tão vaidosa estava d'aquelles riscos, que andava mostrando ás vizinhas a *materia* do seu menino: «*materia*», n'aquelle tempo, era o que hoje mais polidamente se chama *traslado*.

N'aquella idade, entre os dez e onze annos, parou de crescer a cabeça de Bazilio. Phenomeno, certamente! O tronco e as extremidades avolumaram-se em boa conformação; a cabeça, porém, ficou esperando o proportional desenvolvimento das demais partes. Quem deu primeiro por isto foi a discreta sr.<sup>a</sup> Bonifacia, observando que o chapéu braguez dos nove annos lhe ajustava perfeitamente aos onze. Esta razão não é tão judiciosa como parece ao primeiro lanço: o ponto de apoio do chapéu de Bazilio eram as orelhas; todos os chapéus lhe assentavam bem, com tanto que as orelhas não ficassem inclusas, o que seria impraticavel, sem dar ao chapéu a fórma de uma canoa transversa.

Que a cabeça não cresceu desde os dez até aos dezenove annos, isso vê-se e mostra-se, apesar da sciencia, na serie de chapéus correspondentes aos decorridos nove annos, chapéus, que Bazilio conserva, datados no forro, por mão de seu tio frei Silvestre, que, nos ultimos annos de sua vida, não estudou senão a cabeça do sobrinho, e a estrada da salvação de tres confessadas suas, cujo herdeiro elle foi.

Este phenomenal pousio da cabeça exterior parece que, no interno, foi causa de fertilisação egualmente pasmosa! Bazilio aprendeu a ler, desmentindo o mestre, que apostava pela irremediavel negação do idiota. Em escripta, particularmente no bastardinho, deu invejas aos mais louvados condiscipulos. Em contas, desde as quatro operações até quebrados, foi um pasmar de rapidez e intelligencia! Era um reviramento completo!

Agora diremos de fugida algumas outras espertezas de Bazilio Fernandes Enxertado n'esta sua puericia e começos de adolescencia.

Paredes meias com a loja de mercearia paterna, morava um doceira, que expunha no peitoril da janella terrea uns taboleiros de verga com manjares brancos e pasteis de seu fabrico. Gosavam estes pasteis justos creditos de muito bem feitos, tanto assim que a sr.<sup>a</sup> Bonifacia em dias santificados mandava comprar, além do selamin de tremoços, tres pasteis, que merendava com o marido e filho. Bazilio berrava sempre por mais; mas, desde os nove annos, deixou de berrar, por que, segundo elle confessa agora, a respeito de pasteis trazia o bucho tão cheio que lhe chegava com o dedo. Este enchimento de bucho é que é uma surpresa digna de escriptura. Bazilio, quando o deixavam sósinho na loja, cogulava o chapéu braguez de assucar da barrica. Tres chapéus a botar por fóra pesavam deze arrateis, e enchiam uma ceira de figos. Assim que elle podia passar a ceira á visinha, recebia em troca duas duzias de pasteis, que elle escondia debaixo da cama. Esta permutação durou dez annos, duas vezes por semana. Calcula Bazilio que a doceira lucrou pelo menos n'aquelle espaço de tempo, a seis mil réis mensaes, a quantia de setecentos e vinte mil réis. Ora, como um filho d'esta doceira é em nossos dias commendador de duas ordens, Bazilio, quando acerta de o vêr passar na sua carruagem, costuma dizer: «Aquelle negoceia as commendas como a mãe negociava os pasteis.» Eu não achó graça

nenhuma a este remoque; elle, porém, ri-se muito da sua graça; e o commendador ri-se d'elle.

Outra esperteza do Bazilio era jogar o botãosinho. No pateo do mestre-escola havia uma cova, em roda da qual os rapazes se ajuntavam a jogar os punhados de botões. Bazilio tinha uma unha tão certa, que mesmo a distancia incrível apostava a incovar o seu botão, e ganhava, na roda do anno, grozas e grozas, que uma adela da rua Chã lhe comprava a cem réis a groza. Em dia de liquidação d'este negocio, Bazilio tomava uma fartadella de cavacas de Paranhos, e dava dez réis ás almas, que elle invocava sempre que começava a jogar.

A ultima esperteza de que eu me lembro é ir elle a miudo ao convento de Villa-Nova onde estava como criada uma prima de seu pae, e ia lá a miudo dizer que a mãe estava rouca. A criada ia logo buscar um cartucho de rebuçados de avenca, e o velhaco dava com elles no bucho. Estas e outras espertezas conta o meu heroe, com tamanha satisfação da sua pessoa, que, áparte a sem-saboria dos episodios, a gente de gosto deve ouvi-l-o podendo, para fazer uma idéa da felicidade que Deus dá a certas pessoas, e da felidade que Deus tira a outras.

As delicias portuenses do peixe frito antes da civilisação.  
Custodia banhada pela luz do seculo. Bonifacia sustenta as saudaveis doutrinas da estupidez

A sr.<sup>a</sup> Bonifacia era madrinha da filha de um despachante da alfandega. Orçava a menina pelá idade de Bazilio. Até aos nove annos chamou-se Bonifacia; depois, como as condiscipulas lhe chasqueassem o nome, rcismou-se em Custodia, que era o nome de sua mãe. Não melhorou.

As duas familias viviam muito chegadas, e iam juntas, nos dias santificados, merendar ao Reimão, ou a Val-Bom, peixe frito, salada e azeitonas.

Este peixe frito era n'aquelle tempo um recreio muito dilecto das familias do Porto, já distinctas por abastança commercial. Vivem ainda muitas illustres matronas, que se pejam agora de contarem as ditosas horas da mocidade, que passaram, no peixe frito de Val-bom e do

Reimão. Os vinte annos volvidos de progresso, progresso de trevas em que caíram aquellas alegres almas, está-lhes sendo agora mortificação de vergonha, se acaso algum contemporaneo, em hora de sinceridade e talvez poesia, diz a alguma d'essas contrafeitas victimas da civilisação:—«Lembra-se a sr.<sup>a</sup> baroneza d'aquellas felizes tardes do savel assado e das azeitonas de Sevilha em S. Roque da Lameira?»—Esta injuriosa pergunta é feita á illustre dama, no momento em que ella esconde as mãos grosseiras na lustrosa pelle do regalo, ou contorce os pês, saudosos da liberdade antiga, no constrictor polimento, e nas outras muitas compressas dolorosas com que a austera natureza se está vingando.

Venturosas, a mais não poder, eram as duas familias, aparentadas espiritualmente, em cada domingo, que Deus mandava a este mundo! A ordem processional da jubilosa caravana era a seguinte: Na frente iam Custodia e Bazilio dando-se as mãos. Alguns passos a distancia, marchavam n'um andar mesurado, grave, ponderoso, e solemne, José Fernandes Enxertado e seu compadre Manuel José Borges. Alguns passos atraz, iam as sr.<sup>as</sup> Custodia e Bonifacia, com as mantilhas de durante apanhadas na cintura, as côcas arregaçadas, e os vestidos apanhados, deixando vêr meio palmo da saia branca guarnecida de rendas folhudas, ou assarapantada rede de bordados. Sobre os alterosos seios de cada uma, caíam as roscas dos cordões de ouro, com pingentes de varios feitios, como corações, cruzes, medalhas de sagrados lenhos, ou outras santas reliquias.



José Fernandes e seu compadre vestiam regularmente casaca de antigo e forte panno amelado, inchourçada na gola, e fina de abas, cujas pontas se cruzavam sobre o artelho. Cada qual tinha sua bengala de canna da India, acastoadada de marfim, com cordões pretos e bolas de retroz. No luxo dos berloques dos relogios, José Fernandes Enxertado levava grande vantagem ao compadre, posto que este se considerasse melhor servido em fabrica de relógio, cujo tamanho, n'estes nossos dias de coisas insignificantes, daria um regular relógio de parede.

E assim iam os dois afortunados casaes, caminho de Val-bom ou S. Roque da Lameira. As comadres desenferujavam a lingua a fallarem dos pequenos, do amanho das teias, dos cevados que estavam engordando, dos furtos das lavadeiras e das massarocas que fiavam as calaceiras criadas. Os compadres fallavam de direitos de alfandega, do modo de enganar o fisco, do contrabando em que alguns visinhos do Enxertado tinham enriquecido, e da maneira de enriquecerem elles tambem, posto que Manuel José Borges tinha uns principios de virtude duros e incombinaveis com o animo ambicioso do já abastado merceeiro. Os pequenos lá iam adiante, ora garrulando atraz de alguma lagartixa, era colhendo das ribas marginaes do caminho alguma flor silvestre ou amora madura, com que enfarruscavam os beiços, e tiravam d'ahi materia para muito riso, ao qual os paes e mães ajuntavam a sua complacente gargalhada.

Chegados ao quintalejo, onde se comia o peixe frito, abancavam debaixo de uma parreira, em cujos troncos as matronas penduravam as mantilhas cuidadosamente dobradas pelo fêsto, e elles as casacas com equal esmero.

Depois, vinha a bandeja vidrada do savel, regulando a duas postas por cabeça, e um alguidar de alface, que as esposas temperavam, e os maridos mechiam, dizendo cada um seu anexim, sempre o mesmo, a respeito da salada; por exemplo: «quer-se temperada por um cego» e o outro infallivelmente ajuntava: «e mechida por um doido». E com isto riam até dizerem que já lhes doiam as barrigas.

A caneca do vinho era commum dos seis. Os meninos limpavam os beiços para beberem, como é de razão que faça toda a gente; mas Bazilio, por brevidade de tempo, ou distracção, limpava os seus ao canhão da jaqueta.—«Não sejas porco, Bazilio!»—dizia a Custodinha; e o menino, em despique da reprehensão, tirava-lhe o lencinho bordado da correia afivelada da cintura, e enxugava n'elle os beiços oleosos. A menina gritava, a mãe franzia o sobr'olho, e Bonifacia e o marido achavam graça á travessura do *cabeçudo*, como a pequena raivosamente lhe chamava.

Esta alegre scena repetia-se sempre, quatro vezes por mez desde março até setembro, e no coração do inverno, em domingo soalheiro, lá iam ao linguado, á tainha ou ao arroz de marisco.

Acabaram-se estas funçanatas, depois de quatorze

ditosos annos. Custodia tinha ido, ao entrar nos quinze, para casa de uma professora de piano, onde encontrou condiscipulas, cuja convivencia, em dias feriados, lhe comprazia mais que os passeios a Val-bom. Estas meninas eram já d'aquellas que principiavam a escarnicar das costumeiras burguezas do peixe frito, porque suas mães se haviam já policiado, e davam bailes onde iam doutores, auctoridades e fidalgos das provincias do norte. Custodia, ouvindo isto, foi de má vontade ás ultimas merendas, e ahi de peor semblante recebeu os chistes e selvagens brinquedos de Bazilio, cuja cabeça, como dissemos, já não vegetava n'esse tempo; mas nem por isso em geitos e maneiras o mazorro do rapaz se compozera melhor.

Era de vêr que Custodia lhe retirasse a pouco e pouco a confiança dos annos pueris; elle, porém, teimava em lhe puxar pela saia, e atirar-lhe bolinhas de pão á cara, quando estavam merendando. Os gestos enfadados da menina desagradavam á sr.<sup>a</sup> Bonifacia, que descomedidamente dizia á comadre:

—A minha afilhada está-se fazendo muito discreta! Vocemecê não vê aquelles modos de serigaita, desde que toca no cravo?

—E' que ella está quasi senhora, e bem vê, minha comadre, que os genios mudam com os tempos—dizia a senhora Custodia.

—Ora mudam! ella é que se está a querer fazer alguem que vem de algures! Quando o meu Bazilio lhe

diz alguma graça, ella faz uma careta, e berra: «Deixe-me, que me amarrota.»

—Pois ella!—tornava a prudente comadre—coitada! tem lá os seus vestidinhos de cassa, e não quer que lh'os amarrotem. Nós, sr.<sup>a</sup> comadre, quando eramos da idade d'ella, faziamos o mesmo.

—Sabe que mais, comadrinha?—replicava a sr.<sup>a</sup> Bonifacia, cada vez mais assanhada com as satisfações meio prudentes e meio ironicas de Custodia—Dê-lhe nas ventas para traz á rapariga, se não olhe que não sei, mas... boa saida não lhe dá ella... Isto de meninas, quando entram a cuidar que são bonitas, e a olharem muito para a sombra... a coisa não vae boa!... Eu, se fosse a vocemecê, comadre Custodia, o que fazia era mandal-a trabalhar em casa. Tocar piano? de que serve tocar piano?! Deixe isso lá ás ricas, e cuide de fazer a sua filha boa mulher de casa, e arranjadeira, que é o que quer um marido!

—Pois sim, sim—atalhou Custodia—mas a comadre que quer?! O meu Manuel embirrou p'ro piano, e não ha remedio a dar-lhe. Depois, quer tambem que ella cante, e aprenda o francez...

—Ai! que está o mundo perdido!—clamou Bonifacia, com as mãos na cabeça—O' mulher! meu compadre está doido?

—A'gora está! bemdito seja o Senhor, doido não está elle.

—Aprender francez uma rapariga que não tem, por morte dos paes, senão o dia e a noite!... Jesus, santo

nome de Deus! Padre, filho, e espirito santo! Esta cá me fica! O' comadre, vocemecê diga ao seu homem que tenha juizo; e, se lh'o não quer dizer, digo lh'o eu, ou mando lá o meu José! Vocês botam a perder a moça! Estão a encher-lhe a pelle de vento, e depois verão como ella vae por esses ares fóra que não ha quem tenha mão n'ella!

—Não ha de ser assim, se Deus quizer—redarguiu pacificamente Custodia, lançando a mantilha com disfarçado enfadamento—Lá por ella ser pobre, isso, comadre Bonifacia, pobres só são os da graça de Deus. Os ricos comem tres vezes, e os pobres uma.

—O' mulher—interrompeu a merceeira—Não vá zangada, que eu não lhe disse isto por ter mais alguma coisa que vocemecê. Bem sabe que soberba é coisa que não entra em minha casa. Ha muitos annos que nos conhecemos, e eu nunca me envergonhei de andar com vocemecê por essas ruas da cidade.

—Pois a sr.<sup>a</sup> comadre não tinha de que se envergonhar! Meu marido é pobre, mas honrado como os mais que o são, e mais do que muitos que passam por o serem.

—Quem lhe diz menos d'isso?

—Ninguém, louvado Deus! isto veiu á conta de vocemecê dizer que andava commigo pelas ruas. Pedi-lhe eu alguma coisa, comadre?

—Não, e se pedisse havia de achar-me.

—Quando iamos a Val-bom o seu homem pagava uma vez, e o meu outra

—Olha que mulher!... Abre-te-nuncio! quem lhe falla agora em pagar?

—Queria eu dizer, sr.<sup>a</sup> comadre, que os pobres não pesam aos ricos, e que eu, com a minha pobreza, dou tantas esmolas como vocemecê com a sua abundancia.

—O' mulher!—retorquiu já abespinhada a mãe de Bazilio—Eu estou-lhe a fallar na Custodia, e vocemecê a dar á cravelha p'ro outro lado!

—A Custodia ha de aprender o que seu pae quizer que aprenda. A senhora não tem nada com isso; e ella, se fizer o mal, p'ra si o faz! Adeusinho, fique com a graça de Deus.

—Venha cá, comadre!...

A sr.<sup>a</sup> Custodia não retrocedeu: ia a fumegar e a resmungar, como quem dissera menos do que devia.

Bonifacia amezendou-se no esteirão com um arremço de raiva concentrada, e murmurou:

—Má mez p'ra ella! Olha a pobretaina que soberba tem! Commigo ao peixe frito não tornas tu! Anda lá que estás creando uma filha d'aquella casta! Assim é que o demonio as quer! Francez e piano! Ora, já viram!? Eu sou rica, e não quero que o meu Bazilio aprenda mais do que sabe; e ella que não tem onde cáia morta... Eu t'arrenego, coisa ruim!

E, assim monologando, ia cozendo uma sacca de carregar arroz, enquanto Bazilio passava a ceira do assucar á vizinha dos pasteis.

## O heroe em mangas de camisa

Manuel José Borges era inclinado a grandezas, e andava de más avenças com a mediania dos seus recursos. Claramente se nos revela o arrojado animo do despachante da alfandegã, que faz ensinar piano á filha, e tenciona illustral-a com a lingua franceza, geographia e historia.

Custodia . . . Já não era Custodia. Ahi a temos agora com um terceiro nome. Acceite-m'a o leitor segunda vez chrimada em Itelvina, e desculpe-a, que o nome da primeira chrisma era tão desgracioso e plebeu como o do baptismo.

Custou dissabores á mãe este desprezo do seu nome; porém, o pae apoiara e deferira ao requerimento da filha, documentado com sinceras lagrimas e seductoras caricias. E que as condiscipulas a molestavam com ri-

sinhos; e, de mais a mais, a mestra tomara uma cozinheira chamada Custodia, e as meninas travêssas, para entremarem a condiscipula da criada, faziam o favor injurioso de a denominarem *Custodia 1.<sup>a</sup>*

Itelvina, pois, com mudar o nome, até no espirito se sentiu mais senhoril. Esta apparente futilidade deixa de ser absurda, se meditarmos que, no sexo forte, ha casos d'estes: tal sujeito, que hontem humildemente se assignava com um appellido vulgar, accrescenta ou substitue a capricho a herança dos modestos avós, e como que sente algum grande effeito de uma operação tão simples. A indole mesma do homem se recompõe, ao que parece. Creio que era o actor Kean que pensava heroicamente na estação em que representasse o papel de Coriolano ou Cesar. Não é muito que a mudança de appellidos, proveniente de um desejo de nobilitar com elles o nome, influa muito no moral da pessoa. Um homem, chamado Pedro Dias não tem obrigação de ser tão levantado de espiritos como outro que se chama Pedro Mascarenhas. Muda o plebeu *Dias* no heraldico *Mascarenhas*, e tereis feito de Kean um Cesar. E' comedia, isso é verdade; mas o que é este mundo senão comedia?

Itelvina aprendera a dançar, e com muita elegancia o fazia. Aqui vem o relanço de se dizer algumas poucas palavras do exterior d'esta menina, que vae em deztoito annos, idade em que a natureza não tem mais que dar.

Era Itelvina pouco de si em quanto a carnes, cons-



truida mui a sabor dos melhores poetas, os quaes folgavam muito de vestir ossos de flores, como os rapazes que sobre um pausinho formam vistoso palmito de cerejas.

A magreza, porém, era grande parte para os captivantes realces da elegancia: isto gozam as senhoras magras, que formam a cintura onde lhes apraz, e corrigem a natureza, sovina em ilhargas e hombros, com algumas pastas de algodão, especie de fofinho onde o amor se esconde, armando ciladas a incautos.

Itelvina, bem amestrada por algumas condiscipulas de compleição delicada, vestia-se a primor, e tão farta dos relevos, que mais ferem olhos de duvidosa castidade, que sua mãe, a comedida sr.<sup>a</sup> Custodia, a primeira vez que assim a viu *tirada das canellas*, como plebeamente dizia, lembrou-se dos agouros de Bonifacia, assim formulados no anterior capitulo: «Vocês botam a perder a moça: estão a encher-lhe a pelle de vento, e depois verão como ella váe por esses ares fóra que não ha quem tenha mão n'ella.»

Voltando ao esboço dos encantos de Itelvina, afóra os artificios e composturas necessarias, hei de dizer em muita verdade que a filha de Manuel José Borges tinha dons naturaes, que bastavam a distinguil-a entre muitas meninas sympathicas, se não bonitas. Olhos negros, e cabellos negros em rosto oval e pallido, labios breves e escarlates, nariz fino coando no setim das cartilagens uma luz rosada, brilhantes dentes, que pareciam querer velar sua modesta belleza na brevidade do sor-

riso... Se isto não é riqueza natural para muito valor de uns dezoito annos, não sei bem o que é formosura!

Exceptuarei pé e mão. Ahi é que a natureza obedeceu ao característico d'aquella familia. Itelvina flagellava os pés, com a paciencia de uma chineza, e aleijava as mãos no intuito de aperfeiçoal-as. Era a desgraça da triste menina; mas mal sabia ella que tinha compensações de sobra para se não lastimar nem macerar-se em occultos supplicios, e taes que poderia ganhar o céu com muito menos, se aspirasse á bemaventurança infinita, e não a um pequeno pé. Faz pena este desconcerto; mas é verdade! Pobres mulheres, que tanto sofrem por amor de nós, e nós barbaramente rimos d'isto! Eu não; nem tu, meu presado Karr, que já protestaste contra o riso insultador dos que zombam da mulher edosa que nos quer mentir mocidade para nosso bem!

Itelvina, como se disse, dançava com summa graça, a graça de 1847, que não era esta pesada, hirta, britanica, e funeraria andadura das contradansas dos nossos dias. Onde a seriedade se foi anichar! nas danças!...

Viu-a o pae bailar com tres amigas, que a visitaram n'um domingo de tarde, e gostou muito da prenda. A sr.<sup>a</sup> Custodia, que constrangidamente aceitava o *dom* das condiscipulas de sua filha, conformou-se com o gosto de seu marido, e achou que a sua Itelvina a dançar era muito mais bonita e airosa que as outras. Era isto verdade, nada encarecida por amor maternal.

Sucedeu, dias volvidos, algumas familias do commercio mediano combinarem alugar uma espaçosa casa

onde se reunissem aos domingos, e formassem bailes, concorridos por pessoas capazes, segundo a rigorosa escolha da direcção. Deu-se logo execução á innocente e civilisadora traça. Alugaram casa na rua de Santo Antonio do Penedo, a casa chamada do *Christóvinho*,

Muitos caixeiros se alistaram na sociedade, que foi mythologicamente chamada *Therpsichore*. Dançavam alli, desde as tres horas da tarde, exercitando-se, os caixeiros que, ao anoitecer, iam vestir as casacas para voltarem.

Manuel José Borges foi convidado a pertencer á sociedade na qualidade de director. Aceitou a honra, e o encargo de levar sua familia aos bailes domingueiros.

Era coisa nova para D. Custodia o baile. (Seria teima descortez não antepôr o *dom* ao nome da consorte de um director da *Therpsichore*!) Chegara aos quarenta e dois annos a digna esposa do laborioso despachante sem saber o que era vestir-se em corpo, e sair de casa sem a sua mantilha.

Itelvina fez impressão, quando entrou na sala. Vestia de branco, como as suas tres amigas, filhas de um negociante de solla da rua do Souto, com as quaes, já notadas por sua elegancia, se vestiu. Era a rainha do baile; todos os caixeiros saíam dizer que era ella a rainha do baile.

D. Custodia, como é de ver, quiz que sua filha, no fim de cada contradança, fosse sentar-se á beira d'ella; porém, ao terceiro convite, a cautelosa mãe consultou o omarid por estes termos

—O' Manuelsinho, olha que a menina já bota os bofes pela bocça fóra! Não a deixes bailar mais.

—Isso não póde ser—respondeu o despachante, que se presava de saber as leis da etiqueta.—E' incivilidade rejeitar os convites. Deixa dançar a pequena, que está no seu tempo.

N'este lanço, entrou na sala Bazilio Fernandes Enxertado, que era socio fundador da Terpsichore.

—Já viste a rainha do baile?—perguntou-lhe um retrozeiro vizinho.

—Quem é?!—acudiu elle.

—Acolá a tens: é a filha do Manuel Borges despachante.

—A Custodinha?! E' verdade! deixa-me lá ir.

—Conhecel-a?

—Ora, se conheço! é afillhada de minha mãe.

Bazilio chegou ao pé de Itelvina, nõ momento em que ella se erguia para ir dançar com um sujeito de bigode e pera, aspeito nada commercial, e maneiras delicadas.

—Estás por cá, Custodinha!—disse Bazilio com toda a sincera e brutal alegria de quem não via a sua amiga de infancia, desde a ultima merenda de Val-bom, um anno antes.

Itelvina purpureou-se levemente, quando Bazilio a interrogou pelo seu abominavel ex-nome de Custodia, e não respondeu.

O sujeito, que a tinha já encostada ao braço para romper a valsa, encarou Bazilio de certo modo, e logo

em Itelvina com ar de estranheza; e, vendo que nem elle repetia a pergunta, nem ella respondia á palerma suspensão do enfiado moço, entrou no redemoinho dos valsantes, deu algumas voltas e parou no lado fronteiro.

Bazilio, quando os viu parar, rompeu por entre os pares que dançavam, e foi direito á afilhada de sua mãe. Estava a menina respondendo aos reparos do seu parceiro, que lhe perguntara o nome d'ella, accrescentando:—«Disseram-me que v. ex.<sup>a</sup> se chamava Itelvina; e aquelle sujeito, que me pareceu tolo, chamou-lhe Custodia.»—N'isto, chegou Bazilio, e disse-lhe com desabrimento:

—Já me não conheces, ó Custodia?

—Conheço, porque não hei de eu conhecer-te?—balbuciou Itelvina.

—Podia ser, porque já te não vejo ha mais de um anno. A ultima vez foi no peixe frito em Val-bom. Lembras-te?

Itelvina corou; e o parceiro, que tinha estado em Cintra, onde a musica em frente do Paço se chamava o *peixe frito*, cuidou que os portuenses, por imitação, tambem assim denominavam os seus recreios philarmónicos em Val-bom.

—Estás uma mulher, Custodia!—continuou Bazilio.

—Esta senhora não se chama Custodia—disse o sujeito.

—Não?! ora essa! quer o senhor ensinar-me a mim como ella se chama? perguntou Bazilio com mal humorado riso.

—Sou Itelvina—acudiu a menina.

— Então mudaste outra vez?!— tornou Bazilio.— Se assim vaes, gastas os nomes todos!

O filho de Bonifacia achou que tivera graça, e riu-se muito da sua lembrança.

O desconhecido do bigode cingiu outra vez Itelvina, girou algumas voltas, e foi sental-a ao pé da mãe, que suava de atrigada, por vel-a andar tanto tempo ao redor e julgar que sua filha estava airada.

Este sujeito, antipathico aos caixeiros, era um provinciano, filho do director da alfandega de Bragança. Chamava-se Henrique Pestana. Teria vinte e cinco annos. A presença era insinuante, distincta, e como de pessoa habituada a viver em salas e tratar senhoras. Havia elle cursado a faculdade de direito até ao terceiro anno, sempre mimoso de *rr*: d'ahi em diante, como a vida sujeita lhe não quadrasse, Henrique fez da batina e capa um pretexto para a mezada, e creou renome de bom jogador de bilhar, optimo bebedor de cognac, e—o que mais espanta—renome de talento!

Isso tinha Coimbra de ha quinze annos. Se um moço palavroso, satyrico, desleixado em sua compostura, ebrio, insultador de verdeaes, maldizente de mestres, não conseguia a estimação publica, era pelo menos certo gangear fama de talento, e um desgraçado prestigio entre seus contemporaneos mais convisinhos dos seus vicios. Estava inscripto no numero de taes glorificações Henrique Pestana, e tinha invejosos amigos que andavam á porfia de o egualarem, ao menos, na faculdade absor-

vente dos liquidos, já que não podiam emparelhal-o no gume do sarcasmo e exquisite das zombarias.

O pae de Henrique, pessoa de mean fortuna, sacrificava-se á formatura do seu unico filho, e sacrificava-se ainda já depois que Henrique deixara a universidade, e fôra para Lisboa onde vivêra dois annos uma folgada e libertina vida. Ameaçado de abandono pelo pae, saiu de Lisboa, em direcção a Bragança, e obteve licença do velho para demorar-se no Porto, durante a epoca do carnaval, que era, n'aquelle tempo, o que Veneza talvez não fosse nunca.

Alguns condiscipulos portuenses, e nomeadamente Alberto da Gama, e o litterato Ervedosa, os dois mais desbragados esturdios do Porto de 1847, acamaradaram-se com o velho confrade de Coimbra, e reviveram as bambochatas de avinhada memoria.

Alberto da Gama, como filho de um negociante de algodões, conseguira ser acceito na sociedade Therpsichore; e o litterato, que se fazia medonho com a insolencia caustica do seu noticiario, obtivera fazer-se approvar, não obstante uma maioria de vinte e sete favas negras no primeiro escrutinio. A fava é, desde muito, a representante das consciencias que opinam sobre o merito das outras.

Henrique fôra apresentado aos directores da Therpsichore por Alberto da Gama, e comportou-se cavalheiramente no primeiro baile, bem como o Ervedosa, que, n'um excesso de longanimidade, escreveu, n'uma local de meia columna, que o serviço fôra profuso, e que as

damas, em numero de cincoenta, podiam disputar belleza ás circassianas, e virtude ás onze mil virgens. Com o que, directores e paes de familia ficaram contentissimos; e, no baile seguinte, que é este em que estamos, offereceram a Ervedosa um caldo de gallinha, uma hora antes da distribuiçãõ geral, que era ás duas horas da madrugada.

Henrique, depois que Itelvina, esbofava de valsar, se sentara ao lado da mãe, foi procurar Ervedosa e Alberto da Gama, e encontrou-os na dispensa, comendo pão de ló, e provando (provando, santo Deus!... tresfegando, é o termo) os vinhos velhos, diaphanos e limpidos como topasios, com grande gaudio de alguns directores não menos perdularios que beberrões.

Arranchou Henrique ao destroço da garrafeira economica, emquanto o mais liberal dos directores, dando vivas á bella rapaziada, mandava, a expensas suas exclusivamente, buscar um pipote de Douro de 1830 para supprir o desfalque.

Os tres amigos saíram da dispensa com um crescimento de vida, e uma felicidade tão sincera e suprema, qual a não sentiria a humanidade, se voltasse ás condições bemaventuradas de Eva e Adão, como o naturalista Buffon as imaginou.

Entraram á sala, onde as muitas luzes, a musica e as mulheres de branco e rosa, lhes acrisolaram o arrobo das visões.

—E' aquella!—disse Henrique, indigitando Itelvina, que passava arrebatada nos braços de um caixeiro.



—E' filha do meu despachante—disse Alberto.—Já lhe quiz fazer a côrte, cheguei a mandar-lhe um ramo de flores pela criada da mestra, e ella poz as flores ao seu Santo Antonio.

—Sabe fallar aquella mulher?—perguntou Ervedosa.

—Correntemente—disse Henrique.—Perguntei-lhe se n'esta sala estava o objecto dos seus cultos, e ella respondeu-me que não tinha objecto de cultos. Depois, abordou-nos um pelludo de cabeça quádrada chamando-lhe Custodia.

—Chama-se Custodia ella!?!—atalhou o litterato.

—Chamou-se Custodia: agora é Itelvina... Amo-a!

—Sabem vocês o que é amar com o coração n'um banho de vinho do Porto? Amo-a, como Seneca amava a virtude n'um banho de agua; e como Marat amava a liberdade n'um banho de sangue!

—Eu tambem a amo!—exclamou Ervedosa, a tregeitar truanescamente, chamando assim a attenção de alguns homens gordos e graves.—Vou-lhe dizer que a amo como a lua ama o lago, e o lago as estrellas, e as estrellas o lago!

—Não berres que nos observam e põe-nos fóra!-- interrompeu Alberto, simulando uma seriedade que o verniz dos olhos e as difficuldades em manter o aprumo desmentiam.

A eloquencia do noticiarista não se abafava com me-  
ras considerações. Proseguiu declamando, e o bacharel rindo, e Henrique Pestana cascalhando tambem dos tregeitos iracundos dos burguezes, que se iam perfilando

em roda. Um d'estes, mais cioso da seriedade prescrevida nos estatutos da Therpsichore, (capitulo 2.<sup>o</sup>, § 3.<sup>o</sup>) sacudiu os braços e a cabeça, manifestando sua indignação, e tirou do peito estas judiciosas palavras:

—Aqui anda vinho de mais, ou eu não sou Antonio José da Silva!

Ao que os seus amigos, unanimes em tino e opinião, responderam:

—Estão que se não lambem! Cuidam que isto é taverna! *etc.*

Ervedosa mediu de alto a baixo os qualificadores do seu vinho, e disse:

—Onagros! que estúpida Circea fez d'estes cerdos homens de casaca!?

Posto que os illitteratos burguezes não entendessem a mythologica apostrophe, adivinharam instinctivamente que eram insultados em suas casacas, pelo menos, em razão do que, o mais laconicô de todos, replicou:

—Fóra, bebados!

Alberto, mais insofrido que o jornalista, e mais conhecedor dos sujeitos que tão grosseiramente o invectivavam, começou discorrendo ácerca de cada um dos cinco presentes directores da Terpsichore. Ervedosa e Henrique compunham um côro de gargalhadas, ao estrondo das quaes acudiram muitos caixeiros, e Bazilio Fernandes Enxertado, de peor semblante que os mais.

—Ponham-se fóra estes pandilhas!—vociferava um director, mercieiro da rua das Congostas.

—Fóra! fóra!—conclamaram em grita descomposta

os outros, sendo algum tão ousado que chegou a empurrar Henrique.

Este ousado era Bazilio, cujos assomos brutaes se explicam pelo ciume, que rebentara juntamente com a primeira florinha de amor de sua alma; florinha não; melhor se dirá cardo de amor, que lhe estava picando o coração, com toda a fereza do instincto selvagem, que assanha o gato aos primeiros calores da paixão pela fema, requestada de outros.

Henrique Pestana, sentindo-se empurrado pelo inxovêdo que fizera córar Itelvina, deu-lhe com as costas da mão direita enluvada uma sonora bofetada na face. Arremetteram contra Henrique alguns que vinham de roldão com outros aggressores. Alberto e Ervedosa iam innovelados na chusma; o bacharel, porém, vendo-se em risco de ser espalmado contra uma porta, subiu de um salto ao costado de um burguez, que o sacudia de si com phreneticos repellões.

Soava rijo o baque das quedas ao descer as escadas aquella tumultuosa chusma, e os murros iam já tangidos ao acaso, de modo que uns aos outros os caixeiros se iam equivocamente socando. Fôra causa d'este pugilato ás cegas ter Ervedosa quebrado a lampada que allumiava as escadas. Quando o ladrilho do pateo se aplanou, e a luz do lampião da rua fez que os inimigos se reconhecessem, a guerra ia ser de novo travada com infausto successo para os tres perturbadores da ordem.

Aconteceu, porém, que Alberto e Henrique tivessem carruagem a esperal-os para irem d'alli a outros bailes

carnavalescos, e que o boleiro de Alberto fosse um valentão, affeito a quinhoar das extravagancias do freguez, que liberalmente lhe pagava a coragem. Apenas o boleiro ouviu o estrondo de vozeria na escada, saltou do trem ao pateo, reconheceu a voz de Alberto que o chamava, e avançou contra os aggressores compactos, empunhando uma temerosa navalha. Fizeram todos pé atraz, excepto Bazilio, que não tinha mão do seu furor, e se atirara com unhas e dentes ao pescoço de Henrique. O boleiro tomou-lhe as abas da casaca, sem mais intento que sacudil-o por ellas; porém, como quer que a casaca fosse muito larga, por ser do pae, Bazilio, ao despregar as garras do pescoço de Henrique, sentiu que a casaca lhe fugia do corpo, e achou-ae em mangas de camisa. O ebrio boleiro, agitando o tropheu, sahiu á rua, cavalgou, deu de esporas, e chamou a grandes brados os tres amigos, que a muito custo se poderam desapressar da multidão, que os cerrava outra vez, e conseguiram entrar na carruagem.

Bazilio Fernandes seguiu ainda a locomotiva, pedindo a casaca a uma pasmada patrulha que o mandou queixar-se a um regedor, visto que a policia municipal não podia andar atraz de ladrões que despiam os passageiros dentro das carruagens.

Emquanto Bazilio se ia, em mangas de camisa, a casa, no proposito de vestir a jaqueta, e pedir justiça ás leis, a sua casaca, aivorada na portinhola da carruagem dos ebrios, passeava as ruas do Porto, e entrava alçada n'um cabo de vassoira no sordido theatro de Li-

ceiras, até que uma loureira entrajada de pastora, com consentimento de Ervedosa, enfiou a casaca do honesto José Fernandes Enxertado, e a qual já tinha perdido nas mãos de um gaiato a aba esquerda.

Que destino teve a pudibunda casaca do casamento, do baptisado, do dia natalicio, do voto eleitoral, da semana santa, e da festa das almas de Santa Catharina, cuja mordomia andava desde muito em José Fernandes!

Que destino!...

Ali, n'aquella funesta noite, se desfez a pedaços nos hombros de uma collareja, que baforava aguardente e peste por todos os poros!



#### IV

### Afoga-se Bazilio e desafoga-se milagrosamente

Conta Bazilio que a mãe se apiedara d'elle, e o salvara das iras paternas inventando que a casaca fôra roubada da parreira do quintal, onde estava a assoalhar. Diz mais que tivera casaca nova depois de haver metido n'essa empreza alguns amigos de seu pae, directores do Terpsichore.

Os bailes continuaram em boa ordem até á primavera de 1848. Escusado é dizer que Alberto, Henrique e Ervedosa foram expulsos, como indecentes, mediante um triplicado officio da direcção. O litterato, porém, imaginoso em toda a casta de escandalo, em um dos bailes mascarados da Terpsichore, com os seus dignos amigos mascarados em membros do conselho dos dez, entraram subitamente na cosinha da sociedade, e roubaram com violencia tres gallinhas que ferviam na panella, aggravando o crime com a circumstancia de sacudirem á ca-

ra do cosinheiro a agua fervente das gallinhas emergidas do pote. Este facto foi publicado nos jornaes d'aquelle tempo, e censurado em termos severos pelos redactores, a quem estava confiada a moralidade da terra e o desbaste dos muitos vadios, que a deslustravam.

Bazilio, desde aquella noite, ficou amando a afilhada de sua mãe, com uma paixão digna de pessoa, que pudesse ser tratada mais seriamente n'um romance. Ha ahi ferventes e magnificos affectos que morrem obscuros por causa dos individuos. Taes amores são assumptos estragados, que nem aos romancistas aproveitam. E' pena! Deu Bazilio em não comer, e entrou a desmedrar. Via-o Bonifacia com olhos de mãe; entrou-lhe n'alma e arrancou-lhe o segredo de envolta com algumas duzias de suspiros puchados de dentro.

Bonifacia, commovida, e ao mesmo tempo consolada com a pequenez dos motivos de tamanha angustia, exclamou:

—O' menino, eu cuidei que tinhas outra coisa!... Quando mal, nunca maleitas, diz o ditado. (A senhora Bonifacia tinha cabedal de anexins, que applicava a trôchemôche.) Lá o gostares da moça, Bazilio, isso não tira nem põe. E' tributo que pagou teu pae e teus avós. Que estás tu ahi a chorar? Quem te quita de gostares da minha afilhada?

—Ella não me quer—atalhou Bazilio entalado de grossos suspiros.

—Não te quer?!—disse roxa de raiva a senhora Bonifacia.



—Não, senhora mãe: anda lá namoriscada de um figurão que estudou para doutor, e não me dá cavaco.

—Olha a valdevinos que se pentêa p'ros doutores!  
—tornou a senhora Bonifacia, mettendo as mãos nos sovacos, e bamboando a cabeça, postura muito sua, quando a indignação lhe senhoreava o genio regularmente phlegmatico.—Pois a delambida atreve-se a fazer-se de manto de seda com o meu filho! Ella!... que não tem nada de seu, senão o palmito da cara, que a fallar a verdade, não é lá essas coisas por hi alem! Ha melhores caras que a sua, e de mais a mais, raparigas de teres, que tomaram ellas o meu filho! Sabes que mais, Bazilio? que a leve a breca, e mais não leva coisa boa! Deus me perdôe! Meninas não te cansam n'esse Porto. Quando fôr tempo de casares, tu verás como ellas te apparecem a pedir de bocca, filhas de negociantes, e dotadas.

—Não que eu não quero outra!—interrompeu Bazilio, embebendo uma lagrima bogalhuda no canhão da jaqueta de cotim.—Gosto d'ella, e de mais nenhuma. Se não casar com ella, atiro-me ao poço.

—Credo! tu estás endemoninhado, rapaz! Olha que, se teu pae te ouve isso, não te quero estar no coiro! Pois tu estás assim azoinado por a moça?! Olha que eu mando-te benzer, Bazilio! Ahi anda feitiçaria, Deus me valha!

Não estancavam as lagrimas do mazorro joven, nem os soluços consentiam áquelle peito desafogar-se em palavras. A mãe affligida aconchegou do peito a grande e

dura cabeça do filho, e abarcou-a nos braços com carinhoso amplexo.

A maviosa scena foi presenciada por José Fernandes, que entrava inesperadamente, para encher dois sacos do milho da grande caixa, que era o principal adorno da sala.

—Que é isso??—exclamou o mercieiro—vossês estão a choraminger?! Fallem! desemtupam-se!

—Não queres ouvir, José?—disse a senhora Bonifacia, erguendo-se do tamborete, e escondendo as mãos nos sovacos—Não queres ouvir? A tua âfilhada faz-se fina com o nosso Bazilio, e anda lá a doidejar com um paralvilho.

—E tu que te importa isso, e mais elle?!—perguntou José Fernandes—Deixal-a lá, que a leve o demo. Não é nossa parente nem adhirente. E então vossês choram á conta d'isso? Que diánho tens tu, Bazilio?!

O moço, como se tivesse os gorgomilos prehes de soluços, não respondeu. Insistiu o mercieiro na pergunta, engrossando a voz. A mãe indiscreta, mal cuidando as ruins consequencias da revelação, chamou o marido lá dentro, e contou-lhe o affecto de Bazilio a Itelvina.

—Ah! pois elle é isso?—disse José Fernandes, sorrindo de certa maneira, que assustou a esposa.—O rapaz anda desenfadado. Isso passa-lhe depressa, se Deus quizer... Anda tu d'ahi ajudar-me a encher os sacos de milho.

Foi a senhora Bonifacia, ainda suspeitosa do ar agradavel do marido, que, no dizer d'ella á comadre Custo-

dia, não era boa rez, quando se ria com certo geito.

Estava o primeiro sacco de cinco alqueires cheio, quando José Fernandes chamou Bazilio. Entrou o rapaz cabisbaixo, esperou ás ordens do pai, que estava enchendo o segundo sacco.

—Rapaz—tornou José Fernandes—põe ao lombo este sacco, e leva-o á loja.

Bazilio ficou passado, e poz os olhos em sua mãe, que exclamou em tom de affectuosa supplica:

—O' José, tu queres que o teu filho carregue com este sacco?

—Quero, e ha-de leval-o. Eu te tiro o cio, pedaço de mariola! Vamos! sacco ás costas, e é andar com as ventas p'ra diante!

—Eu te ajudo, Bazilio!—tornou a senhora Bonifacia lagrimosa—pega tu de um lado, que eu pego do outro.

—Não quero!—bradou iracundo o mercieiro—hade leval-o sosinho, e, se me estás a ralar a paciencia, olha que lh'os ponho ambos ao lombo!

Bonifacia acocorou-se a um canto a soluçar, em quanto o marido ajudava a erguer a carga sobre o hombro do moço, que se dobrava e gemia.

—Leva, e vem buscar o outro depressa. O vicio hade sahir-te do corpo—disse ainda o austero burguez.

Bazilio tinha pulso, e nascêra para aquillo. Foi e veiu sem lesão de nervo ou musculo. Pegou no segundo sacco, sem erguer os olhos do chão.

—Depois—disse ainda o pai—ajuda o carreiro, que está na rua, a carregar duzentas ceiras de figos, dez sa-

cas de arroz, e seis quintaes de bacalhau, percebeste?... Não respondes, Bazilio? percebestes?

— Percebi, sim, senhor.

— Ora vamos! é andar; eu te porei o diabo fóra do corpo.

Bazilio, com grande espanto dos vizinhos, ajudou a carregar a fazenda, puchou ao cordame passado pelos estadulhos do carro, e esteve com a aguilhada diante dos bois, em quanto o carreiro foi beber uma pinga, com que José Fernandes costumava alegrar os carrejões dos logistas seus freguezes estabelecidos nas povoações do Minho. Terminado este serviço, o mercieiro chamou o filho para diante das balanças de pau, e mandou pesar algumas barricas de assucar, e sacas de arroz, na qual occupação o prendeu em todo o dia.

Quinze, ou mais seriam os dias d'esta dura iniciação, até que o rapaz, quer se constipasse na humidade do armazem, quer se lhe desmanchasse o systema nervoso, começou a queixar-se de frio, e a tremer. Não obstante os sodoriferos, a febre sobreveio, aggravada por delirios, e com todos os symptomas de escarlatina. Esteve debruçado nos alçapões do reino escuro o desventurado Bazilio, que, em suas exaltações febris, denunciava o estado peccador da sua alma, dizendo mil branduras, á mistura com pragas, á ingrata Itelvina.

A lastimosa mãe accusava o marido da morte do filho, lançando-lhe á cara o trabalho de moiro, que lhe déra, até que o pobre menino perdeu a saude. José Fernandes, já arrependido de sua dureza, e remordido pelo

remorso, fez voto de aliviar o filho da labutação dos armazens, se elle arrijasse da doença.

As muitas orações e promessas da senhora Bonifacia, auxiliadas pela medicina, e um pouquinho pela natureza robusta do enfermo, salvaram-no. A convalescença foi muito desvellada tanto por a mãe como pelo pai, que cumpriu rigorosamente o seu voto.

No goso de sua inteira saude, Bazilio sentia o coração cada vez mais derrancado. A' proporção que as forças da materia se recobravam, tambem as da alma puchavam por elle. A mãe sabia isto, era sua discreta confidente, aconselhava-o, queria desvial-o da tolice; porém, ensinada pela experiencia, não dizia palavra ao marido a tal respeito.

No ultimo domingo de julho de 1848, era a celebração da romaria de Santa Anna de Oliveira, situada a curta distancia do antigo convento d'aquelle nome, na margem esquerda do Douro, a uma legua do Porto. E' esta uma das popularissimas festas, que, apezar da descrença, do despoetisamento das turbas, e da apagada e tediosa civilisação, prevalece ainda com algum brilho do seu antigo resplendor. Ha quinze annos, abalavam-se os espiritos na vespera da festa de Santa Anna de Oliveira. A alvorada d'este dia era uma alvorada de geral alegria na classe commercial, e nos homens mechanicos da laboriosa cidade. Ao repontar a aurora do bello dia de julho, o Douro que banha o Porto, desde o caes da Corticeira até o de Massarelos, retratava em suas aguas serenas e cristalinas as bandeiras e listrões de vistosas

côres, que os ultimos bafejos da viração matutina ondulavam brandamente, sobre os mastros dos barquinhos, e na orla dos pavilhões que os defendiam do calor. Ao lampear trememente do sol nas cristas da serra doirada, lá n'aquelles tão poeticos longes das montanhas, começavam as familias a desembocar das estreitas ruas de Miragaya, das arcarias escuras, de Cima-do-muro, da magestosa rua de S. João, e de quantos becos descem do antigo burgo, que lá se está esboroando aos pés da cathedral.

Que formoso de vêr-se era o espectáculo observado da outra margem do rio, das praias da gentil Gaya, que, vista de longe, faz pensar que por ali demora ainda a encantadora castellã, dando ás suas collinas, que tão barbaramente a viram morrer, alguns toques da sua magica varinha! Tambem do lado d'além, áquella hora, os botes embandeirados recolhiam as secias de Villanova, as trigueiras do Candal, as mocetonas da Bandeira e Santo Ovidio, aquella formosa casta de mulheres, que ainda semelham em alguns dotes as estatuarias mulheres da beira-mar, que tu, feitor cansado de bellezas pintadas e estofadas, debes ir, uma vez, procurar em Espinho, em Ovar, em Ilhavo, n'aquella raça phenicia, em quanto a mim, a menos immaculada de estranho sangue, que ainda se viu na Europa.

Em quanto ranchos de senhoras, umas de rosa, outras de branco, outras de azul, todas lindas a mais não poder, saltavam aos barquinhos com grande alarido de guinchos, já de fingido medo, já de expansiva e doida

alegria, outros botes se iam cogulando de musicos, uns de profissão, outros curiosos. O flautista, no seu barco, gemia as primeiras melodias do seu mavioso instrumento, em quanto a orchestra se não ordenava; além, n'outro barco, o violonista tirava algumas alegres rebecadas, que alvorotavam os animos; n'um barquinho, mais ao longe, já um solitario romeiro fazia como chorar o seu violão, para que a dama prevenida lhe entendesse no som plangente dos bordões a suave tristeza que lhe ia na alma. Um moço inquieto, da prôa da sua gondola, assoprava pela trompa uns sons desentoados, que faziam rir as moças. Tudo ali sabia bem; tudo agradava a novos e velhos; os proprios pais consentiam que suas filhas palestrassem dos seus barquinhos para os barquinhos que lhes vinham na alheta, ou vogavam a par, obrigados pela ciosa pujança dos remadores.

Depois, lá ia rio acima aquella galharda esquadrilha, por uma e outra margem, com suas afinadas musicas. De alguns barcos rompiam, a intervallos, duzias de foguetes, que eram grande parte no tumultuoso jubilo d'aquelles felizes. Quem iria triste alli? Os namorados, sómente os namorados; mas a tristeza d'estes que alegria terá o ceu que se lhe compare!? A tristeza de namorados! Que doce fel aquelle! que voluptuoso veneno filtram as rosas que todo o ar lhes perfumam! que bem-estar do coração, nunca mais sentido, senão um anno, nas existencias mais ricas de ventura!

Lá ia, pois, rio acima a mais ditosa gente do mundo sublunar n'aquella manhã de 26 de julho de 1848.

Alguns botes desatracavam mais tarde do caes da Ribeira; e, entre estes, um, mais que toços, arrancava, a quatro remos, para se ajuntar á embandeirada esquadilha. A' prôa ia sentado Bazilio Fernandes Enxertado, com sua jaqueta e calça brancas, e chapéu de palha com fita azul, e um caprichoso laço cahido sobre o hombro esquerdo. Alli, pelas alturas da Pedra-Salgada, os possantes barqueiros já brandamente cortavam o rio, que se alargava e adormecia em berço de scintillantes areias: é que Bazilio tinha alcançado o batel em que ia Itelvina com seu pai e mãe, e com as suas amigas de collegio filhas do surrador da rua do Souto.

Manoel José Borges, quando conheceu o filho de seu compadre, exclamou:

— Salta cá para o nosso barco, se queres.

— Deixa-o ir,—acudiu a senhora Custodia—deixa-o ir, que vai bem.

— Por quê?! tu que tens contra o rapaz?

— Ora!... eu cá sei!...—respondeu a briosa mulher, que nunca esquecêra as insolencias de sua soberba comadre—A senhora Bonifacia que é mais do que nós, e eu não quero que ella pense que lhe faço festa ao filho por que temos uma filha para casar...

— Deus me livre!—exclamou Itelvina.

As tres meninas riram do susto da sua amiga, e disseram alternadamente:

— Casar com aquelle trolha!...

— Eu cá botava-me a afogar! Antes morte que tal sorte!



—Tem cara de lorpa; cara mesmo de Bazilio.

—Callem-se, meninas—disse o despachante—olhem que elle pôde ouvil-as, e eu não quero ficar mal com meu compadre. Se elle quizer saltar no nosso barco, deixal-o saltar.

Com effeito, Bazilio mandara remar contra o bote de Manoel José Borges. Itelvina ia roxa de raiva; e a senhora D. Custodia, voltando as costas com arremesso a Bazilio, resmuneava censurando a tola civilidade do marido.

Atracaram os dois barcos, e o moço deu o pulo; mas tão fóra do equilibrio que escorregou sobre o cesto que levava o jantar, e quasi o emborcava.

As filhas do surrador deram em rir indelicadamente do desastre. Itelvina fez um gesto de aborrecida, encarando de revez o infausto Bazilio, que se agachara a endireitar o cesto. A cara do moço era carneira vermelha, e fumegava de vergonha. Excepto o despanhante, ninguem houve compaixão d'aquelle attribulado espirito. Custodia, com os cotovellos sobre os joelhos, e a cara entre as mãos, olhava-o com desabrido enfado, e o mesmo ao marido que reprehendia as gargalhadas das incivis meninas da rua do Souto.

—Senta-te p'raqui, Bazilio—disse o senhor Borges— Isso não é nada.

—Vou-me embora p'ro meu barco e perdoará—respondeu o moço. Não sirvo p'ra mangações.

—Pois quem manga comtigo, Bazilio?!

—São cá estas senhorinhas que me parecem tolas...

As grandes figuras, que quem as vir não ha de dizer que são as surradeiras da rua do Souto!... Eu bem sei porque é isto... bem sei... estão arrançados...

—Isto quê, senhor Bazilio?!—acudiu impetuosa a senhora D. Custodia.

—Cuidam que eu sou asno?—retorquiu o moço ganhando coragem com a qual deu uma côr de brios á vergonha da queda, é do tombo do cesto.

—Asno sei eu que é!—replicou a mãe de Itelvina, com applausos de gargalhada das meninas surradoras.

—Vecemecê é capa da filha!—bradou Bazilio, quando lançava a perna, por sobre o bordo do barco, ao outro que atracara.

Custodia erguera-se de golpe, agarrando-o pela lapé-esquerda da jaqueta, e vociferando enfurecida:

—Venha cá, seu grande mariola! Ha de ahi dizer porque sou eu capa da minha filha!

—Deixe-me—gritava Bazilio—deixe-me, que me rompe!

—Não!—acudiu Manuel José Borges, botando-lhe a mão com desabrimento—Não vaes sem dizer ahi o que vem a ser essas porcas palavras que deitaste pela boca fóra, pedaço de velhaco!

Bazilio puchava por si das mãos do irado despachante, e estava com medo.

As pequenas fizeram-se amarellas de terror; e os barqueiros de Bazilio, que tinham vantajosamente ajustado o passeio, deram ares de quem não assistiria neutral á violencia.

N'este comenos, chegava outro barquinho, rente com o do despachante.

Eram Henrique, Alberto, e Ervedosa. Parou o bote, no mais acceso do conflicto, quando Bazilio era puchado pelos quatro barqueiros das unhas do despachante, cuja honra era notoriamente furiosa, se a calumnia lhe cravava o dente.

Ervedosa e os companheiros desfecharam das mandibulas, um pouco suspensas e abertas de espanto, estrondosa gargalhada, com a qual o despachante se descuidou da presa, e Bazilio pôde escapulir-se.

O barco afastou-se; e o moço, de longe, exclamou:

—Lá está o amantetico da sua filha, ó tia Custodia! Alli o tem bem a geito; chame-o lá p'ro seu barco, que aquelle é que lhe serve á sua filha!

Henrique, emquanto Ervedosa descarregava um tiro de maças martingiz sobre Bazilio, mandara remar contra o barco do insultador, que escancarava umas risadas de embriagado. Alberto, porém, oppoz-se ao ataque, achando vergonhosa uma batalha naval com tão baixo inimigo.

Os botes remaram, distanciando-se, até á praia, que borda a quinta de Oliveira.

O despachante e a familia desembarcaram primeiro, e desapareceram entre o arvoredos.

Henrique e os companheiros seguiram o rancho das meninas, que não ousavam rir ante o aspecto carrancudo de Manuel José Borges.

Bazilio associou-se a alguns artistas que afinavam os

instrumentos na praia, e faziam as primeiras libações das limonadas, que se faziam apeteecer debaixo das frondes dos choupos.

N'este rancho se encorporou Bazilio, já conhecido de alguns fabricantes, que se tinham em seus tamancos de valentes, e figadaes inimigos dos *casacas*. O filho do respeitavel Enxertado contou ingenuamente os ridiculos contratemplos que soffrêra, e moveu a commiseração dos artistas, que protestaram vingal-o no arraial.

Durante o dia não se azou o ensejo de travar-se a desordem. Henrique e os dois destinados holocaustos andavam sempre em companhia do administrador de Villa-Nova, que fôra condiscipulo de todos, e impunha medo aos aggressores.

A' noite, porém, quando os barcos desciam para o Porto, deu-se um conflicto, cujo horror anda impresso nos jornaes da cidade invicta do anno de 1848.

A seguinte local é do estylo do Ervedosa. Posto que enflorada com demasias de mau gosto, o essencial d'ella é verdadeiro, e por tal a transcrevemos:

DESASTRE. As aguas claras do patrio Douro foram hontem á noite turvadas por algumas gotas de sangue, que pareciam de kágado, pelo vivo escarlate d'ellas. E' o caso que, vogava serenamente um bote com tres cavalheiros, rio abaixo, quando a mais brutal arremettida de alguns membros da baixa plebe foi de encontro ao bote, com grande grita de injurias menos pungentes que o fartum do vinho que exhalavam os ditos. Os cava-

lheiros defenderam-se corajosamente do bando de canibaes, e conseguiram submergir o mais furioso de todos, um tal Bazilio Enxertado, que tres vezes mergulhou, sujando de vinho as aguas de prata, e outras tantas veio á tona mostrando a cabeça hedionda. Ao quarto mergulho, os companheiros, cegos de sua bebedeira, não viram que se ia ao fundo aquella existencia na flor da estupidez; um dos tres cavalheiros, porém, espreitando o local onde se espojava a alimária, conseguiu segural-a pelas orelhas, que davam excellente péga a quatro homens. Infelizmente para a zoologia comparada, o tal Bazilio emergiu com aspecto cadaverico; e passou como coisa morta. Alguem, todavia, se lembrou de pôr de pernas ao ar o bruto e sacudil-o; lembrança esta que deu em resultado um copioso vomitorio de carrascão, á volta com indigestas rodelas de linguça. Bazilio Enxertado foi desde o caes dos Guindaes conduzido n'uma cadeirinha a casa do pae, depois de pagar ao fisco os direitos de meia pipa de vinho, que, ao parecer dos aferidores, lhe entumecia os intestinos grossos. Pede-se ao sr. José Enxertado, pae d'este feio enxerto dos envinagrados cascos de Sileno, que tenha à suja prole em resguardo, sob pena de lh'a desfazerem em adubo dos nabaes de S. Cosme.



Bazilio poeta. Conquista um tacho. O que lhe aconteceu  
na capoeira

No proximo mez de outubro, elegeram prelada as freiras de Santa Clara.

O Porto, em 1848, era um viveiro de poetas.

Ninguem sabe hoje que fim levaram as dezenas de mancebos bafejados pela inspiração, e que lavavam o rosto macilento nas aguas da Castalia.

Estreavam-se nos outeiros, e ahi grangeavam renome, que promettia glorias á nação, e principalmente ao Porto, que os maldizentes acoimavam de torrão ingrato ao cultivamento das lettras. Levaram sumiço quasi todos!

O abbadessado de 1848 fôra muito animado. Alli appareceram as reliquias dos famigerados poetas de 1820. Alguns, já palpados pela mão fria da morte, com a po-draga nos joelhos, lá foram dar o derradeiro adeus áquel-

la formula da sociedade antiga, ao improvisar em outro, ao dulcisono dialogar com freiras, freiras já fahnosas, mas ainda aquecidas de uma faúlha da velha chamma.

Não sei que melancolia me dava a presença do ancião, que, do interior da cadeirinha, levada a hombros de prestantes gallegos, orgulhosos da apollinea carga, pedia o mote, e com voz convulsa do catharro glosava em termos tão maviosos e sentidos como deviam tel-o sido trinta annos antes, n'aquelle mesmo local, onde o coração lhe saltara vehementemente apaixonado! Era isto bem de magoar quem como eu, desde os primeiros alvares da puericia, me ficava scismando n'esta escuridade da velhice, em que todo meu viver são saudades. A que vem eu fallar de mim?

Não é despropositadamente. Cabe-me porção d'este capitulo, que não anda inserido nas minhas biographias.

Aqui hei de confessar, com a mão no rosto rubro de pejo honroso, que vendi a minha musa, e fui grande parte nos desgostos novos do sr. Bazilio Fernandes Enxertado.

Foi assim.

Acabava eu de recitar, mediante o auxilio de um rolo acceso, um soneto, tão de *improviso*, que já tinha o assumpto em minha casa, oito dias antes. Era o assumpto:

Amor é vida, é alma; amor é tudo



Lembra-me o terceto final :

Eu venho aqui provar com estro agudo  
Que amor é ceu na terra, é paraíso ;  
Amor é vida, é alma ; amor é tudo

Da modestia do estro agudo admirou-se toda a gente, e muita manifestou sua admiração com estrondo de risada e assobio : modo estranho entre nós, mas usado em Grecia e Roma, quando o caso pedia as duas expressões sublimadas do contentamento : o riso e o assobio.

Estava eu adoçando a veia com os bolos da freira que me dava os motes, quando senti no hombro direito a mão pesada de Bazilio, que eu já conhecia dos bailes da Terpsichore, em que eu fiz proezas de solo inglez.

—Queria-lhe uma palavra, disse-me elle.

—A's suas ordens.

—Aqui em particular.

—Lá vou.

E segui-o até debaixo das janellas gradeadas em que era costume as creadas das freiras conversarem os seus poetas e prosadores, regalando-os de bolos e asneiras á tripa-fôrra.

—O senhor faz-me um favor?—disse elle.

—Se estiver na minha mão...

—Ora, se está! Faz favor de vir aqui abaixo.

E levou-me mais para o escuro de duas paredes que formavam um recanto.

—O senhor ha de perdoar o meu ousio—proseguiu elle com lorpa acanhamento—eu tinha gana de botar uns versos a um tacho. . .

—Como assim—atalhei eu—quer o senhor fazer um guisado de versos!?. . . Com similhante comestivel andariam mais gordos os poetas!

Eu já sabia que *tacho* é synonymo de criada de convento nos mosteiros do norte; quiz eu, porém, gracejar com o bom do Enxertado, que era bruto até captar a sympathia de quem como eu se affeição a todos os viventes irrationaes.

E continuei:

—O sr. Bazilio namora uma criadinha, e deseja glosar-lhe alguma coifa de quartos de marmelada, mediante uns versinhos glosados.

—E' como diz.

—Pois aqui estou ás ordens.

—O senhor ha de perdoar—tornou elle.

—Está perdoado.

—Não que eu queria dizer-lhe. . .

—Diga, sr. Bazilio.

—Tenho minha aquella. . .

—Tem sua aquella?

—Sim. . . quero dizer que tenho vergonha. . .

—Ora! deixe-se d'isso. . . Falle. Quer versos? Já sei. Peça-lhe o mote.

—Pois sim; mas eu quero pagar o seu trabalho. Dou-lhe um pinto por cada verso.

—Por cada verso?! Veja lá que se arruina! Uma de-

cima tem dez versos; cada decima, pelas suas contas, são dez pintos.

— Isso não, que me não chega o que trago; mas faça o senhor os versos, que eu fico-lhe a dever.

— Não, senhor; a sua intenção era dar-me um pinto por cada decima. Está feito o contrato. Peça lá o assumpto.

Acercou-se Bazilio da parede, e disse:

— Alecrim!

— Rosmaninho! — respondeu o *tacho* com gracioso es-pivitado.

— Venha mote.

— Lá vae mote:

E's o meu amado bem.

Retirei-me cautelosamente, e Bazilio seguiu-me ate ás escadas do Codeçal, onde não chegavam os poetas de inspiração rebelde.

Compuz a decima; ensinei-lh'a a decorar, depois a recitar em voz alta. Findo este leve trabalho, Bazilio deu-me o primeiro cruzado novo. Foi a decima muito applaudida, e repetida tres vezes, com admiravel fidelidade de memoria, e até graça na declamação.

Quem diria!

Bazilio levou a palma entre os provençaes dos tachos. A's tres horas da manhã elle e eu e a criada eramos os restantes do grande concurso que o frio de outubro dispersara. Fiz doze decimas, e um soneto, que foi pago

como duas decimas. Liquidei—réis, seis mil setecentos e vinte, e benzi-me com elles, que foi o primeiro e mais saboroso fructo do meu espirito, assoldadado a Bazilio Encertado, por amor de Brigida Rosa, que era a graça da servinha monastica.

Como disse, pesa sobre mim um terço pelo menos da responsabilidade dos ulteriores infortunios do meu heroe.

Brigida apaixonou-se pelo seu poeta, e elle cegamente por Brigida, que, no tocante a cara, valia mais que Itelvina, se me é fiel a memoria; de costumes, porém, devo crer que estivesse algum tanto estragada, apesar da pureza atmospherica do convento.

Devia ser ella quem animou Bazilio ao destempero de saltar á cêrca do mosteiro pelo lanço mais accessivel da muralha. Foi alli pelo *Postigo-do-Sol*, entre a primeira e segunda ameia, que o temerario escalou o pomar, com ajuda de uma escada de pau, segurada por um caixeiro, já useiro e vezeiro de quejandos assaltos á ternura de outros tachos, abominavelmente viciosos.

O salto para o interior da cêrca era sem risco. Bazilio, ás duas horas da manhã, estava nas hortas das freiras, orientando-se, segundo as indicações de Brigida, na portinha que devia encontrar cerrada.

O luar resplandecia como a luz do sol.

Costumava o pomareiro madrugar, em noites claras, para dar caça á toupeira que lavrava as hortas. O leitor do Rocio não sabe de certo o que é caçar toupeiras, e de sua ignorancia lhe dou sinceros parabens: signal é

que a sua vida corre saboreada entre as delicias urbanas da civilisação, estranhas á rusticidade do trato aldeão, onde estas coisas de toupeiras se aprendem.

Abri-a o hortelão a porta do seu casebre com ruido. Bazilio cuidou que era Brigida, e alegrou-se; breve, porém, descortinou o vulto do homem e o roçar da sachola toupeiriçada na tranqueira da porta.

Doeu-lhe a barriga de medo. Esta volta de intestinos — que é o que era — desmente algum tanto o animo affeito do invasor de mosteiros! Pensou em guindar-se ao ponto d'onde descera; mas o coadjutor do delicto só, uma hora depois convencionara passar a escada para dentro.

Corria rente com a muralha uma álea de arvores fructeiras. Bazilio foi indo de gatinhas bem cosido com o muro em direcção opposta á do hortelão, que tossia grosso para alliviar a garganta do pigarro da agua-ar-dente. Ao cabo do renque de arvores, lobrigou Bazilio um cardenho, que pegava com outros casebres do mosteiro. Arrastou-se até lá, e achou cerrada uma porta. Bateu-lhe o peito de jubilo, conjecturando que Brigida estava alli. Empurrou de mansinho a porta, e murmurou:

— Brigidinha!

Como não ouvisse resposta, cuidou que ella tivesse adormecido.

Abriu mais a porta, para caber. Os gonzos deram um som rispido. Bazilio estremeceu: foi que estrugiu lá no interior do casebre um estridulo cacarejar de gallinhas. Era a capoeira das monjas.

O hortelão, que ouvira os cacarejos, entendeu que a raposa entrara no gallinheiro, e deu a correr na direcção do cardenho. Viu-o o Bazilio, e teve segunda e maior dôr de barriga. Tranzido de susto, acceitou a primeira lembrança que lhe occorreu: enfiou pelo escuro dentro. O resultado foi que as espavoridas gallinhas bateram as azas, esvoaçando contra as paredes. Uma ou mais das aves, bateram-lhe em cheio na cara, arranhando-lh'a com as unhas. O infeliz acocorou-se a um cantinho, trêmendo como varas verdes.

Chegou o pomareiro á porta, e bradou:

—Passa fora, diabo!

Bazilio encolheu-se, e as gallinhas debateram-se com redobrado pavor.

—Passa fora!—tornou o hortelão, batendo estrondosamente na porta com o olho da enchada.

As freiras, que moravam nas cellas superiores á capoeira; como despertassem ao trom das pancadas, que eccoavam nos dormitorios, saltaram alarmadas dos seus leitos, e fizeram gritaria. As mais corajosas abriram as janellas, que davam para o pomar, e chamaram o hortelão afflictas.

—Não é nada, senhoras!—disse elle—sou eu que estou a espantar a raposa, que anda nas gallinhas; mas o diabo, Deus me perdôe, ainda não sahiu, e as aves saltam que tem coisa má! Se as senhoras mandassem uma candeia pela porta de lá, talvez que eu pudesse dar uma sacholada na raposa.

A prioriza, que estava a ouvir, mandou uma criada

com uma lanterna abrir a porta, que communicava da cosinha com a capoeira.

Bazilio, quando ouviu o rodar das chaves de outras portas mais afastadas, julgou-se perdido.

O terror tem sido, algumas vezes, o mais avisado conselheiro nas angustias. Muitas victorias, que a historia attribue ao denodo dos generaes, foi o impeto da resolução extrema do medo que lh'as deu. A batalha das Canas, da Pharsalia, de Narva, de Austerlitz sem o terror dos vencedores, seriam meros recontros sem consequencias.

O terror foi a salvação de Bazilio, se não inteira, muito de aproveitar, e invejar em similhantes entallas. Quando a chave da visinha porta entrava já na fechadura, o desesperado moço lançou mão em redor de si, e encontrou uma ripa encóstada á parede. Agarrou d'ella, e deu nos poleiros, ás cegas, bordoadas de alto a baixo. As gallinhas, que já estavam a socegar, revoaram de novo com maior estrepito. Ao abrir-se a porta, um turvolinho d'ellas bateu de chofre na criada, que deixou cair a lanterna, e despediu um grito agudo, dando a correr, e a bradar que vira um phantasma na capoeira.

Correu a noticia no convento: ergueu-se toda a gente, e accenderam-se velas nos oratorios particulares, e nas ermidas do claustro.

Entretanto, o pomareiro, que não tinha idéas bem precisas ácerca de phantasmas, deliberou entrar ás escuras na capoeira, e espancar as trevas com o cabo da sachola.

Bazilio comprehendeu o perigo, e invocou ainda a opinião salvadora do seu medo.

Tinha elle ainda a ripa nas mãos, quando o poma-reiro fez o primeiro bote, acompanhado de esconjurios como «salta diabo!» e outros que taes.

Qualquer de nós, se tivesse uma discreta libra na algibeira, comprava a integridade das costas, e o silencio do hortelão; Bazilio, porém, insciente da condição corruptivel dos hortelães de freiras, ou desprovido da libra bem empregada no resguardo de um escandalo, tomou, como melhor dos argumentos, a *ultima ratio*, a razão dos despotas, o argumento da ripa, com a qual desceu uma formidavel espadelada na orelha esquerda do hortelão.

Fez pé atraz o affeito luctador com phantasmas, exclamando:

—Com dez milheiros de diabos! Aqui estão ladrões!  
E ajuntou, bradando ás freiras e moças que espreitavam temerosas por entre as grades:

—São ladrões! Já levei uma paulada na cabeça!

A criada, que fugira, contou que deixara a porta da capoeira aberta. Razão de maior terror nas madres! Ficando a porta aberta, os ladrões estavam no interior do convento. Não houve mulher que ousasse ir fechar ao menos a porta da cosinha. As mais corajosas sahiram ás janellas, que abrem para o largo fronteiro ao convento, chamando a patrulha, e o capellão, morador na casa contigua. As patrulhas haviam já recolhido. O capellão acudiu ao chamamento de muitas vozes, e perdeu a côr,



quando lhe disseram que andavam ladrões no interior do convento. Reflectindo, porém, serenou do sobresalto, e disse á criada :

— Quem sabe se são ladrões! . . . não sei! . . .

— Ladrões de corações. . . disse a moça, que tinha sido criada com as freiras, e assistiu a outros assaltos de inoffensivos salteadores.

— Ora ahi está! — tornou o capellão, vestindo-se vagarosamente, para dar tempo a que os ladrões sahissem sem escandalo. O hortelão fôra chamar soldados á estação do governo civil, que lhe ficava á mão. Bazilio ouvia o reboliço interior do mosteiro, quanto lh'o permitiam as gallinhas sempre irrequietas. Deram-lhe, porém, tempo de pensar nas consequencias da sua situação. O alvitre, que lhe venceu o animo perplexo, foi o mais despropositado de todos. Em vez de sahir da capoeira para a cêrca, e ir ao muro, onde pôde ser que o estivesse esperando o desmoralizado caixeiro, sahiu pela porta de communicação interior com o convento, no intuito de esconder-se ás pesquisas da municipal, que o pomareiro altamente dissera que ia chamar.

Achou-se Bazilio em plena escuridão, tateando umas bancas de pedras, que lhe estorvavam o passo. Foi palpando até topar um armario, cujas portadas abriu. No interior do armario estavam rimas de tachos (sinceros tachos, e não criadas) de fabricar doce. Um cantinho estava devoluto. Bazilio agachou-se ali sem dar o mais leve rumor; fechou as portadas sobre si, e ajustou a orelha á fresta.

Momentos depois andavam soldados, com o capellão á frente, nos dormitórios. O padre sorria velhacamente sob capa; os soldados curavam mais de vêr as caras tresnoitadas das moças, que de farejar ladrões. Não obstante, ao entrarem na cosinha, contigua ao palheiro, callaram baioneta, a pedido do pomareiro.

Atravessaram a cosinha, e passaram com precaução á capoeira. As gallinhas esvoaçaram de novo, e a tropa recuou; mas, refeita de animo, investiu de baioneta apontada. Nem vestigio de ladroeira, e menos ainda de raposa. As aves estavam todas vivas.

—Fugiram para o pomar! disse o hortelão.

O padre, incredulo, duvidou da affirmativa do pomareiro; este porém, mostrando-lhe a orelha ensanguentada, tornou a situação mais temerosa.

Sahiram todos a explorar a cêrca, e voltaram a percorrer os baixos do mosteiro.

Rompia já o sol, quando os soldados sahiram, e o capellão acabou de formar o seu juizo, que era o mais chegado á verdade, posto que involvesse calumnia a uma religiosa mais peccadora que as suas irmãs. O voto unanime das religiosas e criadas foi que andava trasgo no convento, a alina penada talvez de má freira que havia ali morrido quarenta annos antes. Todas as servas do Senhor se proveram de agua benta, para abluições nocturnas, em caso de necessidade.

E que fazia Brigida Rosa n'estas aperturas de Bazilio?

Brigida estivera até ás duas horas e meia encostada

á porta por onde a sua amiga costumava receber o caixeiro. A moça tinha passado a noite anterior em colloquio com um albardeiro, disposto a matrimoniar-se; andava mal dormida; começou a pingar com somno, e cabeceou até cahir de todo. Ao estrondo das sacholadas do hortelão na porta da capoeira, accordou atarantada, e entendeu que era com ella a bulha e enferneira que ia nos dormitorios. Correu escada acima, e, a muito custo, conseguiu metter-se ao quarto, quando a ama attribulada a estava chamando. Despiu-se para se vestir, e compoz a mais innocente e espantada das caras. Ajudou á busca do convento; e (que fino olho!) na cosinha deu fé de estar aberto o armario, onde farejou o amado Bazilio! São estes faros uns como mysterios do coração amante, que não podem ser definidos mesmo em sombra! Uma servilhêta qualquer, em palpites d'esta ordem, é tão subtil como a magnetica compleição da mais nervosa marqueza!

A cosinha, chamada do refeitório, desde que as freiras cessaram de comer em communidade, deixou de servir, excepto nas temporadas de maior fabrico de dôce para embarque. Tinha isto Bazilio a seu favor, sem o saber. Esperava elle mui assustado que, a horas de accender o lume, seria descoberto entre as cassarolas, e entregue ao poder da justiça. Consolava-o a idéa de que o regedor era compadre de seu pae; ainda assim, a lembrança da sua falta em casa, quando o pae fosse ao almoço, os sustos da mãe, e a cossa, sobre a vergonha que o esperava, espremeram-lhe sinceras lagrimas.

Ha desgraças tamanhas, que chegam a ser sublimes! E' pená que taes desgraças andem por sujeitos como Bazilio! Deviam ser exclusivo de homens não vulgares.

Seriam dez horas, quando Enxertado sentiu debilidade, que elle, em sua consciencia, chamava fome. Vejam o que é o estomago! que desprendimento das outras visceras mais nobres! que absoluto egoismo! que miseravel sacco de baixezas e immundicies! Nem ali se calou a ignobil viscera, que parece ter feito theatro de suas gritarias os parlamentos, academias, e até os pulpitos, não fallando nos jornaes, que esses tenho eu já em conta de terceira membrana do estomago.

Bazilio estava agoniado. Ousou abrir um todo-nada do armario, e espreitar, a vêr se descobria comestiveis. Nada, inteiramente nada! A aridez do antro de Ugulino n'aquillo tudo! Por um triz que não desfallece, antes de ouvir o conselho da sua desesperada fome!

Onde estavas tu, Brigida Rosa, que não acodes, nem adivinhas que o teu leal amador medita, antropófago de si mesmo, comer as proprias orelhas, se as poder alcançar com os dentes!

Brigida responde dignamente a esta apostrophe do leitor sensivel. Ella ahi entra na cosinha, com o quer que seja no regaço. Bazilio cheirou-a, Bazilio viu-a, Bazilio estoira de alegria; abre as portas, e exclama:

—O' Brigida!

—Calla-te!—murmurou a moça—que, se te descobrem, vamos p'ra a cadeia. Tens fome, Bazilio?

— Fome de palmo.

— Toma.

E deu-lhe um bom naco de boi cosico, meio salpicão, e obra de um arratel de figos de comadre.

— Come que eu volto já.

Bazilio esteve a estrangular-se com o tamanho do bocado. Adão, faltando ao prometido a Deus, comeu o pomo vedado com delicias iguaes ás do seu descendente Bazilio Fernandes Enxertado, transgressor dos deveres sociaes, e mormente dos estatutos dos mosteiros.

Voltou Brigida afreimada e medrosa.

— Soube-te bem? — disse ella.

— Como gaitas. Pões-me lá fóra?

— Lá fóra onde?

— Na rua.

— Tu estás doido! Como queres tu sahir p'ra rua agora de dia?

— Diz-me por onde se vai ter á portaria, que eu escapo-me.

— Pois não escapaste! Estavamos aviados! Deixa-te estar, e á noite sahirás.

— Por onde?

— Por onde entraste. A Escolastica já escreveu ao Thimoteo pedindo-lhe que te lance a escada á meia noite.

Esta Escolastica era o tacho amante do caixeiro.

— E tu vens cá ter até eu me ir embora? — interrogou Bazilio.

—Se poder, venho; mas, esta noite, dorme cá dentro o capellão, e mais dois padres. As freiras velhas dizem que anda cá um espirito. Parece-me que não posso passar para cá. Adeus, adeus, que me chamam. Logo trago-te mais de comer.

Bazilio teve somno: deu-lhe na fraqueza o salpicão, e a meia garrafa dè vinho velho, que Brigida trouxera na segunda visita.

E adormeceu, como pedra, aquella, entre tantos tormentos, felicissima e bruta alma!

Uma hora da tarde seria, quando uma freira velha e duas creadas desceram á cozinha para examinarem a ca-poeira, e borrifal-a de agua benta.

A madre ia pisando receiosa as lages da cozinha, e olhando a tódos os lados e recantos, com o seraphico intento de espantar o diabo, se diabo estivesse por alli esperando a noite para recommençar suas tropelias.

N'uma d'estas observações estava ella, quando o adormecido Bazilio, sonhando que os soldados da municipal lhe botavam as unhas, sacudiu uma perna, a perna bateu com o pé n'uma rima de cassarolas de cobre, e a rima, tombando de encontro á porta do armario, abriu-a, e foi a terra com espantoso fragor.

A freira deu tres gritos, as criadas gritaram tambem, e fugiram, desamparando a velhinha, que perdeu os sentidos, e caiu no lagedo.

Bazilio acordou, ergueu-se, viu ainda as criadas que fugiam ululando, e a velha prostrada e arquejante, per-signando-se atrapalhadamente.

Como te salvarás d'esta esparrela que a desfortuna te arma, infeliz amigo, que eu empurrei a esse abysmo com a minha venal habilidade de fazer decimas?

O anjo-custodio dos estupidos cobriu-o com as suas azas! Com que outra imagem poderia eu fazer a apologia da felicidade d'este sympathico tolo?!

Bazilio sae da cozinha apavorado, atravessa o casebre da capoeira, salta para o pomar, corre como doido atravez das hortas, chega á alterosa parede, vê na extrema do muro um carro de lenha, que entra por um portão aberto; corre ao portão, transpõe-o com velocidade de gamo, e acha-se na rua, em pleno ar, livre de perigo, e apenas observado pelo carreteiro que olha espantado para o sujeito, e faz o seu juizo a respeito da virtude das freiras.

As criadas da madre fulminada vieram com toda a communitade. Viram os tachos dispersos no chão. Ergueram a monja, que nunca mais foi escoreita. Despejaram canadas de agua benta na cozinha, e nunca mais dormiram uma noite socegada, salvo Brigida Rosa que dormia perfeitamente, e a sua amiga Escolastica, que, apezar do exemplo, continuou a ser o escandalo e a inveja de Brigida.

Assim terminou esta aventura de Bazilio Fernandes Enxertado. Peço perdão á sociedade e ás freiras de Santa Clara particularmente da parte que eu tive n'estes immoraes successos.





## A paixão fatal do heroe. Memorias dos nossos dias

Henrique Pestana, bem que estragado e perdido no conceito do mundo, era capaz de amar, e fazer-se bom pela regeneração do amor.

Afeiçoar-se a Itelvina principiou como brinquedo, apontando talvez a um alvo immoral; porém, como quer que a filha do despachante recusasse acceitar-lhe a terceira carta, depois que recebeu a segunda menos honesta que a primeira, Henrique foi obrigado a pensar na seriedade da sua tentativa.

Corria no Porto a atoarda de ser rico Manuel José Borges. Os louvados de sua riqueza eram os censores da educação, que elle dava á filha, e do luxo com que a levava a bailes de negociantes, á missa dos Congregados, e ao theatro lyrico. Para assentarem a mais acceitavel das hyptheses, com que no Porto superficial-

mente se explicam muitas *fortunas*, diziam que elle roubara a fazenda nacional contrabandeando, e tivera rasca em certos roubos memoraveis da alfandega.

Qualquer que fosse a origem dos suppostos cabedaes do despachante, Henrique de si para si transigiu com os costumes, e achou que nenhuma fonte é impura, quando um seraphim como Itelvina lhe purifica as aguas. N'este louvavel entendimento das coisas, deliberou Henrique Pestana pedir Itelvina a seu pae.

Sollicitado a dizer quem era, respondeu a Manuel José Borges que era academico de Coimbra, filho do director da alfandega de Bragança, e presumpitivo herdeiro de tios ricos.

O pae de Itelvina disse que sua filha não tinha dote, e precisava marido que podesse mantel-a com a decencia de sua educação; e portanto, ajuntou elle:

—Se v. s.<sup>a</sup> quer assim minha filha, e tem o necessario para ambos, e ella annuir, eu não os estorvo de se unirem.

Henrique mudou de côr; mas em honra sua, importa dizer-se que reprovou com o coração a baixeza do espirito calculista. Pediu alguns dias de espera—os necessarios para consultar o pae—e retirou-se muito nas boas graças de Manuel José Borges, e da sr.<sup>a</sup> D. Custodia, que foi chamada á sala.

Já Henrique sabia que seu pae, a não se oppor a um casamento pobre, lhe negaria as migalhas da sua mesa. Era pois escusado rogar-lhe o apoio n'uma loucura mais fatal que todas as outras.

Pensou o moço em grangear por si mesmo a subsistencia de sua mulher; ponderou os quilates da sua intelligencia, e, como se visse inutil para tudo, tentou primeiro a carreira de publicista, a qual abandonou quando viu que o empresario da gazeta lhe pagava os artigos com bilhetes de entrada nos theatros; e, a fallar a verdade, no dizer do Ervedosa, liberalmente lh'os pagava.

Voltou o rosto para empregos, e resolveu ir a Lisboa requerer uma coisa que elle não sabia o que era. Sollicitou recursos do pae, que lh'os negou, intimando-o a recolher-se a casa.

Foi Henrique para Bragança com o coração lanhado de saudades; e de lá, com sincera dôr, escreveu a Manuel José Borges, contando-lhe a cruel impossibilidade de haver os recursos precisos para o decente estado de sua mulher.

Itelvina viu esta carta, e chorou amargas lagrimas. Amava-o ella com o apego do primeiro, do virginal, e santo amor dos dezoito annos. Habituara-se a ver realisada a esperanza de ser a esposa do galante moço, que muitas visinhas lhe quizeram disputar. Foi golpe fundo o desengano, golpe que devia quebrar-lhe as côres, se ella não fosse mulher, e nascida de mais a mais n'estes ultimos annos, em que todas as meninas nascem gastas como d'antes morriam as macrobias.

Com o paternal proposito de mitigar as saudades de Itelvina, o carinhoso pae tomou um terço de assignatura de camerote de quarta ordem no theatro lyrico, e le-

vou-a tres domingos de tarde áfios ao espectáculo tragico da «Degolação dos Innocentes».

Itelvina foi-se distrahindo, principalmente com as barras côr de alecrim de um vestido de seda azul, que o pae lhe comprou, e um chapéu escarlata com flores brancas.

Estava cada vez mais secia a feiticeira rapariga, e prendada como poucas.

A noticia da sua muita habilidade no cravo, e no canto, chegou aos directores da Philarmonica da rua das Hortas, que a convidaram a ter distincta parte nos seus sarãos.

Informou-se do que era, e foi pessoalmente examinar a philarmonica o despachante.

Viu que aos rapazes era defêso conversar com as senhoras.

Viu que apenas se podiam entrever os dois sexos mediante uma vidraça entre a sala das senhoras e o tampo de uma esçada.

Viu mais que os socios directores da Philarmonica, encarregados de levarem as cantoras ou pianistas ao tablado do piano, eram sujeitos de bons costumes, e que pagavam decima.

Viu, e consentiu em levar a sua Itelvina á Philarmonica.

Estes requisitos, aparentemente demasiados, justificava-os Manuel José Borges com o funesto resultado dos bailes da Terpsichore. A paixão mallograda da menina abriu-lhe os olhos á razão, que alumiaava mui-

tos outros paes de familia da recommendavel cidade.

Bazilio Fernandes Enxertado tambem era da Philarmonica. Para toda a gente era coisa de espanto ver as mãos largas de José Fernandes, avaro na fama, para aquelle filho grandemente gastador! Não faltava a uma recita italiana, e applaudia com luva amarella, ou pateava com bota de polimento. Sahia do theatro, e pagava lautas ceias de ostras e salame na *Aguia d'Ouro*. Alugava cavallo aos domingos e ia jantar á Foz ou á Ponte-da-Pedra. Era socio da Assembléa, da Thalia, da Mnemosine, da Therpsichore, da Philarmonica e de muitas outras sociedades recreativas e dispendiosas! Como é que o fôna José Fernandes, toda a vida labutando, se dispendia assim com o filho, vocação decidida para uma estroinice estúpida, estroinice peculiar dos mancebos dinheirosos e extravagantes do Porto?!

Em verdade o mercieiro do largo de S. Bento, desde aquella doença, em que o filho esteve a ir-se, perdeu a dignidade moral de pae, e deu largas ao temperamento afidalgado do rapaz. Gostava elle que os vizinhos lhe dissessem: «Teu filho tem ares de fidalgo! Olha que não se parece contigo, José!» Gostava d'isto e ia de entranhas lavadas dizer á senhora Bonifacia que os vizinhos achavam que o seu Bazilio não se parecia nada com o pae. E a virtuosa esposa dizia: «Pois olha que é teu, José!» como se pela cabeça de José Fernandes podessem passar suspeitas da procedencia de seu filho, que era a cara d'elle *escripta e escarnada*, como dizia a senhora Bonifacia no seu vasconso plebeu.

Cumpre, porém, saber que Bazilio, afóra a mezada que seu pae lhe dava, recebia outra de sua mãe, e forrageava nas gavetas uma diaria, que era grande parte no supprimento das despezas que davam quebranto aos observadores.

Sem lh'os encarecerem, os haveres do especieiro passavam por grandes. Bazilio, filho unico, era o que, lá no Porto, dizem, *sorte-grande*. Meninas, filhas de commerciantes, já commendadores, e com o baronato d'olho, não se dedignavam de lhe receberem as olhadelas no theatro e na Philarmonica.

A espirituosa Celina, por amor de quem um poeta se batera com um romancista, achou-o engraçado, ouvindo-lhe dizer uma asneira de proporções agigantadas.

A pudente Fortunata, que nunca punha olhos em homens, perguntou á mãesinha se pareceria mal olhar no theatro para Bazilio.

A requestada Corina, que tres brasileiros disputavam, achou que o frizado de Bazilio era phantasioso, sem attender ao volume da cabeça.

Bazilio Enxertado era artigo de dialogos entre meninas, que pareciam pombas do ceu cançadas de volitarem n'este mau ar que os homens expellem dos pulmões corrompidos.

Tal era a voga do amante de Brigida Rosa, quando Itelvina appareceu na Philarmonica, tocando e cantando com agilidade e voz admiraveis.

Viu-a Bazilio; e para logo das cinzas mal extinctas do amor de infancia resaltaram labaredas. Não estava

em si o moço. Poz nariz á fatal vidraça, e alli esteve até que Itelvina saíu. E ella que o vira, e tambem admirada do gracioso buço e dos cabellos tufados a ferro, e ao perpassar por elle, relanceou-lhe de soslaio os derramados olhos, e disse lá comsigo: «Se eu quizesse...»

Este *se eu quizesse* prendia com uma conversação, que ella escutara entre duas meninas da rua das Flores, que lhe ficavam atraz da sua cadeira:

Dizia uma:

—O Bazilio está hoje muito amavel comtigo.

—Já reparei.

—E tu?

—Eu olho; mas desconfio que elle está olhando para esta.

—Quem é esta?

—E' a que cantou ha pouco.

—Ah! a filha do despachante?

—Sim.

—Ora!... pois tu crês...

—Eu sei cá!... Achal-a bonita?

—E' muito desmaiada.

—Olha, Carolina, não te parece que é para ella que está olhando?

—Não: é para ti.

—Pode ser...

—Elle já lá não passa?

—A's vezes...

—E tu casavas com elle?

— Se te parece!... Tem mais de duzentos contos.

— Trezentos disse meu pae.

— Eu já ouvi dizer quatrocentos.

— Bem bom!

— Dizem que elle é muito alarve.

— Acho que não!... Tem rapaziadas, como todos.

Itelvina foi tirada n'esta occasião para ir cantar, e Bazilio desapareceu da vidraça, d'onde não podia vê-la, e foi surdir a sua cabeça inconfundivel por cima dos braços dos rebecões da orchestra.

As meninas da rua das Flores, quando a applaudida Itelvina voltou a sentar-se, disseram :

— Elle lá está já na vidraça!

— Tem bom gosto!

— Tem!...

— Está a mangar com ella. Aquillo passa-lhe em sabendo quem ella é.

Aqui está a razão do mental «se eu quizesse» da filha do despachante, que descia orgulhosa d'ella.

Bazilio seguiu-a até ao portal. Chovia a cantaros. O moço saiu á rua, onde estavam duas carruagens.

— Aluga-se alguma? — perguntou aos bolieiros de ambas.

Responderam-lhe que estavam alugadas.

— Não importa: dou uma moeda se levarem duas pessoas á rua de Santa Catharina.

A offerta era tentadora. Os pintos tiveram nas algibeiras do proponente, elogo na mão de um bolieiro, que picou a parelha para o portal.



Bazilio foi ao pé de Manuel Borges, e disse-lhe :

—Alli tem a carruagem ás suas ordens, senhor Borges.

O despachante oscilou ; a corda de chuva não estia-va ; encarou na filha, e disse, vendo-lhe o ar de appro-vação :

—Obrigado, senhor Bazilio... Aceito, por que fui sempre seu amigo, e sou-o, desde creança, de seu pae.

A carruagem partiu.

Dizia Manuel José Borges á filha :

— Foi um rasgo bonito de civilidade o do rapaz !

— Tambem acho.

— Parece outro homem.

— Tambem notei isso, meu papá !

— Gostei d'este rasgo de civilidade ! e tu ?

— Tambem... Quem havia de dizer que aquelle brutinho...

— E' o uso do mundo que faz estas mudanças. E está um perfeito rapaz !

— De certo, papá !

— Não reparaste que a cabeça já não parece tama-nha?!...

— Está mais pequena, está ; compoz-se muito !

— Aquillo é que é riqueza !

— Acho que sim...

— Fazes lá uma pequena idéa ! Trezentos contos dou eu pelo que elle ha de vir a ter, em lhe morrendo um dos paes. Quem o apanhará!... Por ahi alguma filha de fidalgo empenhado...

— Quem sabe!... atalhou Itelvina.

— Por que dizes tu isso, menina?— tornou jubilosamente o pae.

— Sei cá!... disse isto...

— O' filha, se tu o pilhavas!...

— Quem sabe!... Estamos n'este mundo...

— Se tal fazes, Itelvina, mettes tudo n'um chinello!

Apearam da carruagem, e mandaram muitos agradecimentos a Bazilio. Itelvina chamou o bolieiro, que desandava o trem, tirou do bouquet uma dhália, deu-lh'a, e disse.

— Entregue esta flor ao senhor Bazilio, e muitos recados e agradecimentos.

— Bem lembrada! exclamou o pai, apertando-a nos braços.

Bazilio recebeu a flor; e, na exaltação da sua alegria deu tres pintos ao bolieiro, e foi d'ali para casa, e recolheu-se poeta ao seu quarto, poeta sim, tão poeta como Petrarcha na noite em que mereceu o primeiro sorriso de Laura.

O amor iguala todos os homens.

Reparem que o coração de Quasimodo amava mais que o coração de Narciso.

Estas duas entidades fabulosas espelham a verdade absurda da condição da especie humana, a mais illogica de todas as especies.

## VII

### O coração inimigo das pernas

— Como tu vens alegre, menina! — dizia a senhora D. Custodia — e tu também, Manoelzinho! Vossês viram passarinho novo lá na festa!... E, com que então, de sege, eim?

— Ora!... se te parece!... — respondeu o radioso marido — Podera não!... Admiras-te, Custodia?... Deixa estar, que, se as cartas não mentem, ainda has de passear em carruagem com libré da tua filha.

— Lá me quiz parecer... — accudiu Custodia — A nossa Itelvina deu no goto a algum brasileiro... Adivinhei?

— Não precisa de brasileiros, se quizer ser rica. Mulher! olha que nós temos sido umas azémolas em dar de mão ao Bazilio. Se eu não fosse tão desagarrado do alheio ha muito que a nossa filha estava casada com

elle; mas tu embiraste com o rapaz, e fizeste aquelle dispaudio quando iamos para Santa Anna de Oliveira... Valha-te Deus, valha-te Deus!...

—Então elle quer casar com a Itelvina? C' gentes! lá por minha causa, se o arranjo faz conta, não haja duvida!

—Ponto é que ella trabalhe n'isso... Fazes lá idéa como elle está com a pequena? Ella te contará o bonito rasgo de civilidade que elle praticou!... Se o visses, pasmavas! Está um perfeito cavalheiro, com uns ares de pessoa de bem, que é mesmo um espanto... E a flôr?—proseguiu o despachante sorrindo e batendo as palmas..

—Que é isso da flôr?—perguntou Custodia.

—Foi uma idéa da tua filha, linda, linda idéa! Vês? se eu te não educasse entre senhoras, Itelvina, aposto se tu tinhas a feliz lembrança de lhe mandar a flôr!... não ha coração que resista a uma coisa assim!

Itelvina foi com sua mãe para o quarto; e o despachante, febril de alegria, ficou passeando e gesticulando. Não sei se todos os pais pobres são miseravelmente temperados á maneira d'aquelle, quando os embriaga a esperança de atirarem de um para outro dia ao meio da sideral sociedade dos ricos mais um planeta no valor de trezentos contos. Todos absolve e respeito em sua ridicula, e, ás vezes, repugnante satisfação. O mundo ensinou-lhes uma felicidade, que é falsa; e elles curam de dar a suas filhas a felicidade, que o mundo festeja e inveja. N'outras eras, igual alegria alvoroçava um pai

que dava sua filha esposa a Jesus Christo, sequestrando-a para sempre dos gosos da vida, dos gosos licitos, quando menos. Então, dizia-se felicidade a vida monastica ; hoje as pompas, qualquer que seja o esqualôr da chaga escondida, formam um contraste sordidamente material com o supremo bem das gerações de ha dois seculos. Vamos com os tempos, e escusemos a inconsideração dos pais, que não podem ficar duzentos annos á retaguarda do restante do genero humano.

Em quanto ás meninas, seria maior destempero ainda o arguil-as. E' uma estolida sem-razão pretender que ellas raciocinem, prevejam, amputem o sexto sentido, que seus pais lhes cultivaram e aperfeiçoaram com diabolico esmero. A área das suas cogitações é estreitissima; o impulsor do seu espirito é o livro, rigorosamente copiado do vivo da actualidade. A tenra alma vai-se entalhando imagens, que não arrastam á vida desregrada, mas aformosentam as concomitancias do vicio, que está sendo aquelle gentil sátan, outr'ora tentador das beatas lindas.

Pelo conseguinte, aqui deixo estampados os meus parabens aos pais, e ás filhas.

E tambem me congratulo com o ditoso Bazilio Fernandes Enxertado; por quanto, no dia seguinte, que era um domingo de abril de 1850, passando elle na rua de Santa Catharina, batendo rijo a calçada, mediante as ferraduras do mais garboso ginete de alquilaria, viu Itelvina, com o cotovello no peitoril da janella, a face encostada á mão, e as fitas encarnadas dos cabellos ser-

penteando sobre as polpas de braço alvo e lustroso de setim.

Bazilio esporeou o cavallo, de geito que o bruto lhe comprehendeu a vontade, já empinando-se, já ladeando, a galões de muito garbo para ambos.

Itelvina gostou d'isto.

Sorriu-se para ella o cavalleiro, levando a mão ao chapéu. A menina sorriu tambem com mais familiar tregeito, e disse :

— Cautella, Bazilio !

— Que é ? — perguntou elle.

— Que tenhas cuidado com o cavallo, que é bravo.

— Não tem duvida.

O moço queria proseguir o dialogo ; mas a felicidade aturdiu-o. Ouvir-se tratar pelo antigo *tu*... Aquelles modos d'ella tão amigos!... E isto, depois das glorias da Philarmonica ! á hora em que tanta gente fallava n'ella, como raridade em formosura, e primeira garganta do Porto!... O leitor, cujo espirito está para o espirito de Bazilio na proporção que toda a gente reconhece, talvez, em passo analogo, se dêsse ares de Bazilio, e mettesse esporas ao cavallo para fugir depressa com a sua espectativa felicidade ! A mim me succedeu tantas vezes isto, quando a idade o permittia, que desejei ser Bazilio, ou coisa assim, para me levantar onde a fama me tinha posto ; desde, porém, que Bazilio me contou suas aventuras, acabei de entender que era infallivel a maxima, escripta por ahi algures d'este mirifico estudo

sobre pessoas do meu conhecimento: e vem a ser que «o amor iguala todos os homens».

E todas as mulheres?

Isso é que não. Desde que eu disse que conhecia vinte variedades, haverá seis annos, já estremei da confusão cahotica de suas excellencias mais tres exemplares. São achegas que vou carreando para maior edificio, se Deus me der vida, e as vinte e tres variedades me não tolherem.

Ora, vamos lá, em boa paz, com ellas e com elles, á historia.

Minutos depois, Bazilio estava de volta, filistriando com o ginete. Não estacou o animal, que arremettia fumegante, sacudindo a espuma ás clinas.

—Cautella!—exclamou Itelvina.

O heroe sorriu, e exacerbou as feridas dos ilhaes com esporadas, que seriam apenas barbaras, se não fossem estupidas.

O opprimido cavallo empinou-se quasi a prumo. O cavalleiro pungiu-o com os acicates, cuidando que era aquelle o preceito hyppico para lhe abaixar as patas. O ginete enfurecido arremessou-se n'um corcovo com desamparado impeto, e tamanhos sacões fez uns apoz outros que cuspiu Bazilio da sella a distancia de meia vara, deixando-lhe as redeas nas mãos, e um estribo com um loro no pé.

Itelvina expediu um guincho, e fugiu da janella. As visinhas tambem fugiram para se rirem dentro. E' que Bazilio rasgara as pantalonas em sitio, onde o dono do

cavallo dizia depois que o cavalleiro devia levar dois pontapés.

Ergueu-se Bazilio a coxear, e por instincto, ou frio, lévou as mãos ao rasgão das calças: teve vergonha o infeliz!

A este tempo, assomava á janella Itelvina com sua mãe.

—Faz favor de subir?—exclamava a segunda.

—Vem, Bazilio, vem, se podes!—disse a menina com affligido alvoroço.

E sahiu á rua o criado para o ajudar.

—Não é preciso—disse Bazilio, arrastando ponosamente a perna direita, e tanto que, um segundo depois, não podia dar passada, subindo os degraus nos braços do gallego, e, do meio para cima, ajudado por D. Custodia e sua filha.

O cirurgião, chamado logo, pô-o a tratamento de bichas e sangria. O gemebundo moço respondia com dolorosas caretas ás moderadas caricias de Itelvina. Preparava-se-lhe uma cama, quando elle pediu que lhe mandassem buscar uma sege. Queria D. Custodia (quanto mudada d'aquillo que viram as aguas do Douro!) que elle se recolhesse á cama, e Itelvina, córando o necessario em tal conjunctura, affoitou-se a pedir-lhe que se tratasse em casa das pessoas tão suas amigas, quasi parentas, que os pais não levariam isso a mal.

Bazilio, mal recobrado ainda da sua vergonha, antes queria afastar-se das testemunhas do seu desastre. E que testemunhas! a mulher amada! Esta dôr chegava-



lhe mais á medula dos ossos que a contusão do femur, da rótula, e da tibia. Tudo soffrêra, mais ou menos, salvo a cabeça cuja espessura craneana era invulneravel, ou então cabeça era aquella que a Providencia velava para designios mysteriosos.

Deu elle, como razão de sahir, a anciedade de seus pais, quando soubessem da queda.

A'quella hora já elles sabiam que o filho quebrara as pernas. Deram-lhes assim a noticia.

Bonifacia atirou com a mantilha ás costas, o marido sahiu mesmo de tamancos, e carapuça azul, e foram ao longo da rua de Santa Catharina até ao local da catastrophe.

Ali lhes apontaram a casa para onde entrara Bazilio.

—Acolá mora o compadre Manoel José!—disse José Fernandes.

—E' verdade.

—Queres tu vêr que o namoro pegou outra vez?—tornou o especieiro.

—Vamos lá; agora o que lá vai, lá vai—replicou a consternada mãe.

Entraram na saleta, onde o facultativo empachava com pannos molhados em agua-ardente as pernas de Bazilio.

Bonifacia deu um ai agudissimo, e correu a abraçar o filho. José Fernandes ficou á porta, duvidoso se devia entrar com os tamancos na sala esteirada.

—Faz favor de entrar, sr. compadre—disse D. Custodia.

—Dê-me a sua mão, meu padrinho!—disse Itelvina.

—Deus te abençõe—respondeu o merceeiro.

—Minha madrinha—tornou Itelvina com affectuosa humildade—o Bazilio não tem nada quebrado.

—Não?—exclamou Bonifacia—Foi Santo Antonio... Ainda bem que vocemecê morava aqui, sr.<sup>a</sup> comadre.

—E então?—disse José Fernandes—queres cá uma sege? é preciso ir tratar isso p'ra casa a preceito.

—Chegou agora a sege—disse Itelvina.—Já se tinha mandado buscar.

—Vamos, filho, olha se podes mecher-te.

Bazilio amparou-se nos braços do pae e do cirurgião; despediu-se das hospedeiras senhoras em palavras cortadas de gemidos, e entrou com a mãe na sege.

José Fernandes agradeceu á comadre o favor de recolher o rapaz, e accrescentou com bonacheirona lha-neza :

—Não sei por que andavamos de mal! Estão feitas as pazes; dê cá recados ao compadre, e diga-lhe que appareça, e vocês, se quizerem, aquella casa está ás ordens. Ainda havemos de ir um domingo ao peixe frito a Val-bom!... O' comadre! que tempo aquelle! Como a gente se divertia com tão pouco dinheiro! Vocemecê não lhe dá vontade de chorar, quando se vê velha, e bota a vista pelo tempo que não torna?

—Ora, se choro, sr. compadre!... Tomara-me n'aquelle tempo!...

—Isso é que é verdade... Então; sem mais; adeusinho, comadre, até á vista... Diga ao cirurgião que

vá lá receber a casa a esportula, e vocês, se quiserem alguma coisa, lá estamos... Ouviu? Cá lhes mando um queijo flamengo, que saiu d'aquella casta, e duas ceiras de figos do Algarve.

—Muito agradecida.

—Adeus, minha afillhada; adeus, comadre! Amigos como d'antes!



## VIII

### Com commendas e bolos se enganam os tolos

Bazilio Enxertado era de boa carnadura. As contusões desapareceram. Com oito dias de cama, a razão de duas gallinhas por dia, ergueu-se forte, e mais gordo.

A imprensa do Porto fez chronica d'este successo. Bazilio, por luxo, era assignante dos quatro jornaes da terra, e dava ceias de ostras e salame, como se disse, aos redactores das locaes. O proprio Ervedosa, que fizera pazes com Bazilio n'uma d'essas ceias, deu a noticia da enfermidade do seu amphitrião, como a daria com respeito ao presidente da camara, a um director de companhia, ao prior da Santissima Trindade, ou assim outro magnate sobre quem a sociedade do Porto tem sempre posto o olho attencioso. Varios amigos meus lhe chamaram em letra redonda a flor da mocidade portuense; e eu mesmo, dando a nova funesta da queda, chamei-

lhe *intelligente*; mas, como na oração havia dois agentes, elle um, e o cavallo outro, o publico fez-me o favor de duvidar se eu chamava *intelligente* o cavallo, ou o Bazilio.

Saiu á rua o illustre convalescente, e foi de carruagem pagar a visita a Manuel José Borges, que duas vezes o visitara, em companhia de D. Custodia.

Itelvina, segundo o despachante disse em particular a Bazilio, desde a fatal queda, nunca mais foi boa! O sobresalto, o desgosto, e o receio de que alguma entranha se deslocasse no interior do seu companheiro de infancia, adoentaram-na até cair de cama, e ter febre.

Isto era mentira.

Feia traça aquella a que um pae se prestava, de mais a mais aconselhando-a! Baixo sentir o de uma menina de dezenove annos, que quer realçar seus meritos com embustes e imposturas nauseabundas!

Enguliu a arara o palerma. Palerma, digo eu! quantas enguli eu assim! quantas tem engulido o leitor! quantas enguliremos até que a sepultura nos engula!...

E chorou o pobre tolo, quando tal ouviu! Ora, digam-me se não está uma bella alma n'aquelle corpo, e grande alma talvez n'aquelle grande cabeça, onde graves psychologistas dizem que ella se aloja!

Foi por isso que Bazilio sem consultar a vontade de seu pae, apenas a medicina lh'o permittiu, foi visitar a familia Borges.

Itelvina estava ainda de cama. Como arranjaria ella o quebrado das côres, aquella emaciado de cutis, e olhei-

ras tão violêtas, que faziam amor e dó? Eu sei cá! As mulheres fazem tudo de si para fazerem o que querem de nós!

Dil-a-ieis a sair de sob as azas negras da morte! O seu articular palavras era um fatigante arfar de peito, onde, a cada instante, levava a mão, como a soffrear os saltos do coração, que a presença de Bazilio alvoro-tara.

De um lado do leito d'ella estava Manuel José Bor-ges, entre alegre e lacrimoso, dizendo com meiga accen-tuação:

—Aqui está o sr. Bazilio, filha; o \_nosso Bazilio. Ago-ra, se não saes d'esse abatimento, perdemos as espe-ranças de te curarmos.

—Não que uma coisa assim!—dizia D. Custodia, do outro lado do leito—Uma amizade como esta não me consta! Ora vê tu, Manuel! Como estas duas creanças, nascidas e creadas ao mesmo tempo, ficaram sempre a quererem-se!

—Isso não é tanto como a senhora diz—atalhou Ba-zilio—Eu cá, sim; mas ella... emfim, não fallemos no que lá vae.

Itelvina fez um tregeito de rosto magoado, e murmu-rou:

—Nunca me comprehendeste...

--Olha a tratá-lo por tu!--interrompeu o despa-chante, fingindo espanto.

—E que tem lá isso?—disse o Enxertado—Nós era-mos como irmãos.

— Mas o senhor agora está um homem . . . — replicou o pae da menina — e ella está uma mulher . . .

— Com o coração da creancinha de ha oito annos — accrescenteu a debil enferma, pondo os olhos no tecto, e cruzando as mãos no peito.

Não temos outras tolices que historiar n'esta primeira visita.

Na semana immediata a filha do despachante gosou novo triumpho na Philharmonica. A juventude masculina do Porto achou-a mais formosa que da primeira vez. Dava-lhe o pallor de oito dias de cama aquelle morbido quebranto, que eu imagino ser a côr especial da mulher amada.

As mulheres amadas conhece-as pela côr quem quiser estudal-as entre os dezoito e trinta annos. Errados poetas e romancistas escrevem que o amor alegra os temperamentos melancolicos, e dá vertigens de prazer aos temperamentos alegres. Em pratica não é assim. A mulher, que se crê amada, e se compraz de o ser, elanguesce como a flor muito beijada: centuplica-se-lhe a ternura, o mimo, a denguice, um não sei que em que ella acha outro não sei que de adoração de si mesma. Qualquer menina, ainda hontem folgasã n'um baile, vêde-a, no baile de hoje, como está angelicamente scismadora, devaneada, assim como noiva que se peja de o ser de vinte e quatro horas: o segredo de tão estranha transformação sabe-o aquelle moço de aspeito brando, que a está contemplando de longe, e hontem lhe disse que saberia morrer não conseguindo ser amado d'ella.



—Pois seja assim, me diz o leitor condescendente ; mas que paridade ha ahi entre os espontaneos e sublimes affectos da mystica innocente que ama, e o despejado calculo da filha do despachante, que quer trezentos contos sobre as gibas do dromedario que a deseja ?

O que ha, meu amigo ?

Ha o que havia entre o cacho de uvas, que a natureza fizera, e o cacho de uvas, que fizera Apelles. Um passarinho veiu depinicar na obra do pintor, cuidando que era a obra da natureza. A vossa mystica innocente era como as uvas da natureza ; Itelvina, a despejada calculista, era como as uvas do pintor. Os passarinhos, as victimas logradas d'estas similhanças, somos nós. Quem se não recear de enganos taes, ha de ser passaro muito bisnau.

Voltando á Philarmonica :

Fez especie em muita gente sair Bazilio Enxertado com Itelvina pélo braço, findo o sarau, e entrar com ella, e com o despachante na carruagem.

Alguns negociantes de grosso tracto, socios da Philarmonica, avisaram o seu amigo José Fernandes, carregando a mão no animo do especieiro contra o despachante, que, conluiado com a rapariga, lhe andava enviscando a pascacice do filho.

Ora isto, quando José Fernandes já trazia pedra no sapato, devia dar de si alguma eventualidade contraria aos bem encaminhados intentos do despachante, que a cobiça apeara da sua antiga honra.

Ouviu o especieiro a opinião sensata do boticario da

rua Chã, amigo antigo que o defuncto frade lhe dera, e calou-se com o negocio para não espantar a caça, como o previsto pharmacopóla lhe dizia.

Dias volvidos, José Fernandes disse ao filho :

—Ouve cá, Bazilio. Tenho cá meu ferro por ver que tu não tens uma commenda. À minha vontade é que tu figures mais que outros muitos, que não tem um terço da nossa fortuna. Olha tu aquelle Francisco Gonçalves da Reboleira, que é filho de um tamamqueiro que eu mandei vir do Enxertado, e saiu commendador ha mais de um anno! Olha o Amaro de Cima-de-Villa que ainda ha dez annos tinha uma tenda de adéllo, e já é tambem commendador! Um mestre-escola, que morava alli á Sé, quando eu casei, é deputado, e tem muitas veneras. Não te fallo nos barões e viscondes, que eu conheci, uns a venderem vinagre em ôdres, e outros a remarem em barcos de pipas, outros a venderem sardinha, e outros, que são filhos de lacaios, netos de moleiros, e bisnetos do diabo que os carregue! A gente, que nos quer mal de inveja, diz por ahi que eu sou um bruto, e tu és outro, porque os governos não fazem cabedal de nós! Pois eu sempre queria mostrar a estes tratantes que tu, se não és commendador é por que não tens querido. E sabes tu, rapaz? a minha vontade era que fosses mais uns pósinhos do que commendador! Queres tu, Bazilio?

—Ora! quem dera!... Eu já estive—acudiu o moço com a cara illuminada de jubilo—já estive p'ra tocar ao pae n'isto; mas acovardei-me.

—Ainda bem que te acho disposto! Tu vaes trabalhar para ser barão.

—Barão!... Isso será de mais!

—De mais algum conto de réis, rapaz! Pelo resto fico eu. O que ha a fazer-se é ires a Lisboa, com algumas cartas que eu te arranjarei. Trata de te preparar, que o vapor sae ámanhã. Dito e feito!

Bazilio passou da alegria exuberante a um recolhimento doloroso.

José Fernandes fingiu-se estranho á mudança, e continuou:

—Em quanto te não fazem barão, divertes-te, e gastas á tua vontade na capital. Levas ordem franca; mas não faças asneiras. Dá o teu passeio de sege; em cavalladas não te mettas, ouviste? Vae-te regalar, rapaz; vae ver mundo e volta com bastantes figas para enterares pelos olhos dentro d'estes invejosos!... Deixa-me ir arranjar as cartas.

Saiu o especieiro, e o filho ficou pensativo. Deixar assim de subito Itelvina! deixal-a na crise da paixão! ser traido na ausencia, ou achal-a morta de saudade quando voltasse!...

Por outro lado, voltar com um titulo, e valer mais assim aos olhos d'ella!

A vaidade, depois de larga e indecisa lucta, venceu o amor, com o especioso argumento de engrandecer o objecto amado com a coroa de baroneza.

Prescindir de despedir-se é que elle não pôde. Foi.

Estava Itelvina sentada ao piano, suspirando uma

aria da *Linda de Chamounix*. Bazilio entrou á sala, e vendo-a sósinha deu graças ao anjo do amor que lhe propiciava ensejo de se abrir francamente com ella.

—Estás sósinha, Itelvina?— disse elle com voz trememente.

—Estou: os paes saíram a fazer visitas. Eu estou ainda muito debil, e não pude acompanhal-os. Quanto folgo de estar a sós contigo, meu Bazilio!

—Tambem eu, meu amor! tambem eu. Andava morto por poder dizer-te que...

—Que me amas?

—Adivinhaste!

—Que não adivinha um coração amante?!..

—Mas estou apoquentado...

—Que tens, Baziliosinho?

—Que hei de ter!... Vou ausentar-me...

—Ausentares-te!? Ceos!...

—Por algum tempo...

—Cruel! e podes?!

—Vou a Lisboa...

—A Lisboa?!... Lá me vaes esquecer, ingrato!

—Não digas isso, amada Itelvina! Eu vou buscar um titulo de barão...

—De barão?... Para quem?

—Para mim...

—Oh!...

—E' meu pae que quer. Gostas que eu va?

—Que barbara pergunta me fazes, Bazilio!... Gostar que vás dar á outra o coração, que é meu desde

que balbuciámos as primeiras palavras dos nossos brinquedos!...

—Juro-te que serei fiel até á morte!... Não chores!...

Itelvina levava o lenço aos olhos. E chorava a valer! Arranjou umas lágrimas como um chimico as faria com uma pouca d'agua, mucus, soda, muriato de soda, phosphato e cal. Ora, como Itelvina não tinha á mão estas substancias componentes das lagrimas, havemos de conjecturar que ella era dotada de umas ardilosas glandulas lacrimaes de que ainda a physiologia não penetrou o mysterio!

—Não chores, meu bem amado!—instou Bazilio, beijando-lhe a mão, que brandamente lhe tirou dos olhos —Se não queres que eu vá a Lisboa, antes quero não ser barão e ficar mal com meu pae, que desagradar-te.

—Vae—acudiu Itelvina—vae a Lisboa, meu anjo; mas, se de volta, me não achares viva, sabe tu que saudades me mataram, Bazilio.

—Ora!—tornou elle—não digas isso! Tu não has de morrer, não, lindinha?...

E ella a ancisar de modo que, se não fosse ridicula, seria bella com aquelles arquejos de peito, debaixo da transparente escomilha do corpête. E Bazilio, a vêr aquillo, se não fosse um tolo, tolo como os poetas, seria um satyro, como é toda a gente que encontra nos sentidos a sua razão efficiente de ser e sentir.

Itelvina poz termo á comedia, quando ouviu nas es-

çadas o chilrear das suas amigas da rua do Souto. Levantou-se, enxugou os olhos, e disse:

— Vae, vae, Bazilio, que eu creio na tua fidelidade. Não desobedeças, por amor de mim, a teu pae. Não precisas de ser barão para que eu te ame mais; mas bom é que o sejas para que aos olhos da sociedade valhas tanto como os barões.

As garrulas meninas do surrador vinham dar á sua amiga a fausta noya de que o pae d'ellas recebera o habito de Christo, que lh'o mandara de Lisboa o tio regedor, que tinha ido arranjar para o filho um logar de escrivão. O surrador, no auge de sua satisfação, resolvera dar um jantar na Ponte da Travaje ás pessoas da sua amizade, encarregando as meninas de convidarem a familia Borges. Este successo deu novo rebate ás ambições nobiliarchicas de Bazilio, e Itelvina esteve por um cabellino a dar parte ás suas amigas de que ia ser baroneza. E, se o não fez tão cathegoricamente, a tolice levou as mesmas voltas. Logo que Bazilio saiu, ficou ella contando ás amigas o seu casamento com elle, e a causa que o levava a Lisboa.

As travêssas e, no seu tanto, espirituosas raparigas, lembradas d'aquelle episodio de Santa Anna de Oliveira, riam sem rebuço da transfiguração da sua amiga, chanceando com gracejos a lorpice do rapaz, que Itelvina defendia, defendendo-se a si victoriosamente com a louvavel confissão de que tinha bastante juizo para obedecer á vontade de seu pae, e para apreciar trezentos contos.

—E aquelle pobre Henrique?—dizia a mais sentimental das filhas do cavalleiro de Christo, e surrador de coiros de vitella na rua do Souto.

—Eu sei cá do Henrique!—disse descommovida Itelvina—Que quer elle que eu faça? Escreveu ao papá, desligando-se por em quanto da sua palavra. Estou desembragaçada; posso amar quem eu quizer, não achas, Cacilda?

—Mas tu ainda ha pouco recebeste carta d'elle.

—Recebi, e que tem isso?

—Não te dizia elle que espera herdar de uma tia muito doente?

—Ora!... sapatos de defuncto!

—Isso não é assim, Itelvina! O Henrique era digno de ser mais lealmente correspondido.

—Mas meu pae quer que eu case com Bazilio. Tu, no meu caso, desobedecias?

—Desobedecia, se tivesse mais coração do que tu, menina. Pobre Henrique!... queira Deus que não sejas castigada, Itelvina!...

—Ora, deixa-me... Castigada por quê? Castigadas são as que deixam passar o seu tempo, sem aproveitarem os rapidos annos da mocidade. Esteja eu agora á espera que morra a tia do Henrique, e sem certeza de que elle, em se vendo rico, não vá amar outra que tenha de seu. Vocês falam assim por que tem bons dotes; se estivessem na minha posição, casavam-se com o primeiro rapaz, ou velho rico, que as quizesse.

Tinha razão a filha do despachante. O tempo justificou-a.

As tres meninas do cavalleiro de Christo estão casadas, cada uma com seu alapuzado, revelho, e repugnante chatim, vindo do novo mundo. A mais espirituosa, aquella Cacilda que dizia: «pobre Henrique!» esse então acceitou um marido, que tem um sedenho permanente no cachaço, e ella cura-lhe a ferida, e está sempre a vêr quando a alma do chaguento esposo lhe foge por entre o serôto e os fios.

Tinhas razão, Itelvina! Deus te dê felicidade, assim como a sociedade te deu juizo!



Bazilio entre as senhoras Raposeiras, e o mais  
que se disser

Em dezembro de 1849 vi Bazilio Fernandes Enxertado em Lisboa, n'uma janella do hotel de Italia, que defrontava com o Marrare. Estava elle chamando a attenção chocarreira de um grupo de peraltas, que estanceavam á porta do botequim. Olhei tambem, e então vi e reconheci o meu primeiro editor de trovas.

Que tinha elle que fizesse rir a nata da juventude lisboeta ?

Era o rob-de-chambre de veludo encarnado, com requifes de veludo preto, e cordões e borlas de seda amarella, e o boné de seda azul, com matizes a oiro, e borlas de oiro tambem. Parecia assim como coisa de principe; mas não estava mal ageitado.

Fez-me elle a honra de me conhecer, e signal para subir.

Os sujeitos do grupo destacaram um para saber de mim quem era aquelle homem impagavel.

Respondi que eram quatrocentos contos.

— Oh! — exclamou o commissionado, e foi transmittir a resposta aos committentes, que exclamaram:

— Ah!

Recebeu-me Bazilio rodiziando as borlas do rob-de-chambre, com esbelto donaire, e modos de conde de alta comedia.

— Por Lisboa, sr. Bazilio?

— E' verdade: cheguei hontem. Vim ver a capital.

— E que lhe parece?

— Ainda não saí. Enjoei muito na viagem, e tenho estado a dormir. Gosta d'este chambre? Vi isto, n'uma loja de alfaiate da rua do Alecrim quando vinha de bordo, e comprei-o. E' da primeira elegancia, hein? quinze libras!

Este dizer assim desempenado de Bazilio, o metal de voz, o tregeitar de braços, o todo tão outro do que eu conhecêra mezes antes, assombrar-me-ia, se eu não tivesse presenciado mudanças egualmente estupendas. Não pode dar-se razão séria nem jocosa d'estas transfigurações feitas pelo dinheiro, pelo mundo que cerca e civilisa o homem dinheiroso, pela atmospheria que respiram os pulmões robustecidos por sangue bem clarificado pelo oiro. Incapaz de resolver este problema todo psychologico, já cuidei que a mudança estava no meu

modo de vêr, e não nos individuos apparentemente transformados. Aconteceu alguma vez ter eu reflectido na semsaboria e acanhamento de sujeitos havidos como sabios; mas sabios em toda a horrorosa ignorancia da pobreza: com pejo declaro que me parecem insofriveis, senão aparvados. Ao mesmo tempo, succedia dar attento ouvido ao palavriado de sujeitos, que revolviam metaes nas algibeiras, arpejando com o sonido o phraseado por sem duvida boçal: pois, custe embora o meu descredito esta confissão, afiguraram-se-me dotados de eloquencia natural e inculta estes ricos, que andavam atassalhados nos dentes dos folhetinistas, á conta da sua sobrehumana estupidez. Por estas e outras, é que eu cheguei a suspeitar da anomalia dos meus olhos, attribuindo a culpa d'isto á miseravel condição humana.

Foi Bazilio tirar da sua carteira umas cartas, perguntando-me se eu conhecia as pessoas, a quem vinham destinadas. Eram as cartas para tres notaveis capitalistas, um dos quaes succedeu ser meu conhecido.

—São ordens para dinheiro?—perguntei eu.

—E para mais alguma coisa. Assim como assim, vou-lhe contar o que ha. Você é amigo velho. Ainda me lembro d'aquellas decimas em Santa Clara...

—Calle-se, homem, que ainda me mordem remorsos... Aquella sua aventura do convento!...

Bazilio sentou-se no sophá, e poz as pernas ao alto para rir melhor.

E eu continuei:

—Que é feito do *tacho*?

— Pois não sabe?

— Não; você não me disse mais nada.

— Tirei-a do convento, e tive-a regalada como uma princeza; mas aquillo não me convinha, e fiz que minha mãe lhe dêsse seiscentos mil réis para ella casar com um corrieiro da rua de Santo Antonio.

— Está bom... estimo muito. Assim é que se faz.

— Você sabe que eu tenho um namoro serio no Porto?

— A Itelvininha? Quando ella foi á Philarmonica dei logo fé. Você andava em pancas!

— Se lhe parece!... que tal a acha?

— E' uma interessante menina, sim, senhor.

— Estou doido por ella; e caso.

— Seu pae consente?

— Qual!... mas isso não põe, nem tira! Ponto é querer um homem...

— Admiro, pois, que o sr. Enxertado venha para Lisboa na maior crise da sua paixão!

— Eu lhe conto; era isso que eu ia explicar-lhe. Meu pae quer que eu seja barão.

— Sim?

— E' verdade. Você que lhe parece?

— Parece-me bem. Entendo agora que o senhor vem a Lisboa fazer-se barão.

— E' como diz. Estas cartas são para isso.

— Está bom! dou-lhe os parabens sinceros. Quando o senhor quizer, irei ensinar-lhe onde moram estes sujeitos.

—Vamos lá hoje; e o mais acertado é irmos já. Quanto mais depressa se concluir o negocio, melhor. Que dirão os do Porto quando me virem barão?

—Admiram-se de você não ir visconde. Seu pae, querendo dispender mais algum conto de réis, pôde arranjar-lhe titulo menos vulgar. O baronato anda já muito por baixo.

—Quanto custa ser visconde? você sabe?

—Eu não tenho negociado n'isso; mas podemos averiguar. Talvez que o almanak d'este anno traga os preços dos titulos.

Bazilio recebeu-me seriamente a reflexão, e vestiu-se. Saimos a entregar as cartas.

Disse-me, depois, Bazilio que os sujeitos o tinham recebido muito affavelmente, e o haviam convidado a hospedar-se em sua casa, ou a passar as noites em familiar intimidade, sem lhe tocarem na materia do titulo.

Volvidos alguns dias, encontrei Bazilio em Cintra, com a familia do commendador Raposeira, um dos tres capitalistas a quem trouxera cartas.

A familia Raposeira andava em celebridade. As filhas do commendador eram galantes, namoradeiras, adoidadas, e presumtivamente ricas: excesso de qualidades recommendaveis para serem celebres, amadas, e galanteadas por todo o galan distincto.

Bazilio apartou-se do grupo, em obsequio a mim.

Tivemos este dialogo:

—Parabens, meu caro sr. Bazilio! Está relacionado com quatro das mais formosas senhoras de Lisboa.

—Isso são!—disse elle, sorvendo e exhalando tres fumaradas do charuto—E são finas, que é preciso saber a gente o que diz para fallar com ellas.

—Pois então veja lá como se sae. Não deixe ficar mal a rapaziada portuense. As senhoras de cá ajuizam mal dos patricios do meu amigo. Mostre que já veiu civilisado para Lisboa.

—Não tem duvida, que eu fallo pouco; mas ellas tratam-me como se eu fosse de casa.

—E conhecem-se ha menos de quinze dias!... O amor tem esses repentes de familiaridade. Dar-se-ha caso que o sr. Bazilio Fernandes tenha esquecido a Itelvina?

—Qual!? esquecel-a eu! Ora essa! Amor só a ella: cá com estas não passa de palavrorio. Divirto-me emquanto me não dão o titulo.

—E' verdade... como está isso de titulo?

—Já se fallou ao ministro do reino. O decreto lavra-se por estes quinze dias.

—Baratinho?

—Ainda não sei, nem me importa. Isso é lá com meu pae.

—Sabe quem eu vi em Lisboa hontem? Aquelle Henrique Pestana, que amou a D. Itelvina. Veio liquidar uma herança de alguns contos de réis, que lhe deixou uma tia que morreu em Chaves. Segundo me elle disse, vae casar-se, e vem residir em Lisboa. Estive quasi a perguntar-lhe se ainda se lembrava de Itelvina; mas,

como o nosso conhecimento não auctorisa intimidades, absteve-me.

— Bem se lhe importa d'elle a minha Itelevina—ata-  
lhou Bazilio—Aquella está segura. Quer você lêr uma  
carta que hontem recebi?

— Não, senhor... eu creio na lealdade da menina...

— Ha de vêr: tenha paciencia.

Mais por desfastio, que por curiosidade, li. Era uma  
carta não vulgar em estylo. Um dos periodos dizia, pou-  
co mais ou menos, isto:

«A tua riqueza não me seduz, Bazilio. Para mim va-  
«lerias mais sem fortuna nem titulo. E' tão facil a uma  
«senhora com dignidade e qualidades amaveis merecêr  
«e obter um marido rico, meu Bazilio, que o menor ga-  
«lardão dos meus meritos, se alguns tenho, seria casar  
«rica. Não cuides, pois, que me prendem os teus contos  
«de réis. No dia em que eu só vir em ti dinheiro, es-  
«queço-te, e vêr-te-hei sem inveja passar aos braços  
«d'outra.»

Confessarei que estas linhas me deram alto conceito  
da sua redactora! Notavel e nobre singularidade a d'esta  
menina portuense! Exemplo novo, e talvez unico nos  
fastos matrimoniaes da cidade da Virgem!

Disse eu a Bazilio, entregando-lhe a carta:

— Rara mulher é essa que a sua boa fortuna lhe de-  
parou! Seja digno d'ella, não a sacrificando a inconse-  
quentes passatempos...

—Não tenha medo—disse Bazilio, sacudindo-me a mão com elegancia de inglez, e com a força de gallego, que elle tinha—Deixe-me ir ás meninas, que estão á espera. Logo vou-lhe dar cavaco ao *Victor*.

Esta promessa de *cavaco* de Bazilio Enxertado foi-me consoladora perspectiva!

Quando me ia recolhendo ao hotel, encontrei o commendador Raposeira, meu conhecido. Fallei-lhe no portuense Bazilio Enxertado, que encontrara com as meninas. O commendador perguntou-me em miudos o inventario da fortuna do mercieiro José Fernandes. Respondi concisamente que lhe orçavam quatrocentos contos. Auctorisado por semelhantes averiguações, ousei perguntar em que pé estava o negocio do baronato. O commendador riu-se, chamou-me de parte, confiou-se á minha discrição, e mostrou-me uma carta de um seu amigo visconde, que lhe apresentava Bazilio. Resava a carta a historia da afeição de Bazilio a uma rapariga pobre, da qual o pae d'elle queria afastal-o, sem fazer bulha. N'este plano, o mandava a Lisboa com pretexto de arranjar o baronato; esperando que, em alguns mezes de ausencia, se esquecesse. Emquanto ao titulo, José Fernandes, podendo ser, não se lhe dava de dar até duzentas libras por elle, visto que o rapaz o queria para figurar; o essencial, porém, das instancias dos amigos de José Fernandes era entreterem-lhe o rapaz em Lisboa, e distrahir-lh'o, á custa mesmo de muito dinheiro, até que elle mostrasse indifferença pela moça do Porto.

O commendador Raposeira deu-me a entender que o



rapaz estava quasi esquecido, visto que já fizera uma declaração um pouco grosseira a uma das suas meninas. Emquanto ao titulo, accrescentou o benemerito da confiança do visconde amigo de José Fernandes, não se fallava por ora n'isso, nem o dinheiro offerecido era bastante, posto que a mercadoria estivesse de rastos.

Dias depois tornei para o Porto, e acertei de ir em companhia de Henrique Pestana.



## Em que entra o auctor

Navegava o vapor em mar de leite, por uma formosa noite de agosto. Subi ao tombadilho, quando nasceu a lua, ahi pelas alturas das Berlengas. Encontrei Henrique Pestana no convez, contemplando a via-lactea. Ousei interromper-lhe o enlevo com estas palavras:

— Bemaventurados aquelles que pedem ás estrellas o segredo do sonho de suas noivas!

— Scismava n'ella: adivinhou!— respondeu elle.

— Invejo-lhe o contentamento! Deve de ser ditosissimo o homem de sua idade, sr. Pestana, que vem de liquidar uma herança, e vae, por uma noite d'estas, buscar a mulher, que ama, a esposa, a companheira da felicidade!

— Pois creia que estou muito áquem da verdadeira felicidade.

— Como assim?!—repliquei.

— Falta-me a confiança na mulher, que amo.

— E casa-se?

— Sacrifico o futuro bem-estar aos ardores do coração.

Você conhece a mulher com quem vou casar.

— Pode ser...

— E' aquella Itelvina dos bailes da Terpsichore.

— Itelvina!?!—exclamei.

-- O ar espantado com que me faz a pergunta! Obrigame a pedir-lhe explicações.

— Explicações... Eu lhe digo...

— Sei o que vae dizer-me. Itelvina acceitou a côrte de um tal Bazilio Enxertado.

— Parece-me que sim...

— Ahi tem o senhor a causa da minha desconfiança: é a nuvem negra do meu ceo essa fraqueza; posto que, até certo ponto, fui eu quem deu motivo...

— N'esse caso...

— Meu pae negava-me consentimento, e, peor ainda, recursos para eu sustentar minha mulher, que não tem dote. Escrevi ao pae d'ella, contando-lhe a recusa do meu, e desligando-o da palavra dada. Até aqui sou eu o culpado. Porém, como ao mesmo tempo escrevi a Itelvina, pedindo-lhe que esperasse o futuro, e ella...

— Não esperou o futuro, e acceitou a côrte de Bazilio...

— E você tem a certeza d'isso?—interrompeu Henrique.

— Se tenho a certeza?! você é que parece tel-a.

—Desconfio apenas.

—Ah! desconfia apenas. . .

—Por que Itelvina escreveu-me sempre, com maior ou menor intervallo, assegurando-me que, apezar da vontade de seu pae, havia de amar-me sempre, e esperar em quanto podesse. . .

—Optimo! Vê-se que ella enganava o pae e Bazilio para ir contemporisando. Não me parece que deva inspirar-lhe desconfiança uma menina, que adoptou na tactica do coração a estrategia fabiana. Muito injustos somos com as pobres mulheres! Nem sequer lhes perdoamos que, por amor de nós, sejam velhacas com os paes e com os nossos concorrentes!

—Isso é assim!—atalhou Henrique—; mas você, no meu caso, antes quereria que Itelvina esperasse a soffrer e a chorar, e não a mentir.

—Está enganado redondamente. Eu, no seu lugar, queria que ella não macerasse os olhos a chorar, nem purchasse as rosas da face a soffrer. Fez ella muito bem. Adivinho que a sr.<sup>a</sup> D. Itelvina, logo que viu realisadas as esperanças de ser sua esposa, graças á herança, rompeu manifestamente com o pae e com o Enxertado.

—Assim devo suppol-o; mas o estylo da ultima carta, que recebi em Lisboa, deixa-me cá n'umas entreduevidas. . . Eu lhe mostro a vossê a carta. Chegue-se aqui. . .

Acercámo-nos da lanterna do leme, e ouvi ler esta carta:

«A tua riqueza não me seduz, Henrique. Para mim  
 «valerias mais sem fortuna. E' tão facil a uma senhora  
 «com dignidade e qualidades amaveis merecer e obter  
 «um marido rico, meu amor, que o menor galardão dos  
 «meus meritos, se alguns tenho, seria casar rica. Não  
 «cuides pois que me prendem os teus contos de réis.  
 «No dia em que eu só vir em ti dinheiro, esqueço-te, e  
 «ver-te-hei sem inveja passar aos braços d'outra.»

Repare o leitor que esta carta é uma textual copia da outra, que Bazilio me fez ler, mudados os nomes, e subtrahida na segunda linha a palavra «titulo», que não vinha a proposito.

Considerem como eu ficaria attonito d'esta irrisoria travessura da menina do Pórtó!

O riso, como eu o mordesse entre os beijos, rebentou-me pelos narizes.

Henrique achou estúpido o espirro, e tinha razão. Fittou-me com desagradavel semblante, e disse:

— O senhor parece-me tolo!

Um homem de coração, como eu era, desculpa estas injurias. O pobre Henrique recebêra como zombaria da carta da sua amada aquelle imperdoavel frouxo de riso. Ouvi appellidar-me de tolo; e, por um cabello, lhe não disse quanto podia dizer em minha justificação. Gaguejei não sei que palermas desculpas, que azedaram mais Henrique. Queria eu motivar o riso com o falso melindre das senhoras em geral não acceitarem maridos dinheirosos; porém, a these, sobre ser falsissima, sahiu

tão mal raciocinada, que cheguei a envergonhar-me da deficiência das minhas idéas de improviso.

O resultado foi que Henrique Pestana voltou-me as costas, e desceu á camara. Peor seria, se tércera pessoa testemunhasse o facto. As testemunhas das affrontas são as que dão valentia aos affrontados.

Entrava o vapor a barra do Porto, quando tornei a vêr Henrique. Não me encarava e fugia de mim. Ainda me aproximei no intento de me justificar.

Reflecti, antes de chamal-o a ouvir-me. Que ia eu fazer? Prejudicar o futuro de Itelvina a troco de cáptar a estima de Henrique. Preferi perder um conhecido a desacreditar uma senhora, que não valia menos que outras muito do meu maior respeito e admiração. Não, senhores: optei por ser tolo ou mau no conceito de Henrique, e assim fiquei.

Vivia eu em alguma intimidade com o litterato Ervedosa.

Interessava-me saber o andamento das relações de Itelvina com Henrique, cujo confidente era o escriptor.

Um dia, depois de um mez, em que Henrique sollicitara debalde o cumprimento da palavra de Manoel José Borges, entregou-me Ervedosa uma carta de Henrique, assim redigida:

«Como acho incomprehensivel o character de Itelvina, «começo a comprehender que a sua gargalhada de 26 «de agosto era profundamente significativa. Espanta-me «o seu silencio, depois que eu lhe voltei as costas! Se

«vossê soffreu silencioso, podendo, talvez, justificar-se, «sou obrigado a respeitá-lo, como homem exquisitamente «honrado. Seja o que fôr, peço lhe encarecidamente que «me dê occasião de nos encontrarmos.

HENRIQUE PESTANA.

«S./C. 19 de Setembro de 1851.»

O litterato accrescentou á carta largos esclarecimentos que eu abrevio. Itelvina respondia ás sollicitações de Henrique em termos nevoentos, algumas vezes ridiculos, e sempre incompreensíveis. Intimada a responder categoricamente se sim ou não queria casar, tergiversava, pedindo espera para sua final deliberação, ou attribuindo a obediencia filial a perplexidade de que era accusada por Henrique. Manuel José Borges a quem o rapaz se dirigira, respondera que sua filha mudara muito de genio, vivia muito comsigo, e tinha suas tendencias para o beaterio; ou então, encolhendo os hombros, dizia que Itelvina era inexplicavel. Não obstante, o despachante animava Henrique a não desesperar.

O leitor e eu comprehendemos isto com menos explicações. Era o caso que a menina andava boiando, segurando-se ás duas amarras. Bazilio dizia-lhe que estava a chegar com o titulo; Henrique já tinha chegado com uma duzia de contos de réis. A polygamia seria um grande bem, podendo a menina decidir-se pelos dois; mas a pressão das leis canonicas punha aquelle coração a tormentos.



Isto indignou-me! Tive pena de Henrique, e asco de Itelvina.

Disse eu a Ervedosa que podia o seu amigo procurar-me quando quizesse.

Eis aqui a summa do nosso dialogo.

Disse elle:

—Vossê, que me permittiu aqui vir, é que vae dar-me a razão da sua risada. Se pôde dar-m'a, peço-lh'a, como homem de coração ao homem que se presa de o ter. Sabe o senhor quanta gravidade tem o passo, que vou dar? Se ha uma indignidade na vida d'esta mulher, o futuro hade descobrir-m'a. Se eu fôr então marido d'ella, seremos dois desgraçados, e vossê será grande parte na causa da...

—Sua desgraça?—atalhei eu—Não me faltava mais nada! Com que então...

—Claro está! Vossê sabe que Itelvina é indigna de mim.

—Não sei.

—Não sabe que as phrases da carta que ouviu lêr, escondem um intento velhaco? Seja franco.

—A carta, que eu ouvi lêr, prova, em quanto a mim, que a senhora D. Itelvina é uma senhora esperta e bem alumuada do facho da civilisação de 1851; ora, o merecimento da esperteza é causa a que o senhor Pestana julgue Itelvina indigna de si?

—Pedia-lhe seriedade, a possivel seriedade, meu amigo—disse Henrique.

O tom, em que elle me atalhou, impressionou-me.

Não quiz reflectir; abri o coração á verdade que o opprimia para sahir; disse tudo.

Henrique abraçou-me, acclamando-me seu salvador, seu redemptor, seu primeiro amigo.

Fiquei contente da boa acção. Arrancar á sordida armadilha um homem d'alma, levantar-o da indignidade, restituir-lhe a paz, o coração, e a liberdade, oh! pareceu-me isto um feito digno da medalha da Humanitaria, que ainda então não tinha nascido no Porto, mas já andava fundada no animo dos varões pios de lá.

Vociferou Henrique improperios contra Itelvina. Andou pelos *cafés* a ridiculisal-a. Pediu ao seu amigo Ervedosa que a mettesse n'um folhetim. Esteve a menina tres semanas em folhetim, exhibida á mofa da gente, a quem o mesmissimo Pestana andava desvelando o pseudonimo, e interpretando as allusões.

Cheguei a condoer-me da filha do despachante, e arrependi-me da meritoria acção de a denunciar á zombaria publica. Escarneciam-na creaturas do seu sexo a quem ella podia dar lições de sã moral e lealdade no amor, creaturas que nem estylo tinham se quer, e repetiam sem grammatica, e de viva voz, a quatro ou mais pretendentes o que Itelvina escrevêra, com exemplar correcção, a dois, sómente a dois!

Chegou ao conhecimento d'ella que Henrique Pestana andava mostrando e escarnecendo as suas cartas. Foram as meninas do surrador que lh'o disseram, como suas amigas intimas. Itelvina soffreu, receando que a irrisão chegasse ao conhecimento do Bazilio Fernandes.

Pensou em desarmar com brandura as iras do despeitado amante; escreveu-lhe com tanto pungimento e humildade que Henrique, se não se envergonhou da publicidade que dera á fraqueza da pobre menina, teve dó, pelo menos.

Amor profundo é que elle tinha á infiel: amor immenso como costuma ser o que se dá á mulher, que o não merece; amor, que, abrasado pelo ciume, dispara todas as suas gemmas e flores em explosão de lama; amor que tanto eleva como abysma; amor que faz de um malvado um anjo, de um santo um algoz, de um irracional um poeta, e de uma alma sublimada um brutal infamador. Era este o amor de Henrique á amada de Bazilio Fernandes.



## Vantagens do roubo contra os inconvenientes da predestinação, segundo Balzac

Entretanto, o filho de José Fernandes estava, em Lisboa, pasmado da mudança que se fazia em sua alma.

Guilhermina, uma das quatro filhas do commendador Raposeira, tirou-o á sorte n'uma loteria que fizeram as quatro irmãs, a vêr qual d'ellas o faria seu marido.

Era bonita, e lida nas melhores novellas do tempo esta Guilhermina. Sabia o *Judeu Errante*, o *Martim o enfeitado*, os *Mysterios de Paris*, e andava decorando, em Cintra, a *Salamandra*. Dizia ella que, a não poder amar um cherubim, só amaria Eugenio Sue; mas, á falta do anjo e do romancista, amou Bazilio Fernandes Enxertado, que valia mais que ambos os outros.

Bazilio, tal qual como um mancebo de coração fina-

mente temperado, sentia-se captivo de Guilhermina, porque a viu sentada n'uma rocha da serra, com os olhos no mar.

Ha pessoas muito mal informadas do coração humano. Cuidam estas que certos homens do feitio de Bazilio recebem as impressões por uns nervos que não são os nervos por onde calam os filtros das paixões de *Werther* e de *Amaury*. Crasso erro!

Ha um ideal commum de todos, ideal que dispensa consumo de idéas; coisa em si materialissima, que se chama ideal, em virtude da tacita convenção, feita ha cinco mil annos, de nos enganarmos uns aos outros, e cada qual a si.

Este iman, que pucha por todos, tanto abala este moço contemplativo, que se morre de saudades do ceo, como aquelle agreste habitante das montanhas, que se deleita na esperança da plangana chorumenta que lhe ha de, á ceia, carregar o somno, e doirar os sonhos. Este, e aquelle, em presença da mesma mulher, sob a pressão da mesma electricidade, hão de estremecer por igual, amar com igual vêhemencia, e arrobarem-se nos mesmos enlevos. Acontecerá ao moço culto, que aprendeu a lingua das paixões, exprimir a sua: enquanto o filho das montanhas, o analphabeto, abafados os orgãos expansivos da eloquencia, recalcará ao amago do seio as commoções, e dará ao seu arrobo a duração de um sonho de toda a vida.

Eu conheci um homem de quarenta annos nas abas da serra do Mesio, em Traz-os-Montes. Era triste, inal-

teravelmente triste, como o pae amantissimo que contempla um filho morto. Perguntei lhe o segredo da sua tristeza. Respondeu-me assim com esta singela melancolia: «Ha vinte annos que eu vi n'uma procissão em Villa Real uma menina de quinze annos, ou pouco mais, vestida de Santa Maria Magdalena. Fiquei a scismar com esta menina, e nunca mais fui bom; perdi a minha alegria; e por mais que faça, em eu querendo espalhar a minha tristeza, vem logo a imagem, que eu vi ha vinte annos, apertar-me o coração.

—Era muito linda?—perguntel eu.

—Como as estrellas do ceo!—respondeu, e limpou as lagrimas.

Que era isto n'este homem da serra do Mesio?

A paixão da vida toda, a chamma que se teria apagado, dentro de quarenta e oito horas, no coração espirital do leitor, que é poeta, que anda n'este mundo a penar, porque o mundo não tem a imagem correspondente á sua celestial chimera.

D'estas celestiaes chimeras—que são, a meu vêr, profanações,—não era grande peccador Bazilio Fernandes Enxertado.

Tinha o seu tanto ou quanto de ideal, o necessario para arranjo da vida, e adubo do espirito, sem detrimento dos outros orgãos.

Viu elle Guilhermina sentada na rocha, olhando ao mar. Não creio que Bazilio desejasse ser poeta, porque, em minha consciencia entendo e creio que elle fez versos então.

A primeira poesia nasceu de uma visão como aquella. Emquanto houverem mulheres, que se sentem em rochas e contemplem o oceano, o ceo, o sol, ou outra qualquer obra magnificentissima do Senhor, a poesia não morrerá. Quando a brutalisação da economia politica tiver empedrado o coração do homem, aquella mulher será cantada por arvores, flores, rochas, e feras.

Avizinhou-se Bazilio do rochedo, e balbuciou:

—Como está linda, sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina!...

—Ah!—exclamou ella—acha?

—Em que estava a scismar?—tornou elle.

—Com...

E susteve-se.

—Não diz? então é segredo!... bem sei!...

—Não sabe.

—Ora... faça-se... (ia a chamar-lhe *tola*; mas o coração entalou-lhe a palavra na garganta)... faça-se de novas—emendou elle.

—Novas de que?—Ora essa!... O sr. Bazilio é que se faz desentendido...

—Eu!... está enganada... V. ex.<sup>a</sup> é que... P'ra que fugiu á gente, e veio sentar-se n'essa pedra? A sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina lá sabe...

—Parece-lhe que vim para aqui namorar? Só se fôr o sol, ou o azul do ceo.

—Ha boas vistas d'ahi?

—Muito lindas.

—Posso ir até lá?

—Venha.



—Irei eu quebrar as pernas por estes penedos acima.

—Suba com cautela: eu não escorreguei.

—Não, que v. ex.<sup>a</sup> parece um passaro a saltar de pedra em pedra! E' leve como uma penna... Mas eu cá vou indo. Se morrer, reze-me por alma, faz favor?

Dava-lhe azas a poesia da hora e do local. Era ao pôr do sol. Cintra era o paraíso terreal melhorado, e illustrado. Não estava alli ignorante nenhum que podesse peccar por querer saber de mais. A fructa podia prejudicar o estomago; mas a alma não.

Bazilio levava na algibeira do albornoz um embrulho de queijadas da *Sapa*. O outro eden não tinha queijadas. O Adão primitivo era um idiota, ludibrio da propria costella e da cobra. Bem se via que Bazilio representava o nosso commum avô sessenta seculos depois.

Tirou as queijadas da algibeira, e disse:

—Vamos merendar. Suas manas estão lá em baixo a colher flores; nós cá vamos ás queijadas...

—Não gosta das flores, sr. Bazilio?

—Flor basta v. ex.<sup>a</sup>

Assim começou o namoro, se é que elle não estava principiado, desde o momento em que Bazilio, ao quinto dia de conhecimento com a familia Raposeira, disse a Guilhermina:

—Eu, se não estivesse compromettido...

Atalhou ella a phrase, com desabrimento:

—Quem lhe pergunta se está compromettido? está a brincar!...

—Zanga-se comigo v. ex.<sup>a</sup>?—tornou Bazilio.

—Por ventura pergunta-lhe alguém se o senhor está namorado de alguma *creaturinha* do Porto?

O termo *creaturinha*, dito com especial e ironica accentuação, turvou o animo do rapaz, e deslustrou a imagem de Itelvina.

A filha do commendador sabia a historia de Bazilio; e, sempre que cabia de molde, lá vinha alguma allusão á *creaturinha*.

—Com quem vae repartir a sua corôa de barão do Enxertado?—perguntou-lhe, uma vez, Guilhermina, sorrindo.

Elle tartamudeou, e ella proseguiu:

—Não se atire a algum abysmo, sr. Bazilio. Olhe que um homem da sua esphera nunca perdôa á mulher, que se não soube conservar na sua, e aproveitou uma hora de cegueira do amante para se dar o valor que não tinha.

Parece que Bazilio percebeu este ingranzamento de palavras, que me parecem má traducção de uma maxima de Stendal, de um livro chamado AMOR, que Guilhermina traduzia sem entender.

Percebesse ou não, o filho de Bonifacia olhou para o seu interior, e viu-se outro. Situações analogas arrancaram raivas apostrophes de grandes poetas á versatilidade do coração. Bazilio não insultou a natureza do homem, nem se envergonhou de sua miseria.

Reflectiu, e disse entre si: «Itelvina é bonita e tem prendas. Canta e toca bem. E' admirada na Philarmónica, e na Terpsichore. Isto é verdade; mas é filha do

Manuel José despachante. Se eu caso com ella, meu pae leva-se da breca, e é capaz de me não dar nada emquanto fôr vivo. Que vou eu fazer, casando com ella? Vou-me tolher. Aqui em Lisboa tenho o dinheiro que quero, namoro e divir-to me, todas as mulheres que eu conheço me fazem festa... Se eu quizer casar com uma filha do commendador, não tenho mais que dizel-o, parece-me a mim... Ainda me lembra o insulto que a Itelvina e mais a mãe e as filhas do surrador da rua do Souto me fizeram no Douro em dia de Santa Anna de Oliveira. Depois que eu comecei a figurar é que ellas me deram attenção...»

N'esta altura, o monologo era interrompido pela lacrimosa imagem de Itelvina. Bazilio deixava pender o beijo superior, e encostava a cabeça á mão. D'ahi a pouco, lia as cartas d'ella, principalmente a que andava em espectáculo nos botequins do Porto. Esta carta espremiathe o coração; mas já não era bastante a resgatal-o das prisões de um novo amor.

Outras cartas posteriores de Itelvina o intimavam a decidir-se peremptoriamente emquanto ao casamento. Respondia elle que estava á espera do titulo, e já se ia agastando com a teima de o quererem forçar á prompta realisação do projecto.

A filha do despachante instava, quando Henrique Pestana a compellia a responder cathegoricamente; e redobrava de instancias, quando se viu ridiculisada, e em risco de perder ambas as conveniencias.

Bazilio deixou de responder-lhe uma semana; e a car-

ta, que lhe enviou na immediata, era fria, desanimadora, e quasi um desengano.

Tinham já recolhido a Lisboa as sr.<sup>as</sup> Raposeiras, e andavam de baile em baile, e Bazilio com ellas.

Aqui vem chronologicamente a ponto contar uma das irrisorias aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado, aventura que lhe mudou o norte da vida.

Appeteceu ás meninas irem á Mãe d'Agua ás Amoreiras. O portuense acompanhou-as.

N'aquelle tempo era franco o transito do aqueducto; mas alguns casos de roubo, acontecidos no interior dos arcos, atemorizavam os curiosos. Alli fizera o celebrado Diogo Alves o seu esconderijo, e algumas vezes lá foram espoliados os provincianos, que visitavam a tytannica obra de D. João V.

Queria Bazilio que as senhoras entrassem no aqueducto; mas o commendador não consentiu, e aconselhou-o a desistir da temeridade.

—Hei de ir!—exclamou elle—Isso de ladrões, á hora do dia, são historias.

—Mas olhe que lá dentro dos arcos é noite a toda a hora—replicou o Raposeira.

—Pois cá vou!

Disse, e desapareceu na escuridade do aqueducto, enquanto as meninas lhe bradavam que não fosse adiante.

Chegou elle a um ponto em que já não via a claridade da entrada. O aqueducto torcera a direcção horizontal. Bazilio sentiu frio, e um pouco de medo; mas,

como ao longe lhe lampejasse um clarão, animou-se a ir até lá, e cobrar alento á luz para retroceder.

Ao meio caminho, porém, da almejada luz, foi subitamente assaltado de um recaño por quatro possantes braços, que lhe tolheram os movimentos e a voz na garganta.

Primeiro, apalparam-lhe e despejaram-lhe as algibeiras, que iam bem providas; tiraram-lhe o relógio, quatro camapheus da abotoadura da camisa, um diamante da gravata, e seis aneis de bom preço. Despiram-lhe a casaca, o colete, e as pantalonas, e estiveram discordes ácerca do restante, até decidirem que lhe tirassem só as botas, puchadas, com tanta brutalidade, que lhe deslocaram um pé.

Consummado o feito em breves minutos, os ladrões sumiram-se nas trevas, e Bazilio permaneceu quieto, petrificado, como a regelada parede a que encostou a cabeça congestionada.

Tornando a si, retrocedeu cambaleando até ver o clarão da sahida; deu mais alguns passos; esperou que o grupo das meninas avultassem na claridade, e clamou:

—O' senhor commendador!

Ouviram ellas a voz convulsa de afflicção, e chamaram o pai, que estava a ver a catadupa da agua.

Correu o commendador á boca do aqueducto. Bazilio pedia-lhe que entrasse lá dentro que precisava muito de lhe fallar.

—Querem vêr, que lhe aconteceu alguma, meninas?

—disse o Raposeira—Ir lá dentro! n'essa não caio eu!

O rapaz, em quanto a mim, foi assaltado e despiram-no!

As quatro meninas encararam umas nas outras, e soltaram uma estridente gargalhada, que echoou no interior dos arcos, aos ouvidos de Bazilio como um escarneo.

Appareceu o guarda da *Mãe d'Agua* a quem o commendador revelou suas suspeitas.

O guarda chamou o auxilio de dois soldados, accendeu uma lanterna, entrou até encontrar Bazilio tiritando de frio, e veio para fóra dizer á familia que o tal senhor atrevido tinha sido roubado, e estava em cuecas a bater o queixo com frio, e mandava pedir ao senhor commendador o obsequio de lhe ir ao hotel de Italia buscar fato, e mandar-lhe uma carruagem.

Despregaram nova e insolentissima casquinada as quatro meninas, e foram embora com o pai.

Bazilio, chamado pelo guarda, sahio do aqueducto, embrulhou-se no emprestado capote, e deitou-se na cama do funcionario, que lhe contava, com espanto, as risadas das senhoras n'um caso tão pouco de rir!

Bazilio ouvia-o como corrido e affrontado, pensando comsigo d'este theor: «Quando eu cahi do cavallo, Itelvina desceu do portal e levou-me nos braços para a sua cama. Guilhermina escarneceu-me agora. Esta chama *creaturinha* á outra. Pois bem! não tornarás a rir-te de mim, Guilhermina!...

D'ahi a meia hora chegou a roupa, e o commendador na carruagem.

Bazilio vestiu-se, entrou na sege com Rapozeira, e foi

ao hotel buscar dinheiro para remunerar liberalmente o bem-fazer do guarda.

Quando Guilhermina mandou, em seu nome, e de seu pai, e de suas irmãs, saber d'elle, no dia seguinte, Bazilio Fernandes tinha partido por terra para o Porto.

Se não fossem aquelles ladrões, que seria hoje de Bazilio n'esta sociedade de Lisboa, e casado com Guilhermina?

Seria um... marido! Está claro. Que havia de elle ser senão um marido?!





## Dois exemplos de amor paternal

Quinze dias antes recebera Itelvina a carta de Bazilio, á qual me referi no anterior capitulo, carta enfadada das repetidas instancias com que a inquieta menina o chamava ao Porto. Fôra ella escripta, no maximo calor do enthusiasmo por Guilhermina, depois que a vira sentada nos penedos de Cintra.

A filha do despachante vergou sob o peso d'esta segunda calamidade. Henrique andava desacreditando-a á hora em que Bazilio a abandonava. Cerrou tanto com ella o desgosto que cahiu doente, e da cama escreveu a Henrique a humilde carta já mencionada.

Observei que o cavalheiro bragantino fugia de encontrar-se comigo, desde o dia em que eu soube, por denuncia de Ervedosa, que elle recebera de Itelvina uma carta e ficara commovido a ponto de chorar com remor-

sos de a ter apregoado, em botequins e praças, a mais sordida, baixa, e mercantil das donzellas portuenses. Eu é que digo *donzellas*: elle não dizia tal. Ponho em escriptura sómente a mais suave das arguições, os epithetos menos amargos e detractores.

Desconfiei que Henrique me evitava para se furtar a dar-me explicações, que eu certamente lhe não pedia. Ora, é coisa corrente que um homem, quer seja amante, quer marido, odeia a pessoa que lhe revela os peccados da mulher, o colloca na posição vergonhosa de explicar a razão por que se resigna e perdôa. Este odio é no maior numero dos casos o lucro que tira quem, por compaixão, ou por outro qualquer sentimento honesto e louvavel, se intromette na vida allieia. Tem-se dado exemplos de muitos maridos perdoarem as infidelidades ás mulheres e nunca perdoarem aos amigos que lh'as annunciaram. O sujo coração humano é assim.

Não me enganei. Constou-me que Henrique andava propalando que eu inventara uma carta de Itelvina a Bazilio, para assim me vingar d'ella, que me regeitara o galanteio nos bailes da Terpsichore. Deixei ir a calumnia á revelia, estimando muito que ella aproveitasse á pobre moça, e á moral publica.

Manuel José Borges, como visse a desconsoladora carta de Bazilio e o quebranto da filha, procurou Henrique Pestana, e, entre lagrimoso e resentido, responsabilizou o sujeito pela vida da sua Itelvina, tão immerecida e indignamente desacreditada por elle.

O cynico, segundo a voz publica, chorou com o ve-

lho, como as candidas almas dos vinte annos costumam chorar o remorso de uma culpa do coração. D'ali saíram ambos, de braço dado a casa do despachante. A fallecida menina recobrou alentos, sentou-se no leito, suspirou algumas palavras de perdão, emquanto Henrique lhe osculava os dedos rosados, na presença de D. Bonifacia, que tambem chorava de enternecida ao ver o fervor com que o mancebo beijava a mão de sua filha, e exclamou soluçante :

—A minha Itelvina é um anjo do ceo, senhor Henrique!

—Se é!...—disse elle.

—O que ella tem penado!—tornou D. Bonifacia— Só Deus o sabe!... que ella... coitadinha!... chora, chora, definha-se, e não diz nada!

—Eu fiz o mal—acudiu Henrique, levando ao coração os dedos flexiveis e nervosos da gentil enferma—eu darei o remedio...

—Está aqui?—perguntou Itelvina, premindo-lhe brandamente o coração.

—Está, minha querida, está! respondeu Henrique muito commovido.

Sahiu o fino amante á sala onde estava Manoel José Borges, e pactuou definitivamente o casamento em dia apasado.

Voltaram ao quarto de Itelvina, onde o jubiloso pae exclamou :

—Está decidido o teu futuro! Antes de quinze dias, filha, serás esposa d'este honrado moço, que te merece,

e que eu já amo deveras. O mal feito está remediado. Agora, Itelevina, ergue-te d'ahi. Tens um marido que é uma joia. Eu, cá de mim, se m'a pedisse, o imperador da Russia, não ficava mais contente.

Itelevina arquejava de alegria, e rosou-se até ás orelhas. Era o pudor, o pudor, leitores, que é a mais geitosa das mascaras para toda a casta de escarlata, que, sem aquella palavra, não saberíamos dizer o que é.

Passou Henrique ao escriptorio do despachante, onde á maviosa scena d'aquelles amores esponsalicios proseguiu assim :

—Vossa Senhoria—dizia Manuel José Borges—casa com uma pomba. Não é por ser minha filha, mas eu digo o que diz toda a gente que conhece a minha Itelevina. Enquanto a genio, é meiga e docil como não sei que haja outra debaixo do sol... E' digna de um throno!

—Eu sinto muito não ter um throno para lhe offerecer; mas...

—Tem ás suas virtudes—atalhou o despachante, pondo no firmamento os olhos—Estou certo que minha filha achou um marido, que a hade apreciar. Eu gostei sempre muito do senhor, desde que o vi no baile da Terpsichore. Mal sabe quanto me custou adiar este casamento por causa de vossa senhoria não ter recursos bastantes á sustentação da sua casa... Se o senhor Henrique instasse, dou-lhe a minha palavra que mesmo então lhe daria a pequena, e ficariam em minha casa comendo como eu comesse...

—Obrigado, senhor Borges: eu é que não podia impor-lhe esse onus. Tenho certos principios de independencia...

—Isso é que é ser honrado, meu amigo! A independencia é uma coisa muito bonita! Ora diga-me, a herança, ainda que eu não entro n'esta especialidade senão pelo gosto de saber que está bem, sim, dizia eu, se a herança de sua tia...

—A herança de minha tia foram vinte e cinco contos em propriedades de casas, que vendi em Lisboa, porque estavam carecidas de obras, em que eu gastaria os rendimentos de cinco annos. Agora, estou resolvido a pôr o meu dinheiro n'algum banco...

—Banco?! ha de perdoar, mas não me parece acertado. O senhor, se quizer, pode fazer que o seu dinheiro lhe renda a quarenta por cento, ou mais. Eu sei os escaninhos do negocio, senhor Pestana. Tenho sido agente de alguns interesses menos maus, com dinheiro de negociantes que não figuram, mas sabem a quanto monta um pequeno capital bem administrado. O negocio de dinheiro a retalho é o mais lucrativo. Porque não ha de o senhor, por segunda pessoa, negociar em emprestimos sobre penhores? Isso digo-lhe eu que é dobrar os pés com a cabeça...

—Usura? não me leva para ahi o genio—atalhou Henrique—O que tenho, legalmente administrado, so-beja-me á decencia de minha casa. Não aspiro a dobrar a minha fortuna...

—Valha-o Deus!... mas, se pôde dobral-a, faz-lhe

isso algum mal! Que está o senhor ahí a fallar em legalidades? Pois o meu amigo cuida que alguém hoje enriquece legalmente? Aqui estou eu que sou pobre por amor da lei, e já agora é tarde para tornar ao ponto onde eu dei um pontapé na fortuna. Quantos amigos meus estão no galarim! Para não ir mais longe... olhe o senhor o Enxertado, aquelle bruto, que vale quatrocentos contos! Pois tres partes da fortuna roubou-as á fazenda nacional! No tempo do cerco metheu no Porto trezentas pipas de vinho sem pagar direitos, e contrabandea ha 25 annos com felicidade de burro! E' um dos cincoenta ladrões mais felizes do Porto!

—Cuidei que o senhor Borges era intimo amigo do Enxertado—interrompeu Henrique.

—Não, senhor, sou campadre d'elle; mas, desde que lhe entrei lá no fundo do seu modo de pensar, retirei-me com a minha honra intacta.

—Mas como eu sei que o filho frequentava a sua casa...

—Contra minha vontade. Que havia de eu fazer áquelle bruto? Cahiu do cavallo aqui na rua, veio cá para casa em braços, apaixonou-se pela minha filha e pediu-m'a. Aqui está o que foi. Eu considerei que a pequena, a ter de casar mal, antes com elle que com outro. Disse-lhe que sim; e sabe Deus que lagrimas fiz chorar ao meu pobre anjo! Ella não pensava senão no senhor Henrique; e eu, a dizer-lhe a verdade, cuidava que o senhor estava esquecido de nós. Se alguém teve culpa, fui eu; que a pequena, essa dava um estoiro, se

se visse casada com tal alarve, que de mais a mais é um maroto de marca!...

N'este ponto, Henrique Pestana citou o meu humilde nome, a proposito da carta escripta por Itelvina a Bazilio. O senhor Borges disse muito mal de mim, chamou-me todos os nomes, que enriquecem o vocabulario do Porto, excepto contrabandista. Com o quê, se separaram satisfeitos, cada qual a tratar dos preparativos para o matrimoniamento.

No dia seguinte ao d'estes faustos successos, chegou ao Porto Bazilio Fernandes Enxertado.

O surprehendido mercieiro, quando viu o filho, deu um pulo de alegria; mas, passado o instante de alvoroço, exclamou com aspecto demudado:

— Quem te chamou cá, rapaz?

— Estava farto de esperar pelo titulo— respondeu Bazilio— Os sujeitos a quem eu levei cartas, são uns trantantes, meu pai. O que elles queriam era apanhar-me p'ras filhas. E, a fallar-lhe a verdade, eu, se não tivesse um bocado de miollo n'esta cabeça, alguma asneira fazia por lá. Aquillo de mulheres de Lisboa são matreiras que tem diabo! Rapaz, que não tiver lume no olho, embeixa-se, que está perdido! Eu assim que vi com que gente estava, fui-me safando, e não quiz mais saber do titulo. O que eu quero é estar ao pé de meu pai e de minha mãe.

A senhora Bonifacia, que estivera a soffrear as ternas lagrimas, deixou rebentar os diques, e lançou-se nos braços de Bazilio, clamando:

—Fizeste bem, filho, fizeste bem! Não tornes a sahir da nossa beira!

—E tu vens com mais juizo, Bazilio?—perguntou José Fernandes entre grave e meigo.

—Falta-lhe a elle juizo!—acudiu Bonifacia—Não lhe estejas agora com essas arengas, homem! Deixa-o ir descansar para depois comer alguma coisinha. Parece que o meu coração adivinhava! Olha que temos hoje tripas guizadas, Bazilio, o teu petisco de afeição!

—Temos tripas?—disse jubiloso o elegante—Estimo bem! Lá em Lisboa lembraram-me muito.

—Vens com a barriga cheia de alface, rapaz?—perguntou José Fernandes—Lá te mandei seis duzias de salpicões; comeste-os ou não?

—Comeu-os o commendador Rapozeira, e mais as filhas!... Cuidava elle e mais ellas que eu, por ser cá da provincia, tambem era salpicão!... Quasi que me iam engolindo!

—Credo! exclamou a senhora Bonifacia.

—Eu acho que os fidalgotes lá da capital só comem alface, quando não tem salpicões—acrescentou com ares de faceto o especieiro.

—Tambem me parece—disse o joven—Aquillo é tudo casquinha.

—Deus sabe com que linhas cada qual se coze—ajuntou a senhora Bonifacia.

Depois de jantar, como a intumescencia das tripas bem avinhadas do velho Porto, conforme o estylo, dessem um tom de satisfação expansiva a José Fernandes,



chamou este o filho, e disse-lhe, encostado a uma rima de ceiras de figos :

— Vejo agora que estás outro, Bazilio! Estou contente contigo. Se eu soubesse isto, não te deixava estar tres mezes na capital. Rebentavamos tua mãe e mais eu com saudades de ti, filho! mas o medo de que desses aquella grande cabeçada de casar com a minha afilhada... Valha-te Deus! como te lembraste tu de ir dar áquella rapariga a grande fortuna que tenho andado a arranjar-te! Olha que tu és muito rico, rapaz! Tens quatrocentos oontos por minha morte, se a fortuna não desandar. Não ha em Portugal menina que tu não arranjes, se quizeres casar. Eu cada vez que me lembrava que a filha do Borges havia de metter a mão na minha burra, sentia-me estostrar cá por dentro!

— Ora, meu pae, ... eu casava lá...

Esta interrupção de Bazilio sahiu tão sobre-posse e contrafeita que José Fernandes, e só elle, poderia tomal-a á melhor parte.

— Pois tu não pensavas em casar com ella, Bazilio?

— Qual!... — disse sorrindo desdenhosamente o moço.

— Dá cá um abraço, rapaz! Olha que fiz mau juizo da tua cabeça. Então tu, pelos modos, o que querias era passar o tempo com a moça...

— Pois eu que havia de querer?

— Isso lá, sim! Um rapaz não lhe fica mal gostar de uma rapariga, e... como o outro que diz... divertir-se, emquanto não casa... Lá isso não me importava a

mim, nem me importa. Arranja-tê lá, Bazilio; mas não dêsz azo a que o compadre ande por ahi a dizer na praça que tu lhe casas com a filha, e os meus amigos a virem cá espantados perguntar se tu estás doudo.

Proseguiu o dialogo até uns termos de muito equívoca moralidade. José Fernandes consentia que seu filho dêsse casa e mezada á filha do despachante, se tinha paixão por ella. A quantia estipulada e cedida para a deshonra de uma familia e desmoralisação de duas vinha a ser uma verba igual á que o especieiro esmolava para as obras do hospital do Terço e outros asylos de caridade, esmola, que, além do céo, rendia ao negociante uma local por mez nos differentes jornaes do Porto, que o denominavam «dispenseiro dos thesouros de Deus e providencia terrestre dos infelizes».

### XIII

#### Chora o heroe

Na tarde d'este mesmo dia, foi Bazilio visitar a familia do despachante. Quando embocou á rua de Santa Catharina encontrou Ervedosa, que lhe disse:

— Por estes quinze dias, o Henrique Pestana casa com Itelvina.

Enxertado perdeu a côr, e disse: /

— Primeiro me hade levar a mim o diabo!

A distancia de quarenta passos enxergou Itelvina á janella, e viu-a desaparecer com arremesso.

Entrou no portal, tirou pela campainha tres vezes, e á quarta quebrou o arame, sem que ninguem lhe abrisse a porta.

Bateu com os calcanhares até que as portadas gemeram pelas juntas.

Fallou D. Custodia perguntando:

— Que brutalidade é esta ?

— E' Bazilio — respondeu o allucinado rapaz.

— Quem procura ?

— A senhora mesma.

— Que me quer ?

— Quero vê-la.

— Pois eu não tenho vontade nenhuma de o ver ao senhor.

— Faz favor de abrir ?

— Não abro : o dono da casa sahiu.

— Faz favor de abrir, quando não . . .

— Quando não quê ? . . .

— Vae dentro a porta.

A ultima parte d'esta original disputa foi ouvida pelo despachante, que Bazilio não vira entrar no portal.

— Isto que bulha é ? ! — perguntou Manuel-José Borges.

Bazilio descobriu-se, e cumprimentou accrescentando :

— A sua familia não me abre a porta.

— Lá terá suas razões.

— Não sei quaes ! Senhor Borges, o senhor faz mal em faltar á sua palavra !

— A minha palavra ! O senhor é que faltou.

— Estou ainda aqui e solteiro.

— Não duvido ; mas minha filha já dispoz de si. Vai casar com . . .

— Já sei ; mas ainda é tempo de se desfazer o casamento.

— Isso é lá com ella, e com a mãe. O que eu posso

fazer é empregar o poder de pae afim de que minha filha ouça as razões do sr. Bazilio.

—Pois faça-me esse obsequio, disse Bazilio apertando-lhe a mão.

—O que passar com ella—tornou Manuel José Borges com brandura—lh'o participarei.

—O melhor seria que eu subisse agora, e pôde ser que tudo se conseguisse do pé p'ra mão.

—Não, senhor. Vá, que eu cá sondarei o negocio. Minha familia está furiosa contra o sr. Bazilio; ha de ser custoso conseguir que ella não tenha febre, ouvindo pronunciar o nome de vossa senhoria.

Saiu Bazilio, com o coração em pedaços.

O despachante foi contar o succedido no portal. Itelvina, posto que não tivesse febre, cortou a narrativa do pae com interjeições virulentas, e a sr.<sup>a</sup> D. Custodia, de vez em quando, murmurava:

—Coitado!

—Coitado, quê?!—vociferou a menina, já aborrecida dos ápartes da mãe condoida.

—Emfim, menina, lá que o homem te quer bem, d'isso ninguem pôde duvidar—respondeu D. Custodia—Isto não quer dizer que cases com elle, e despeças o outro; mas a gente tem coração, e o Bazilio sempre me pareceu que tarde ou cedo havia de vir procurar-te. Ama-te desde creancinha; é o que é, filha.

—Não quero ouvir fallar do perfido monstro! redarguiu Itelvina—Não quero!...

—Tens razão, menina—atalhou o pae—O teu casa-

mento está tratado, e ficava-te agora muito mal aos teus credits deixares o Henrique segunda vez. Que pena que o Bazilio não viesse antes de hontem! Ainda vinha a tempo.

—E' assim—affirmou a esposa—é assim, Manuel.

—Não tínhamos ainda dado a nossa palavra—continou elle—e então o Henrique ficava bem castigado por te andar a desacreditar pelos cafés.

—Dizes bem, Manuel—tornou D. Custodia—Se elle vem antes de hontem...

—Elle veiu barão?—disse Itelvina com um gesto de menospreço da coisa perguntada.

—Não lhe perguntei—respondeu o pae—e, a fallar a verdade, fiz mal, porque lhe dei *senhoria*... Enquanto a mim, veio barão. Quem tem quatrocentos contos de réis é o que quer ser. E' uma fortuna colossal! O Henrique, coita o, tambem tem alguma coisa, e póde viver remediadamente; mas o que vae de trinta a quatrocentos é muito bem d'elle!... Emfim, já agora não ha remedio! Acabou-se!... Tu não gostas d'elle, e déste a tua palavra ao outro, menina; se não, o casamento era d'aquella casta! Pois não era, ó Custodia?

—Não me falles n'isso, homem, que estou triste como a noite! Se eu via a nossa filha com carruagem, e a dar os seus bailes... Ai! a felicidade é p'ra quem ella quer ir, e não para quem a merece...

—Ora, com que estão ahi!—acudiu Itelvina—que me importa a mim a carruagem? o que eu quero é viver em obscura felicidade com Henrique.

—Pois sim, filha, pensas bem—replicou D. Custodia—; mas cá a minha zanga é vêr que as tuas falsas amigas da rua do Souto foram fazer escarneo de mim a casa do Ramos droguista por eu ter dito que tu havias de ter marido que te dêsse trem. E olha se te lembras que ellas, assim que ouviam dizer lá por fóra mal de ti (não posso perdoar áquelle Henrique as aleivosias que te assacou!) vinham logo pespegar-t'ò nas bochechas para se consolarem com as nossas afflicções!

—Ora!—atalhou Itelvina—Deixar lá as miseraveis...

A chegada de Henrique Pestana cortou a palestra, que, a demorar-se, muito me engano eu, se ella nos não vinha a denunciar uma nova phase da desmoralisação dos animos d'esta familia.

Henrique já sabia que Bazilio Fernandes chegára de Lisboa, e dissera a Ervedosa que primeiro o levaria o diabo que o casamento se realisasse.

Entallado por esta má nova entrou elle á presença de Itelvina, que estava pensativa, com a facé apoiada na mão, sentada em frente do pae e mãe.

—Que tristeza!—disse Henrique.

—Coisas...—murmurou o pae da menina.

—Trabalhos que não faltam!—ajuntou Custodia.

—Mas que coisas e que trabalhos?—perguntou Henrique.

—Nada, nada, inteiramente nada!—disse Itelvina, erguendo-se de golpe, e sentando-se ao piano a dedilhar nas teclas a escala com febril corrida de mãos.

—Aqui ha mysterio!—tornou o noivo contratado—

Faz favor, sr. Borges, de me ouvir duas palavras em particular?

— Pois não! Vamos ao escriptorio.

Ao tempo, que passavam do pateo ao escriptorio, entrou Bazilio Fernandes.

Coriscavam-lhe as pupilas, e resumava-lhe o sangue nas maçãs do rosto.

Tartamudeou algumas palavras, que a tradição me não transmittiu, em resposta das quaes Henrique Pestana o olhou de esguelha, e disse:

— Tenha cuidado comsigo, sr. Enxertado!

— Que quer dizer isso?—acudiu Bazilio empertigando-se e arqueando os braços com um entono não de todo desageitado.

Henrique Pestana mediu-o d'alto a baixo, e replicou:

— E' uma questão muito seria a nossa, sr. Bazilio Fernandes.

— Deixal-a ser, sr. Henrique Pestana!—retorquiu Bazilio, insinuando os dedos pollegares nas algibeiras do collete de setim branco matisado com silva de todas as côres possiveis.

— Os senhores são dois cavalheiros!—interveiu Manuel José Borges accentuando as palavras como o caso pedia — Não é de esperar que façam acção indigna v. s.<sup>as</sup>. Queiram entrar no meu escriptorio, e fallaremos com o sócego que se requer n'estes negocios.

E, dizendo, abriu a porta, e fez a mesura convidativa para que os hospedes entrassem: o que elles fizeram,



guardando-se reciprocamente as deferencias na primasia de quem entraria primeiro.

Mantinhm-se em ridiculo silencio os oppositores a Itelvina, quando o despachante, saltando a quatro pés por cima das difficuldades do improviso, rompeu assim:

—O sr. Henrique pediu-me a minha filha, e depois por lá ficou um anno, até que se resolveu a vir casar com ella. N'este entretanto, o sr. Bazilio tambem m'a pediu, e foi para Lisboa, e por lá se esqueceu da minha filha. Depois, o sr. Henrique veio cumprir tarde e a más horas a sua palavra; mas eu, que não tenho senão uma cara e uma palavra, dei a minha filha ao primeiro que a pediu, visto que o sr. Bazilio faltou á sua.

—Faz favor de não falsificar a verdade!—interrompeu o Enxertado—Aqui estão as cartas de sua filha! Vou-lhe provar que ella me enganou sempre.

E tirou de uma carteira de coiro inglez, marchetada de prata, um massete de cartas, que atirou sobre a escrevaninha do despachante, dizendo:

—Ahi tem! veja! e o sr. Henrique póde vêr tambem! Sempre quero que conheça por fóra e por dentro a mulher que leva... E' boa joia!...

—O senhor está ahi a injuriar a minha filha!—disse, erguendo-se impetuoso, Manuel Borges, com os punhos cerrados sobre a banca.

—Qual injuriar! — tornou Bazilio — A verdade está aqui n'estes papeis! Hão de ler-se. Leia-os, sr. Pestana.

Ora, o sr. Pestana estava passado do que ouvia, e não despregava os olhos do massete das cartas. Para

elle era de toda a evidencia, que eu calumniára, por despeito de amador repellido, Itelvina, inventando cartas escriptas a Bazilio para Lisboa. Agora, estava alli a terrivel prova justificando a minha parvoa franqueza de intromettediço em negocios de coração alheio.

A situação do despachante não era mais tranquillã. Pouco antes conversando com Henrique, tinha elle rebaixado o caracter de Bazilio, dando como certa a desgraça, e, além da desgraça, o arrebetamento de Itelvina, se ella, por mera obediencia filial, se visse casada com o paparreta do Enxertado.

N'esta collisão, Bazilio lançou mão das cartas, desdeu o laço de fitinha verde que as cintava, e espalhou-as sobre a mesa, exclamando:

—Vejam isso! Olhem se conhecem a lettra da sr<sup>a</sup> D. Itelvina!

E, como nenhum dos dois tocasse nas cartas, lançou elle mão de uma á ventura, abriu-a, chegou-a aos olhos de Henrique, e disse:

—Faz favor de ler!

Quiz o acaso que fosse aquella justamente a carta, que eu lêra em Lisboa, e começava:

«A tua riqueza não me seduz, Bazilio. Para mim valeria mais sem fortuna nem titulo... *et cætera.*»

—Não faça caso d'isso, sr. Henrique!—exclamava o despachante—Isso é talvez uma carta de amizade, e mais nada. Bem sabe que a minha Itelvina é da criação do sr. Bazilio, e então não admira que ficassem sempre a corresponder-se; e, de mais a mais, como elle

m'a pediu, e eu teima'va com ella para lhe escrever, a pobre menina, contra vontade, disse p'ra ahi essas coisas, que não valem um caracol.

Bem se vê quão atrapalhado estava este honesto pae de familia! O nobre desprendimento da sua indole aconselhava-o que os mandasse ambos á fava; mas o afazer-se elle á idéa de casar a filha com um dos dois, sobre molestar-lhe grandemente aquelle natural, que o leitor tem de sobra admirado, punha-o na penosa obrigação de não despedil-os ambos para ficar com algum.

N'este enleio, que todos os bons paes de meninas pobres devem perdoar a Manuei José Borges, se contorcia elle internamente, enquanto Henrique lia a carta. Bazilio procurava alguma outra mais significativa, quando Itelvina prorompeu de subito no escriptorio, por uma porta de communicação interior, cruzou os braços, e fitou Bazilio.

O filho de José Fernandes Enxertado levantou as mãos de sobre os papeis; Henrique fez um passo atraz, e deixou cair o braço; Manuel José Borges saiu d'entre a escrevaninha e a cadeira, foi direito á filha, e disse-lhe:

—Não te afflijas com as trampolinices do teu amigo de infancia! Olha que amigo!...

Itelvina deu um salto á mesa, abriu as mãos, recurvou os dedos, arrebanhou as cartas, machucou-as em duas bolas, e metteu-as ás algibeiras do avental de seda verde-gaio.

Depois, voltando-se a Bazilio, exclamou:

—E' um character vil, o senhor! Eu podia tambem

mostrar as suas cartas, se as tivesse guardado; mas... o destino que ellas tiveram... foi... entrarem d'onde saíram...

Estas palavras, aliás euphonicas, escondem um pensamento de mui duvidosa limpeza, e uma comparação, que Bazilio não farejou, posto ser ella de natureza a incommodar-lhe o faro. Seja o que fôr, ha muito espirito n'este rasgo de Itelvina, embora digam que a substancia da idéa é a menos espiritual d'este mundo. Bazilio Fernandes ficou mais bruto que o seu ordinario. Henrique Pestana não sabia qual expediente lhe ia melhor em tal conjunctura. Tinha elle ainda na mão a carta, quando Itelvina, arrancando-lh'a, bradou:

— Se este successo te dispõe contra mim, Henrique, manda-me as minhas cartas, que as tuas posso restituir-t'as; essas conservei-as sempre, e tenho-as presado, e copiadas no coração!

Disse; e safou-se, de cabeça alta, e adoravelmente furiosa.

Bazilio era a imagem da estupidez; mas estupidez silenciosa, que é uma especie de estupidez, que o leitor rarissimas vezes terá encontrado. Estava com a bocca escancarada, como se o coração em pulos lhe quizesse fugir por ella.

Henrique enclavinhára as mãos sobre o estomago, e olhava para ellas.

Manuel José Borges, passeando de parede a parede, bracejava, puxava pelas suissas, e murmurava:

— O que vae em minha casa!... que desgraça!

que chuveiro de infelicidades sobre uma familia honesta!...

De subito, Bazilio encara em Henrique e brada:

—Então o senhor está resolvido a casar com a sr.<sup>a</sup>

D. Itelvina?

Pestana olhou de lado o interrogador, e disse:

—A que vem essa pergunta?... Eu não dou explicações da minha vida ao sr. Bazilio.

—Muito bem!—replicou o filho de Bonifacia, batendo uma rija pancada sobre a mesa com a copa do chapéu.—Muito bem! o senhor ha de saber o que é um homem, ou eu não hei de ser filho de meu pae.

—O senhor parece-me tolo! retorquiu Henrique.

Palavras não eram ditas, Bazilio atirou ao chão o chapéu amassado da rija pancada, abriu os braços, e correu para o rival, com o programma homicida de o escorchar entre os musculos retezados pela ira.

Manuel José Borges, que a fortuna de Henrique interpozera aos dois, lançou-se ao robusto filho de José Fernandes, o pôde retê-lo, não com a força, mas com as suas veneraveis cãs.

O moço espumava de raiva, articulando epithetos de baixa companhia, contra os quaes Henrique oppunha um certo ar impassivel, que não parecia medo, mas era realmente medo.

Itelvina, que andava escada abaixo e acima espreitando, entrou no escriptorio, quando Bazilio se debatia nos braços do velhõ.

O que ella praticou n'este lance, se não foi novo,

merete ser contado n'esta epoca em que todos os conflictos d'esta ordem se passam a portas fechadas com um aborrecido ar de domesticidade, e ficam ignorados sob o titulo de «segredos de familia».

Aproximou-se Itelvina do pae, que estava a suar, e disse-lhe:

—Meu pae, largue esse furioso, que eu quero vêr o que elle é capaz de fazer.

—Veja lá o que faz, sr. Bazilio!—disse o despachante, largando-o.

O' milagre de amor!

Bazilio Fernandes Enxertado, abandonado ás suas fúrias, levantou o chapéu do chão, arquejou alguns segundos, olhou em redor de si, sentou-se n'uma cadeira, e levou as mãos aos olhos, que se debulhavam em copiosas lagrimas.

E os outros tres contemplavam-no silenciosos.

Passados dois minutos, ergueu-se o afflicto moço, e disse:

—Adeus para sempre!

E saiu, relanceando os olhos tôrvo's sobre o resto de Itelvina, que, inclinada ao seio, parecia dobrar-se ao peso do desgosto, ou esconder-se ao pejo de semelhantes scenas.

Henrique Pestana, vendo-a assim quebrantada, perguntou:

—Porque estás assim soffrendo, Itelvina? Dar-se-ha caso que te fiquem remorsos de o não téres, segunda vez, attendido?

la nas palavras *segunda vez*, um agro de censura, que molestou o paladar melindroso da menina.

Voltou-se ella com soberano aprumo, e respondeu:

—Veja lá!... está ainda em tempo de retirar a sua palavra.

—Itelvina! calla-me essa bocca!—disse com azedume o despachante.

—Deixe-a fallar—atalhou Henrique.—Ella sabe que póde esmagar impunemente os corações que a amam. Eu tudo lhe perdôo, porque sei comprehender tudo quanto ha horrivel, menos a desgraça de a perder.

Itelvina estendeu-lhe a mão, e disse:

—Sejamos felizes, Henrique!

Henrique apertou-lhe a mão, e murmurou:

—Serás feliz, Itelvina!...

—Ora pois!—interveiu o despachante alegremente.

—Gósto de os vêr assim! Isto acabou-se. Casem-se vocês, quanto antes melhor, que depois já o outro tira d'aqui o sentido.





## XIV

### Ama Bazilio uma prima-donna di-cartello do real theatro de S. João

Chegou Bazilio a casa, e atirou-se a chorar sobre a cama. Os soluços de Bazilio, tirados d'aquelle robusto peito, eram arrancos de quem vomita.

Acudiu a mãe, e logo o pae.

Julgaram-no afflicto da barriga, porque elle punha as mãos no peito, e para José Fernandes o espaço que vae do pescoço ás pernas era tudo barriga. Louvores a Deus, quando podermos todos pensar como elle!

— Oleo de amendoas doces! — exclamava Bonifacia.

— Uma sangria no pé para lhe puxar abaixo os humores! — optava José Fernandes.

Foi chamado um retrozeiro, entendido em dôres, que morava na porta vizinha. O retrozeiro apalpou-o e disse:

— E' indigestão. Purguem-no já com oleo de mamôna.

E, no entanto, Bazilio respondia, soluçando, ás perguntas do pae em termos que o velho não entendia, até que a sr.<sup>a</sup> Bonifacia, como bom coração que era de mulher e mãe, explicou tudo com admiravel penetração, fundada n'estas palavras exclamatorias do filho: «Estoira-me o peito! Antes morrer, que vêl-a nos braços d'outro.»

Ora, o infeliz velhaco abstinha-se de exclamar coisas d'aquellas, quando o pae estava presente.

José Fernandes, informado pela judiciosa interpretação da esposa, sentiu guinadas de ir ao quarto, e deslombiar o filho com a rasoira do milho, que tinha á mão. Porém, o retrozeiro, que entrára na confidencia, foi contar o caso ao boticario da rua Chã, amigo da familia e oraculo nos apêrtos, o qual, encostado á tripode do almofariz, respondeu com ar sybillino: que, a não querer José Fernandes desancar o filho, o melhor seria não fazer caso d'elle, e deixal-o curar pelo tempo.

No dia seguinte, por volta do meio dia, Bazilio pediu licença ao pae para ir dar um passeio até ao Senhor Jesus do Monte, a Braga. Nem leve hesitação deteve o consentimento, dado com a maior satisfação. Foi um caixeiro alugar um macho, emquanto a sr.<sup>a</sup> Bonifacia enfardelava duas grossas malas, e José Fernandes encartuchava dinheiro, e escrevia aviso da ordem franca.

Bazilio bifurcou-se no macho, e partiu.

Como passasse na rua de Santa Catharina, e de-

fronte da casa da Itelvina, a tempo que ella chegava á janella, apertou-se-lhe o coração, e cuspiu duas lagrimas ardentes ás orelhas do macho; mas a dignidade reagiu, e as esporas, obedecendo á dignidade, cravejaram-se nos ilhaes da cavalgadura, que despediu dois pares de coices.

Itelvina tomou isto como proposito e insulto. Voltou-se para dentro, e disse á mãe:

— Ora, não quer vêr o javardo que me vem cá dar coices na sombra!?

A sr.<sup>a</sup> Custodia correu á janella, e, cuidando que alcançava o cavalleiro com a injuria, gritou:

— Fóra co'o mariola!

Chegou Bazilio á *Ponte da Pedra*, primeira estalagem que se encontra no caminho do Porto a Braga.

Eram duas horas da tarde.

A estrada e rocio fronteiros á celebrada estalagem estavam cobertos de carruagens, e as janellinhas adornadas de senhoras, e grupos de outras damas, e dos mais especificos galans do Porto andavam por debaixo dos sovereiros, pela ponte, pelas margens do Lessa, e sob as ramadas e caramancheis do jardim.

Muitas vozes simultaneamente proferiram o nome de Bazilio, quando elle e o macho assomaram ao cimo do ladeirante pinhal que ali formava a estrada. Eram melodiosissimas vozes de meninas, que fingiam zombar do filho de José Fernandes, quando estavam juntas, e encaravam seriamente n'elle, nos theatros e nos salões.

Bazilio apeou na idéa de jantar, e viu sentado á som-

bra de uma carvalheira o jornalista Ervedosa, que o estava chamando a grandes brados, e acenando-lhe com uma folha de papel almaço.

— O senhor vem ao *pick-nick*? — perguntou Ervedosa.

— Não; vou para Braga.

— Que vae fazer a Braga?

— Eu sei cá! Vou... á ventura! — disse Bazilio, sentando-se ao lado do litterato, e expedindo um enorme suspiro.

— Que tem o meu amigo? — tornou Ervedosa — Querem vêr que o senhor vae fugindo á ingrata Itelvina...

— Não diga *ingrata* — acudiu Bazilio — aquillo é mais que ingrata; é uma vergonha sem honra nem vergonha!

— Realisa-se o que eu lhe disse, e o senhor não acreditava. Casa com o Henrique?

— E' verdade... Deu-me um pontapé no coração! matou-me aquella mulher!... Se você a visse furiosa, como eu a vi hontem!

— O pello do mesmo cão, amigo Bazilio... Outra mulher, outros amores, vinte mulheres, todas as mulheres do globo, já, e sem perda de tempo! O senhor está aqui está esquecido d'esse monstro. Nem vossê sae já d'aqui hoje. Estão aqui dez mulheres, pelo menos dez das mais galantes do Porto. Ame uma, ou ame-as todas. Que vae fazer a Braga? Aqui é que está o balsamo. Temos logo um jantar dado á prima-dona Dabe-

deille. Está o senhor convidado em nome da direcção, cujo membro eu sou. Vae vêr o que é enthusiasmo, e enthusiasmar-se comnosco. Os caixões do vinho já vieram adiante, e não tarda ahí um carroção com o jantar. Eu estou aqui escrevendo sonetos, quatro sonetos á Dabedeille, quatro improvisos que medito ha quinze dias. Está dito! palavra de honra! vossê janta comnosco, e apaixona-se por todas estas mulheres!... O' Bazilio! quer vossê uma coisa? faça a côrte á Dabedeille. Gosta d'ella?

— Bom estou eu p'ra essas empresas! — disse Bazilio, arrancando segundo e mais grosso suspiro — Tenho o diabo cá dentro, senhor Ervedosa! Não ha mulher nenhuma que me faça esquecer Itelvina!

— Pois experimente, e verá. Aturda-se, Bazilio! Embriague-se, delire, ame a torto e a direito, embruteça-se nas delicias faceis d'esta alegre corrupção em que não é preciso gastar a alma, e vossê verá que fica bom. Todo o homem de juizo, que se vê na posição em que está o senhor, perde o siso por tres mezes, faz toda a casta de asneira, e joga uma partida com o diabo.

Acabava Ervedosa de ingranzar muito mais longa exposição de ineptias, quando a prima-donna Dabedeille, com algumas damas, e luzido sequito de cavalheiros, desembocou do caminho, que os trazia de visitarem o mosteiro de Lessa do Balio.

Ergueu-se Ervedosa, mettendo á algibeira os sonetos, e foi complimentar a cantora, levando pelo braço Bazilio Enxertado, que se deixou ir á força.

Seguiu-se ao cumprimento a apresentação.

Dabedeille já conhecia de vista o filho do afamado ricasso, e sabia que uma corista, amada por elle quinze dias, recebera do generoso moço uma pulseira de valor mais que fabuloso, na historia das liberalidades com coristas.

Bazilio era fallado nos camarins, e Dabedeille era uma *sympathica italiana* que entrara no Porto com o coração já desangrado das tolas chimeras do amor puro, da ternura *gratis*, e de outras innocencias que são milagres nos camarins. Isto vae escripto sem desaire da memoravel prima donna, que a esta hora deve estar muito acabada, e muito reformada em inclinações. O certo é que ella amou todos os Bazilios do Porto, que, n'aquelle tempo, se acotovellavam em competencia, á roda d'ella.

Recebeu ella, por isso, com mui gracioso semblante o apresentado, e mais ainda a noticia de que o elegante moço n'aquelle hora se inscrevia no numero dos seus admiradores activos, dando Ervedosa a suppôr que os admiradores inactivos, entre os quaes Bazilio estivera, eram aquelles que nem quebravam as mãos victoriando-a, nem flagellavam os joanetes pateando a rival da Dabedeille, que era a Belloni.

A prima-donna revelou vivo desejo de que Bazilio fosse convidado para jantar. Acudiu Ervedosa dando-se como feliz por lhe ter adivinhado o desejo, e ter-se elle honrado a si convidando um dos futuros e mais doncosos paladinos da eximia cantora. Este *eximia*, adjectivado a Dabedeille, frisa tanto n'ella como os *eximios*

copiosos de José Passos aos patriotas do tempo, cujas barrigas, com o andar de quinze annos, engoliram a patria, e deixaram o adjectivo a algum raro sandeu, que se julga Codro ou Scœvola por que a pobrezalhe dá merecimentos de victima.

Dabedeille não cantava aria, que valesse a menor das compoteiras de ginja, que abundaram no mais lauto jantar que ainda viram os pinheiros seculares da *Ponte de Pedra*.

A's tres horas e meia começou o jantar na sala grande da estalagem.

A' mesma hora apeava eu no alpendre da mesma estalagem, com o meu amigo \*\*\*.

Levara-nos alli a malevola curiosidade de analysarmos a pregoada e estrondosa ovação á cantora, contra a qual militavamos nas raras fileiras da Belloni.

Tinha Belloni, a mimosa cantora, mui poucos sequazes: era uma nobre alma, uma completa senhora, uma esposa exemplar. Assim se motiva a pouquidade dos seus admiradores.

Subimos para um quarto, d'onde se avistava a sala do banquete. Vi Bazilio sentado á mão direita de mademoiselle Dabedeille, cuja cabeça, ramalhando fitas de varios tamanhos e côres, scintillando vidrilhos, pingentes, e muitas outras coruscantes trapalhices, pendia morbidamente para o lado do visinho, que, na minha opinião e do meu amigo \*\*\*, lhe estava fallando do estado do seu coração.

Dei-me ao desenfado pueril de observar a cara de

Bazilio consoante o jantar se ia adiantando. Quando entraram as travessas dos perús, já o amator de Itelvina estava vermelho, e gesticulava vigorosamente, em colloquio, ao parecer, muito intimo com a prima-donna. Trocavam-se elles entre si as saudes tão frequentes, e com uns tregeitos de tão mysteriosa intelligencia, que pareciam unicamente viver para beberem, e amarem-se.

Quando entraram as sobre-mezas, a cara de Bazilio era um incendio de vinho sobre-excitado pelo do amor, se é certo chamar-se amor o quer que é que enrubescce os tecidos da cara.

Eu estava a rir-me o mais inoffensivamente que pôde rir-se um indulgente contemplador do lodo, denominado homem em historia natural.

Bazilio viu-me rir, e fitou-me com rosto não propicio; ergueu-se, e veiu direito á janella, que dava sobre um pateo, e defrontava com a janella d'onde eu estava espreitando o festim.

Enxertado nunca se esquecera dos favores que lhe fiz do outeiro de Santa Clara, embora se lhe seguissem funestos resultados. Em toda a parte se mostrara meu admirador, respeitador, direi até amigo. Ouvia-me com tal qual seriedade, e consentia que em algumas vezes duvidasse da boa organização da sua cabeça, aliás espaçosa para um luxo de funcções intellectuaes.

Se eu não dêsse logo desconto ás muitas libações em que o vira arriscar o seu animo regularmente quieto, devêra espantar-me da insolencia com que elle saiu á janella, tregeitando carantonhas minazes, e levando as



mãos ás orelhas com ar de quem formava programma de me arrancar as minhas.

O meu amigo, que tinha grande nojo de Bazilio, e, como costuma dizer-se, o figado ao pé da bocca, tomou a ameaça como com elle, e apostrophou-o com uma roda de epithetos, alguns dos quaes, *bebado* por exemplo, não era de todo descabido. Quiz conter a acrimonia de \*\*\*; mas era tarde para obviar os desastres provenientes.

Alguns convivas, abrasados da commum electricidade que as garrafas haviam descarregado, cresceram por traz de Bazilio, e, como era de vêr, consubstanciaram-se com elle, vociferando petulantes chacotas, que muito estomagaram a nossa lealdade a Belloni, visto que as chufas reflectiam na cantora.

O meu amigo tomou de sobre a nossa modesta mesa de jantar um copo cheio de innocente verdasco, e exigiu que eu o imitasse.

Enchi o meu copo, e segui-o. Descemos umas escadas e subimos outras.

Estavamos na sala do opiparo jantar. As damas já tomavam café; os cavalheiros fumavam, e bebiam ainda, com grande estampido de *hourras*, á saude de Dabedelle.

O meu companheiro entrou na sala, de copo em punho, e brindou Belloni com uma saude! Não ousavam crer o que ouviam os pavidos campeadores da prima-donna, e pediram a repetição do brinde. Dei um passo á vanguarda do meu amigo, cuja voz era debil, e vo-

zei, quanto os pulmões m'ò permittiram, uma saude á insigne cantora Clara Belloni.

De subito, irromperam da meza algumas peças de louça, impellidas por mãos não mais certeiras que o uso das cabeças escandecidas, e logo correram sobre nós os mais covardes dos trinta cavalheiros, que tantos eram os convivas. O meu amigo estava ferido na cabeça, e eu em risco de ser espostejado pelas facas, que momentos antes haviam provado o fio no lombo de boi. Valeu-me o meu anjo da guarda, que, em apertos analogos, é a coragem de morrer, e mais nada.

Bazilio Fernandes (honra e louvor ao joven!) quando me assim viu sobranceado por tantas facas e alguns garfos, correu para o meu lado, estendeu os braços sobre a minha cabeça, e disse:

—Alto lá, que isto tudo é borracheira!

Calou a voz no animo dos aggressores, que fizeram pé atraz, e foram acudir ás damas, que expediam clamorosos gemidos e guinchos.

Travou-me do braço Bazilio, e levou-me a um quarto, onde se abraçou comigo, chorando, e clamando:

—Vossê desculpe eu ir á janella fazer aquelles gati-manhos!

—Está desculpado, senhor Bazilio.

—A Dabedeille foi que me metteu n'aquillo. Ella tem-lhe raiva a vossê; e eu, vou confessar-lhe o meu peccado, estou a gostar muito da mulher!

— Ah! está?

—Estou caído! palavra de honra! Só ella é que pôde fazer-me esquecer Itelvina... aquella...

E rebentou n'uma trovoadá tal de epithetos contra a noiva de Henrique Pestana como eu não sei que haja mulher a quem possam caber tantos.

Quiz reprimil-o; mas não tive força para abaixar a valvula d'aquelle vinho, que lhe espirrava do coração ultrajado.

Saí da *Ponte de Pedra* com o meu companheiro lanchado no craneo; fui n'essa noite ao theatro onde cantava Belloni, e lá vi Bazilio pateando-a com phrenesi.

Quinze dias volvidos, disseram-me que o filho de José Fernandes Enxertado era o amante exclusivo da cantora, e lhe remontara a casa de estofos e tapetes que seriam digno adorno de uma princeza.

O amante exclusivo!...

Nunca pude acreditar-o.

A natureza peculiar das cantoras não estava agora a sair da sua orbita regular em obsequio a Bazilio Fernandes Enxertado.

E, senão, vamos vêr.



**Que entrado elle teve! . . .**

Convém saber que José Fernandes, ouvindo parar á porta o macho, exclamou!

—Ahi está o Bazilio, mulher!

A senhora Bonifacia, que já estava na cama, enfiou o saio amarello pela cabeça, e foi á janella, a tempo que o filho batia á porta.

—E' elle, é, Josésinho. . . —disse ella ameigando a voz, com receio de que o marido saltasse fóra da cama

—Não te levantes que eu vou saber se lhe succedeu alguma na estrada. Sair-lhe-iam ladrões?!

—Deixa-me lá ir. . . eu vou saber o que é—replicou José Fernandes ageitando os tamancos com as mãos para os calçar ao descer do leito—Eu vou lá. . . Não sei. . . mas esta noite ha de aqui haver mosquitos por cordas. . . Chegou-lhe a sua hora ao patife!

—O' Josésinho, vê lá o que fazes. . . O menino que veiu é porque teve a razão de maior. . .

—Pois sim, sim ; eu vou saber porque veiu o menino. Desceu o mercieiro do quarto ao segundo andar, que era o aposento de Bazilio.

José Fernandes parou no limiar da porta. Estava Bazilio descalçando as botas d'agua. Ergueu-se, e disse :

—Sua benção, meu pae.

—Deus te abençõe—respondeu com carrancuda placidez o velho—Que vem a ser isto? porque desandaste, Bazilio?!

—Porque já não preciso ir distrair-me, meu pae. Estou distraido, estou curado da maluqueira. Consinta que seu filho lhe dê um abraço.

—Alto lá! — atalhou José Fernandes, repellindo o abraço—Não te entendo. Põe-me lá isso em meudos.

—Meu pae,—tornou o moço—eu ia para Braga para esquecer a sua afilhada ; no caminho encontrei a satisfação e o prazer ; esqueci-a, e tenho-lhe agora raiva. Escuso de sair de minha casa para ter juizo. Aqui está o que foi.

Abriu um brando riso o rosto do especieiro, e logo lhe saltaram do intimo estas festivas palavras :

—Se assim é, rapaz, tens de mim o que quizeres. Dá cá o abraço! Queres cear?

—Não, senhor. Jantei na *Ponte de Pedra* em companhia de muitas familias grandes, que me trataram com toda a cortezia. Se o pae dá licença, vou vestir-me para ir ao theatro. . .

—Pois vae; mas não fiques por lá até á madrugada que has de estar fatigado.

—Aqui está a ordem, e as cem libras que me deu.

—Deixa lá estar as cem libras para as tuas despesas. Bazilio, se tiveres juizo, podes viver como um principe.

—Esteja socegado meu pae, que, por causa da Itelvina, não torna vossemecê a ter o menor desgosto.

José Fernandes foi levar a boa nova á senhora Bonifacia, que ficara no topo da escada ouvindo o dialogo.

Bazilio foi ao theatro, como se disse no anterior capitulo, jurar as bandeiras *dabedcillistas* pateando a quatro pés a pallida Belloni, que saiu do palco, n'aquella noite, coberta de lagrimas, deitou-se febril, e ergueu-se volvido um mez, para ir morrer na Corunha.

Deixemos em paz e esquecimento quem morreu, e vamos na trilha do rasto luminoso que deixam os vivos, os vivos afortunados, como este meu heroe, cuja vida ha de ser sempre um éden, embora, uma vez por outra, se pique nos espinhos das rosas, com que a estúpida fortuna lhe amacia a cama.

Bazilio era, pois, o amante dilecto da prima-dona. Rapazes da melhor roda, bem appellidados, senhores solarengos, e conquistadores irresistiveis não lhes soffria o animo verem-se pospostos e sacrificados ao filho do tendeiro de S. Bento. Quando o ensejo cahia a ponto, chasqueavam-n'ó, a vêr se elle, provocado, fazia jus a uma cossa monumental; mas Bazilio, tão embebido andava em sua felicidade, que nem dava tento dos remo-

ques nem se temia dos rivaes. Ervedosa, um dos raros convivas das suas ceias em casa da actriz, recommendava-lhe que se acautelasse de alguma emboscada; e elle, sem mais defeza que uns certos assomos de intrepidez annexos ao coração soberbo da posse de uma mulher desejada dos outros, ia de frente erguida contra todos os vultos suspeitos.

E o caso é que os donosos senhores de solares tomaram-lhe medo, e deixaram-n'o gozar-se desassombradamente da facil victoria.

*Facil*, santo Deus!

Perguntassem a José Fernandes se era facil a victoria!... Com o rosto alegre, e o animo torturado, o velho dava ao filho as quantias avultadas, que elle pedia. Bonifacia, ouvindo as lastimas do marido, dizia-lhe:

—O' homem! tu estás a dar assim dinheiro ao menino sem peso nem medida!...

—Deixal-o gastar... Antes isso, que vê-lo casado com a rapariga.

—Mas não vêes que o nosso filho, assim n'este andar, ha de perder a alma! Mettido com gentes das comedias! Aquillo dizem que são umas bichas de sangrar, homem!

—Deixa-o, mulher... A Itelvina casa por estes dias, depois, eu lhe levantarei a cesta. O que eu quero é que elle esteja entretido enquanto ella não casa.

Optimo!

Bazilio Fernandes Enxertado combinara com Dabedille encontrarem-se no theatro de S. João, no baile



carnavalesco de domingo gordo, e irem d'alli cear salame á Aguia d'Ouro.

O litterato era da sucia, indigno realmente da confiança, porquanto, em uma roda dos motejadores de Bazilio, revellou elle a côr e feitio dos dominós do seu amigo e da Dabedeille. Os morgados provincianos deram-se pressa em arranjar dominós identicos, com algum plano que vamos conhecer pelos reprehensiveis resultados.

A Dabedeille entrou no portico de S. João, e viu acercar-se d'ella um dominó, que lhe deu o braço. Aceitou-o sem hesitação: não podia deixar de ser Bazilio.

Meia hora depois, Bazilio, estando no salão a observar os dominós que entravam, viu um que não podia ser senão Dabedeille: deu-lhe o braço tambem.

Os dois primeiros sahiram logo, e entraram n'uma carruagem. Dabedeille, ao entrar na carruagem, episodio estranho ao programma dos brinquedos d'aquella noite, perguntou:

—Onde vamos?

O conductor entrou sem lhe responder, e a carruagem partiu a todo galope pela rua de *Entre-paredes*, com destino a Campanhã, fóra de portas.

Bazilio, tirado com força pelo braço da supposta Dabedeille, tambem depois perguntava:

—Onde vamos?

E o dominó respondia-lhe em falsete:

—E' um capricho! Segue-me, *mio caro!*

E entraram n'outra carruagem, que tomou o destino da primeira.

Eram seis as carruagens paradas diante do portão de uma quinta de Campanhã.

Bazilio, durante a velocissima corrida, fez algumas perguntas ao dominó, taes como :

—Onde me levas tu?—Que mania foi esta?

O dominó fingia não ouvil-o, e natural seria não ouvir, sendo tamanho o estridor da locomotiva sobre as pedras descalçadas do caminho.

Dabedeille, a genuina Dabedeille, quando viu o rosto do apócrifho Bazilio, e reconheceu o seu primeiro amante no Porto, deu um grito, grito de mero espanto, que não se repetiu, nem as caricias do traidor davam logar a gritos. Aquelle espirito sublime comprehendeu logo que a sua dignidade não podia sair suja de tal perfidia, nem a historia por tal feito lhe poderia inquinari a reputação, como, na ruim opinião de alguns, acontece com Lucrecia.

Da carruagem passou a tranquilla cantora a uma sala, onde estava posta uma ceia de carnes frias e variados vinhos. Eram oito os convivas, rapazes das provincias do norte, já conhecidos da dama, e uns menos felizes que os outros na sollicitação de seus impuros amores. Receberam-a com urbanidade, dando-lhe na mesa o primeiro logar, e trovejando um *viva* á cantora eximia, que teve o pasmoso sangue frio de responder com Champagne ao brinde.

E fallam das mulheres fortes da Biblia!

Mulher forte era aquella! Nenhuma força houve nem ha ahi que exceda a força que póde dar a robusta philosophia de uma prima-donna, como era aquella, e como todas deviam ser para valerem o que as empresas lhes dão!

Mas, o coração como o teria ella lá pôr dentro? Tinha-o como a cara cá por fóra: tranquillo, quieto, alegre, bem, n'aquella atmospha de rapazes, de bons ditos, de optimos costumes, porque, em bom portuguez, pessimos costumes é aquillo a que não estamos acostumados, e por isso nos molesta. A italiana pensava então á portugueza em materia de costumes. Os alentos desafogavam-se-lhe da compressão em que os tinha, ha dois mezes, o ciume de Bazilio. E' verdade que ella vendia carissima a sua liberdade; mas contra a ignobil escravidão da alma reagia o habito, o instincto, o coração. Um quarto de hora depois, Dabedeille relanceava um olhar de reconhecimento ao raptor, que a salvara de ir ceiar estupidamente salame *vis-à-vis* de Bazilio Fernandes Enxertado.

—Como ha de ser isto?—exclamava ella.

—Isto que?—perguntava um morgado de Penafiel.

—O pobre Bazilio que me está esperando!...—disse a actriz ageitando piedosamente as feições com a mais sarcastica momice.

Ouviu-se um rodar de carruagem.

—E' elle!—disseram todos.

—Elle quem?—perguntou Dabedeille.

—O primeiro personagem da comedia!—disse um.

E cobriram todos o rosto com as mascaras.

A prima-donna perguntou se devia mascarar-se. Disseram-lhe que não.

Entrou Bazilio com o outro *dominó*, e deu logo de rosto em Dabedeille que estava á cabeceira da mesa, descarnando, á mão, a perna de um pombo.

—Ah!—exclamou Bazilio, recuando.

A cantora abriu os seus bellos olhos, e reconheceu o *dominó*, e a exclamação.

N'este momento, o primeiro amante, que estava ao seu lado, inclinou-lhe a facè sobre a espada, e disse-lhe:

—Linda, pede ao filho do tendeiro que nos diga qual d'aquelles dois queijos flamengos é o melhor para a sobre-mesa.

Bazilio arrancou a mascara do rosto, e correu de punhos fechados contra a italiana.

A mulher, que fingira Dabedeille no corpo, e na voz, susteve-o pelo *dominó*, e disse-lhe:

—Não te botes a perder, Baziliosinho!

E elle, vertiginoso como as furias, lançou-se ao rosto da mulher, que o retinha, arrancou-lhe a mascara, e reconheceu a corista a quem dera a pulseira.

Dabedeille esteve em duvida se devia erguer-se com impeto, e exclamar alguma coisa.

Mas, como quer que visse que toda a exclamação vinha ridicula e fóra de tempo, deixou-se estar de olhos abatidos sobre a perna do borracho meio esbrugada.

Um morgado de Marco de Canavezes aproximou-se solemnemente de Bazilio, e disse-lhe:

— Escolha um d'aquelles queijos, sôr Bazilio Fernandes Enxertado.

O moço respondeu sisudamente uma phrase completa, um euphemismo muito em uso, mas que não pôde ser trasladado n'um livro que tem sua moral, e faz pontaria a moralisar a especie dos seus leitores.

Este conflicto não podia durar muito, e vae acabar, de modo que a sympathia do leitor se decida a favor do meu heroe.

Bazilio deu um salto, mesmo um salto de tigre, ao pescoço da actriz.

Então se ergueram os oito membrudos provincianos: repartiram entre si o encargo difficil de reter os impetos do pujante moço, e lançaram-o fóra da porta.

A cantora, tateando o pescoço, perguntou aos seus velhos amigos, que voltavam de expulsar Bazilio a empurrões:

— Olhem se elle me fez alguma arranhadura no pescoço?

A ceia terminou ás duas horas da manhã. Quando os dez dominós entraram no theatro de S. João, sentiu-se um reanimação, um alarido, uma trovoada de espirito, que convergiu a curiosidade de toda a gente sobre os mascarados recémchegados.

A prima-donna principalmente estava divina de graça e requebros.

Como esquecida do que devia á sua honestidade, polkou no salão entre as mulheres de virtude equivocada, e fez passos maravilhosos, tregeitando o mais senhoril

*can-can*, applicado á polka, e conforme á decencia da localidade, e das familias assistentes.

Bazilio Enxertado, áquella hora, tinha a testa envolta em pannos d'agua sedativa de Raspail.

Que entrudo teve o pobre moço!

Se elle não tivesse muito dinheiro, haviamos de chamar-lhe aqui infeliz!

Qual infeliz!...

Homens assim nunca foram infelizes.

## Castigos de leviandade. Capitulo de muita moral

O acontecimento de Campanhã chegou, relatado pelos jornaes, em termos meio-vellados, ao conhecimento do boticario da rua Chã. Era ainda o localista Ervedosa que divulgava a noticia do escandalo, na mente de castigar a perversidade das primas-donnas, propiciando aos leitores do seu jornal pábulo á gargalhada. O jornal victima assim os seus sacerdotes.

O boticario averiguou e esclareceu os pontos escuros da noticia, cuja leitura, com largos commentarios, foi fazer a José Fernandes Enxertado.

O especieio affligiu-se, e Bonifacia chorou.

No entanto, Bazilio offerencia symptomas de cataclysmo carebral. Diz elle agora que não era tanto a agonia da affronta recebida que o penalisava, como o pesar de ser ridiculo aos olhos de Itelvina, cuja imagem, mais

formosa ainda nõ calor da colera, o perseguia sempre nos falsos deleites com que buscava atordoar-se.

Foi tres vezes sangrado, e mergulhado em banhos sedativos, que lhe deram tom, e lhe pozeram o coração em soffrivel harmonia com o intellecto e com o estomago.

Ao entrar no periodo da convalescença, José Fernandes cuidou em tiral-o do Porto, visto que Bazilio, nos accessos febris, rugira com ternura de tigre o nome da filha do despachante, e ousára abraçar-se no pae, chamando-lhe *Itelvina!*

Foi o boticario de opinião que Bazilio devia ir passar um anno fóra do reino, ou fazer uma longa viagem. Aceitado o alvitre, José Fernandes deu a escolher ao filho o paiz onde queria passar algum tempo.

O moço, que nunca mais saíra de casa, de envergonhado que ficou, approvou a idéa, e escolheu Paris.

Feitos os aprestos rapidamente, Bazilio foi para Hespanha, e de lá embarcou para *Saint-Nazaire*.

No dia em que elle chegava a Paris, recebiam-se na igreja de Santo Ildefonso D. Itelvina Borges com Henrique Pestana.

N'este mesmo dia, José Fernandes, ao receber a nova, deu dez pintos ao sachristão que lh'a levou, deu vinte e cinco mil réis de esmola ao Asylo de Mendicidade, quinze mil réis ás Entrevadas da Cordoaria, e mandou dizer cinquenta missas de cento e vinte réis pelas almas da capella de Santa Catharina e das Tai-



pas, vinte e cinco missas per cada grupo de almas, correlativas a cada capella.

Afóra isto, brindou o boticario com uma barrica de assucar, dois queixos de cabeça-de-preto; e um alguidar de azeitonas de Sevilha, e uma carta, cuja alegria era um tantinho aguada pelas torturas da grammatica, e agonias da orthographia. O boticario foi pessoalmente espremer nos braços o amigo, e recommendar-lhe que não participasse ao filho, por emquanto, o casamento, nem o chamasse para casa.

Henrique Pestana, alguns dias depois, foi para Lisboa com sua mulher.

Eu não sei se mentirei por minha conta em aggravo do coração humano, dizendo que estes casados foram ditosos quinze dias.

O leitor não me acredita: não importa. A consciencia do romancista salta por cima da confiança publica, e salva-se na crença e no applauso dos raros espiritos, que se abonam com bem saberem o que é esta vida, a preço de tragarem muito fel de experiencia.

Ao decimo dia de noivos, Henrique Pestana interrogou o coração de sua mulher ácerca do passado com Bazilio Fernandes.

Itelvina teve de córar para responder. Rara mulher ha ahí que perdôe ou conformadamente tolere perguntas de marido ou amante que a façam córar pelo seu passado.

As respostas, que ella deu, foram concisas, cathogoricas, e algum tanto irritadas.

As posições eram já outras.

Henrique redarguiu com marital entono. A replica foi brava. A contra-replica sarcastica. E a contenda terminou por lagrimas d'ella, e uma risada de Henrique.

Estava rompida a confiança entre estas duas almas, que poderiam soldar-se, se aquellas lagrimas fossem humildes. Não eram. Os olhos tinham aberto respiradouro á indignação, justa indignação, diremos; que nenhum homem deve explicar o seu fastio com o desaire da mulher, que acceitou culpada, e perdoada.

Desde aquelle dia, Itelvina considerou-se uma das mais desgraçadas creaturas, e Henrique Pestana perguntava a si mesmo se não estava doido ou ebrio quando casou com ella.

As cartas, que Itelvina escrevia a seu pae, eram entregues cavilosamente ao marido pelo criado. Lia elle as lastimas e accusações; rasgava o maior numero das cartas, e escrevia ao despachante, pedindo-lhe o favor de espaçar mais a correspondencia, visto que sua mulher tinha a seu cargo o governo de uma casa, incompativel com uma palestra epistolar tão ociosa, quanto inconveniente á paz domestica.

Itelvina vivia sósinha, sem relações, sem o menor quinhão das regalias de Lisboa. Valia-lhe no maior numero das horas solitarias, o seu piano e os livros que trouxera da casa de seu pae.

Havemos de accusal-a de nimiamente inflexivel. Ha mulheres que parecem ensoberbecer-se com o seu mesmo

infortunio. A docilidade, a humilhação sem desdouro, poderia, nos casos de muitas, revirar a pouco e pouco a sorte. Itelvina era uma das infelizes orgulhosas. A' ironia replicava com a ironja; e, na lucta, como ella tinha mais estylo que seu marido, um terceiro havia de dar-lhe a ella a palma da victoria, se quizesse ser justiceiro.

O peor era cair ella cada dia mais da estima e até da commiseração do marido.

Algum romance lhe segredára que o ciume era um emplasto confortativo nos corações asthénicos. Lembrou-se a indiscreta creatura de farpoar o marido, até o enfurecer, com a garrocha do ciume.

Enganou-se. Succedeu ser ella uma das raras e infelizes excepções!

O marido soube que um official de lanceiros visinho achava benevolencia nos benignos olhos de sua mulher, e conseguira ver-lhe os dentes n'um sorriso, que, muitas vezes, é um postigo franqueado do coração.

Pois não se enfureceu! Encaminhou a usual polemica de geito, que disparou n'esta conclusão:

— Se alguma vez te lembrar ser-me infiel, tem cuidado de escolher homem que te sustente.

A mulher, que tal ouve, e não responde com a infernal energia do crime a olhos de todo o mundo, ou com a sublime virtude do martyrio a portas fechadas, está morta ou perdida. Itelvina achou em resposta um bom, mas insufficiente epitheto.

— Miseravel! — disse ella.

Como caira Henrique Pestana, tão depressa, n'este

enojo de uma mulher por amor de quem sovára aos pés a sua dignidade, desprezando as provas da levianidade, com que depois a flagellava?

Eu penso que, em cada cento dos meus leitores, escassamente haverá dez que não respondam a ponto e de prompto.

Anda a gente a fazer umas perguntas, assim formuladas com um ar de problemas, ácerca do coração humano.

Vae-se a vêr a coisa na essencia, e descobre-se que qualquer lavrador da Penajoia ou Maçãs de D. Maria sabe dizer por que é que Henrique Pestana parecia amar muito Itelvina antes de casado, e por que é, outro sim, que a não amava depois.

O lavrador dirá: «é porque não a amava antes» Torçam e sophismem a argumentação, que o lavrador ha de redarguir sempre: «é porque não a amava antes».

Alguem haverá que deseje vêr aqui um arrazoado tendente a explicar a phenomenal desfiguração operada, em quinze dias, no espirito de Henrique Pestana. O lavrador já explicou tudo com sete vozes; não obstante, convinha tratar a materia n'outro ponto de vista: saber do que procedia a cegueira de Henrique; que preponderancia teve n'elle a bruta animalidade; se a alma foi parte n'aquella fascinação; se a saciedade das sensações... Materia intratavel é esta n'um livro, que tem sua moral, como já está dito, e nunca me cançarei de o dizer, para socego dos paes de familias.

Itelvina conseguiu que alguma das suas cartas mais

queixosas chegasse á mão do pae. Manuel José Borges foi a Lisboa, e ficou espantado da magreza e desfiguração da filha.

Henrique Pestana, encontrando de surpresa o sogro em casa, cortejou-o fria e grosseiramente. O velho, que devia ser castigado, soffreu alli uma aspera censura pela má educação que dera a Itelvina.

—O senhor creou-a, como se ella viesse do ventre da mãe fadada para soberana—dizia Henrique—Estes ares de princeza irada não parecem de uma creatura que nasceu na pobreza. Acha ella que os seus merecimentos obrigam o genero humano a estar em permanente lausperenne diante de sua excellencia!

Itelvina elevou tres vezes as espaldas á altura das orelhas, e disse:

—Sempre o mesmo miseravel!

—Veja isto!—replicou Henrique—Ahi a tem! Olhe se ha marido que consinta atrevimentos d'esta ordem!...

—Meu pae!—atalhou Itelvina, erguendo-se—Este homem prohibiu-me de lhe escrever, desde que me poz a tormentos. Praticou a indignidade de se entender com o criado para me subtrahir as cartas, que eu lhe mandava, com a historia, dia por dia, do meu martyrio. Aqui estou encerrada ha cinco mezes. Nem á missa vou, porque meu marido parece que se vexa de me acompanhar. Vestidos tenho apenas aquelles que trouxe de minha casa. Nunca fui ao theatro, nem ao Passeio. Nunca recebi uma pessoa n'esta casa, nem ouvi outra voz, senão a d'este homem, que me está constantemente

lançando á cara ter eu tido correspondencia com Bazilio, e ter-lhe escripto a elle uma carta que era a copia d'outra que escrevi a Bazilio. Já lhe disse que assim aconteceu, e elle faz da minha confissão o uso que faria se eu tivesse confessado um crime. Oxalá que eu tivesse amado Bazilio! Seria a esta hora uma mulher ditosa. Desgraçado! repelli-o, quando elle me dava a maior justificação do seu amor. Rasguei as cartas d'elle, e vi-o chorar, e não tive palavra de amor e perdão que lhe dissesse. Estou sendo atrozmente castigada pelo crime da minha dureza de alma! Por amor de mim, lançou-se o pobre moço nos braços da libertinagem, expatriou-se, e Deus sabe quantas angustias elle está pensando lá fóra!... Infeliz!...

Henrique soltou uma cascalhada de affrontoso riso, quando Itelvina, embargada pelos soluços, exclamou «infeliz!» Póde ser que o leitor tambem se risse, ouvindo-a no tom declamativo com que ella, talvez sem querer, e por instincto de grande artista, remedava a entoação emphatica de Emilia das Neves. O riso do leitor era desculpavel; o do marido não; principalmente quando Manuel José Borges estava limpando as lagrimas.

—O senhor de que se ri?!—disse, tremulo de ira, o despachante.

—Rio-me das attitudes theatraes da sr.<sup>a</sup> D. Itelvina. Perdeu-se uma grande tragica!

—E no senhor aproveitou se um grande tratante!—exclamou Itelvina.

—Isso é verdade!—murmurou o velho.

—Meu pae!—tornou a nervosa senhora, crispando dos labios e dos olhos umas como faiscas de lume—Se não quer vêr-me morta, ou caida na extrema ignominia a que póde chegar uma mulher, leve-me para sua casa, que eu prometto alimentar-me com o meu trabalho.

—Pois vem, filha, vem, que não te ha de faltar nada.

—Não me opponho, disse Henrique.

—Se quer opponha-se — atalhou Itelvina— a vêr a importancia que eu dou á sua opposição.

—Está perdida!—tornou o marido.

—Ainda não!—replicou ella—Apezar das suas diligencias, e dos seus empurrões, ainda não cai, ainda não estou perdida, sr. Henrique. Por emquanto, a unica vergonha que me faz córar, é ser sua mulher!

Henrique fez-se roxo, e avançou um passo contra ella.

O despachante lançou mão da sua grossa bengala de cana, e exclamou:

—Alto lá, que eu estou aqui!

Henrique Pestana pegou do chapeo, e saiu.





A minha correspondencia com Bazilio  
Fernandes Enxertado

«Paris, 10 de maio de 1852.

«Amigo e senhor.

«Estimo saber que vive contente, e que ainda se  
«lembra d'aquelle ditoso Bazilio, que adorava os tachos  
«das freiras de Santa Clara.

«Aqui estou ha dez mezes em França, cheio de sau-  
«dades do nosso Porto. Meu pae já me disse que posso  
«ir; mas eu, a fallar-lhe a verdade, ainda amo aquella  
«ingrata mulher.

«Pedi noticias d'ella a alguns amigos, que me res-  
«ponderam dizendo que é desgraçada.

«Digo-lhe sinceramente que não vou para Portugal  
«por que me faz pena a Itelvina. Antes não quero  
«vêl-a.

«Vossê foi sempre meu amigo; e por isso não me ne-  
«gará um grande favor, que vou pedir-lhe. Diga-me  
«tudo o que souber de Itelvina; perca algumas folhas  
«de papel comigo. Se nos tornarmos a vêr, eu lhe darei  
«um abraço, e contarei as minhas aventuras. Espera  
«merecer-lhe este importante obsequio o seu amigo e  
«venerador obrigadissimo

«BAZILIO FERNANDES»

---

RESPOSTA

«Lisboa, 8 de junho de 1852.

«Meu caro sr. Bazilio.

«Itelvina foi para o Porto, ha quinze dias, em com-  
«panhia de seu pae.

«Estive com ella no hotel «dos dois amigos» na ves-  
«pera da partida.

«Contou-me as desventuras do seu casamento, e ci-  
«tou o seu nome com as lagrimas nos olhos.

«Está muito acabada: já não é aquella flor que per-  
«fumava o salão da Philarmonica portuense, e attrahia  
«os elegantes aos bailes da Terpsichore.

«O marido d'ella é agiota. Quem tal diria!... Eu  
«quiz ser uma das victimas de Henrique Pestana, que  
«empresta a juro de cincoenta por cento; mas não é  
«elle carrasco que estrangule todas as victimas, que se  
«lhe offerecem: meditou antes de lançar mão do espar-

«to, e mandou-me delicadamente embora: é que me  
«achou insolvente.

«Consta-me que elle, depois que a mulher se reti-  
«rou, anda em consultas para salvar o que tem de al-  
«gum processo judicial instaurado pela mulher.

«Por em quanto, não sei que mais lhe diga. Do que  
«souber darei parte, se isso lhe agrada.

«Divirta-se, ame, espalhe o dinheiro, e aprenda a vi-  
«ver.

«Seu amigo, etc.»

---

BAZILIO A MIM

«Paris, 21 de setembro de 1852.

«Meu caro.

«Tenho esperado outra carta sua. Li no *Commercio*  
«do Porto a noticia da morte do Manuel José Borges,  
«e lá diz que elle não deixou nada.

«Fiquei a scismar na pobreza de Itelvina, se o ma-  
«rido lhe não dá alimentos. Como vossê agora está no  
«Porto, diga-me o que souber. Eu penso sempre n'ella.  
«Meu pae agora já me diz que não vá para a patria.  
«Bem o entendo, e é escusado cuidar elle que pôde  
«acabar um amor que nasceu ha dezoito annos. Eu  
«amo Itelvina desde que me conheço. Escreva-me por  
«quem é.

«Amigo, etc.»

## EU A BAZILIO

«Porto, 2 de outubro de 1852.

•Meu presado.

«Itelvina está trabalhando para sustentar-se e sus-  
«tentar a mãe. Henrique, sabendo que ia ser citado  
«para divorcio, alienou tudo fraudulentamente. Sei que  
«elle vive com outra mulher.

«Manuel José Borges morreu d'este desgosto: á força  
«de meditar em fazer a filha rica, esta idéa, afinal ma-  
«lograda, deu cabo d'elle.

«O procedimento da sua companheira de infancia  
«tem sido admiravel. Recebe discipulas de piano e can-  
«to, e desvela as noites a costurar. Nunca mais a vi,  
«desde que nos despedimos em Lisboa.

«Seu pae tem muito em vista afastal-o do Porto. E  
«eu, sem ser consultado, ousarei dizer-lhe que vossê não  
«deve aqui vir tão cedo.

«Creio que o sr. Bazilio tem um coração maior que o  
«vulgar. Nascido com tantas condições de felicidade,  
«necessariamente a infausta estrella do ser humano  
«lhe havia de descontar tantos bens com o mal de ser  
«sensível.

«Esquecia-me, ou talvez de proposito lhe não disse,  
«que por acaso ouvi cantar, ha dias, Itelvina. Eram  
«duas horas da manhã. Que tristeza me fez ouvir-a, e  
«que pungente cantar era o d'ella! Eu que sabia a des-  
«ditosa que alli estava, e assistira ao pobre enterro do  
«pae um mez antes, entendi que ella não cantava; mas,

«na voz dos anjos, orava a Deus pela alma do pobre  
«velho.

«Adeus. Se principio a dar trela ao sentimento, re-  
«ceio que vossê me peça, em vez de lamentações, uma  
«linguagem mais epistolar.

«Seu, etc.»

BAZILIO A MIM

«Paris, 2 de outubro de 1862.

«Fez-me chorar a sua carta lagrimas de sangue. Po-  
«bre Itelvina, que sorte a sua ! Vou para o Porto. Vossê  
«é a unica pessoa que o sabe. Lá me arranjarei com  
«meu pae. Succeda o que succeder. Vossê me dirá co-  
«mo eu hei de dar recursos á minha amiga de infancia,  
«sem que o mundo o saiba, nem ella possa perder a re-  
«putação. Vou por Lisboa. Quêro vêr as barbas ao  
«Henrique Pestana.

«Está o correio a partir. Até lá. Eu, logo que chegue  
«a Lisboa, dou-lhe parte. Etc.»

Um anno de Paris tinha dado a Bazilio Fernandes Enxertado este dizer fluente: successo não vulgar em pessoas que de cá vão com fama de saberem escrever cartas.

A prophecia do frade, com referencia á cabeça de seu sobrinho, não era de todo em todo absurda.

Vamos vêr o que elle era em coração e pulso.



## XVIII

### O maior murro que ainda levaram queixos de homem

Em meado de novembro, desembarcou Bazilio no «Caes das columnas.»

Era domingo. Hospedou-se nos «dois irmãos unidos» e d'alli me escreveu, logo que chegou, uma carta, que não conservo.

Ao meio dia, foi ao Passeio. Encontrou as meninas Raposeiras. Guilhermina olhou-o de esguelha, por sobre o hombro do marido, sujeito de annos, e bacalhoeiro grandemente afazendado.

Bazilio trazia o ar de Paris, aquella inimitavel compostura, peculiar dos homens, que insensivelmente se habituaram aos olhares, aos geitos, ás levissimas coisas em que está o ser-se pessoa de boa companhia.

Acercou-se elle do grupo das meninas, e cortejou-as com o desempêno de quem em toda a parte, e com

toda a gente, mantem integralmente a consciencia de sua superioridade.

—Amalia e Guilhermina já estão casadas—disse o commendador Raposeira.

—Estimo muito—respondeu Bazilio.

—O marido de Amalia é official superior de marinha, e está em Moçambique. O marido de Guilhermina é este senhor João Joaquim Alves.

—Muito gosto em cumprimentar o sr. João Joaquim Alves—disse Enxertado, e accrescentou logo:—E' poeta?

—Não sou poeta, não, senhor!—disse o marido de Guilhermina, peorando a cara que tinha com uma visagem de ultrajado pela pergunta.

Bazilio sorriu-se, e disse :

—E' que a sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina, se eu bem me lembro, aqui ha dois annos era muito poetica, e achava eu que ella, a casar-se com alguém, havia de ser com uma pessoa das mesmas inclinações.

—Como vem espirituoso de Paris!—disse a esposa de João Joaquim Alves.

—Venho assim. . .

Bazilio interrompeu-se, e disse abruptamente, vendo perpassar Henrique Pestana com uma mulher pelo braço :

—Minhas senhoras, ás suas ordens!—E afastou-se pôr uma das áleas lateraes do Passeio.

—Está cada vez mais doido e lôrpa!—disse o commendador Raposeira á familia.

Bazilio cortou a vanguarda de Henrique, e atravessou



a álea, alguns passos adiante d'elle, encarando-o de revez.

O marido de Itelvina conheceu-o, e achou-se incommodado por aquelle sinistro olhar.

Passada meia hora, Henrique e a dama saíram do Passeio pela porta oriental, e tomaram para a Praça d'Alegria.

Enxertado sêgui-os, e viu-os entrar em uma casa de boa apparencia na rua da Conceição. Henrique observou a espionagem, e ficou mais incommodado. Não saiu mais de casa n'aquelle dia, nem no outro, porque o criado, posto em vigia pelo amo, dissera que, na esquina da calçada da Gloria, estava quasi sempre parado um homem.

Ao outro dia, o vigia tinha abandonado o posto; e Henrique, forçado pela urgencia de segurar um devedor que saía de Lisboa sem reformar a sua letra, saiu.

Chegou a salvamento ao Rocio; ahí, porém, o aguardava um desastre que seria ignominioso, se a Providencia não escolhesse um homem do Porto como instrumento de castigo. Um homem do Porto, quando bate, honra sempre as costellas que quebra. Sou insuspeito, aqui o declaro, por que não tive a gloriosa sina de ser conterraneo de Bazilio, nem o Porto me concedeu ainda cartas de concidadão dos seus homens fortes e timbrosos.

Estava Bazilio em uma das janellas do hotel dos «dois irmãos unidos.»

Entreviu, e reconheceu Henrique a entrar no Rocio.

Desceu á rua, e esperou á entrada da rua do Ouro. Aproximou-se d'elle, e perguntou :

—Que fez o senhor d'aquella pobre menina que se chamava Itelvina?

Henrique tartamudeou uma resposta assim :

—Itelvina é minha mulher, e está no Porto.

O medo é a mais estúpida das paixões: responde sempre a mais tola das lembranças.

—Bem sei que é sua mulher e está no Porto, trabalhando para sustentar-se; mas pergunto eu se vossê casou com ella para a fazer assim desgraçada?

O agiota suppoz que Bazilio, declinando para o sentimentalismo, mostrava um animo menos disposto ao ataque, e esta conjectura deu-lhe espiritos.

—Com que direitos — disse elle — vem pedir-me o sr. Bazilio contas da minha vida? Eu importo-me com a sua?!

—Eu não lhe peço contas da sua vida—redarguiu o portuense—pergunto-lhe se valia a pena vossê tirar-me aquella menina, que eu amava desde a infancia, para a reduzir á situação em que ella está.

—Ora, sr. Bazilio—retorquiu Henrique—acho estranho o seu arrojio. Eu não lh'a tirei: foi ella que o não quiz ao senhor. Livrei-o de uma boa peça... Deve dar-me os agradecimentos...

—Pois é para dar-lhe os agradecimentos que eu vim de Paris procural-o—disse Bazilio—e atirou-lhe incontinenti á cara um murro capaz de matar um elephante.

Henrique Pestana é ocioso dizer que deu um salto,

como se o murro fosse um choque de pilha electrica, e caiu fóra do passadiço.

Por instincto de defeza, ficou de costas, com as pernas ao alto. Bazilio avançou para elle, ergueu-o pelas lapelas do casaco, sacudiu-o como quem desperta um somnambulo, e, quando o viu acordado, estampou-lhe dois homericos pontapés, que o fizeram voltar ao ponto d'onde o deslocára o murro.

Em menos de dois minutos, seriam duzentas as pessoas que se rompiam e encavalgavam para verem Henrique lavando os narizes na tenda de um salchicheiro, e Bazilio questionando com um cabo de policia, que o intimava a segui-o ao regedor.

Como o portuense encarasse de um modo suspeito nas ventas do cabo, este funcionario, que via arderem as barbas do visinho Henrique, chamou os municipaes e outras tropas, que iam passando, para o ajudarem a fazer cumprir o artigo da policia, mantida a inviolabilidade de sua cara.

Bazilio condescendeu. Henrique Pestana foi obrigado a ir tambem á presença da auctoridade, sem embargo d'elle encarecidamente pedir que o dispensassem da formalidade, visto que, por sua parte, desistia da querella.

—Eu tambem desisto—acrescentou Bazilio com alguma graça.

O regedor tomou conta da informação do cabo, e mandou os presos ao juiz criminal. O juiz ouviu a allegação de Bazilio, exposta com a eloquencia da paixão, e até com lagrimas, quando narrou a situação de Itel-

vina. Chegou o magistrado a interessar-se nos pormenores do que elle chamava um romance, que tinha simplesmente contra si o estylo de se não darem assim murros d'aquelle tamanho entre os personagens dos romances modernos.

—Admira-me, dizia o facecioso juiz, que o senhor, chegado ha quatro dias de Paris, não tenha andado mais bisarramente n'este negocio, desafiando o seu antigo rival com as formalidades assignadas no romance!

Bazilio olhou contra Henrique, abatido sob o peso da sua covardia, e disse :

—Estes bandalhões lá em Paris ninguem os desafia.

—Pois bom era que os matassem por cá como quem atira aos lobos!—disse o ajudante do escrivão, que estava presente.—Aqui onde o vê, sr. juiz—continuou elle —é o mais refinado agiota de Lisboa! Eu aposto que elle era capaz de vender a mulher, se ella não fosse para o pae!

Houve quem achasse graça a isto, e com a risada terminou o episodio, mandando-os embora o juiz, que recommendou a Bazilio Fernandes toda a prudencia em espancar um sujeito, que seria capaz de crear uma fonte de receita com as costellas.

Ora vejam no que deu aquelle galã dos bailes da Terpsichore de 1848!. Alli está o laureado cynico de Coimbra, o esturdio immerito das bambochatas portuenses! Fôra a sordicia da usura que o despenhára n'aquelle lamaçal. Os vinte contos herdados, postos a caminho de volverem com um cento de contos em poucos annos,

absorveram-lhe a alma, aviltando-a até perder a sensação do opprobrio!

Henrique recolheu a casa feliz e socegado, por que teve a dita de apanhar o devedor, que reformou a letra, e reformou o acceitante substituindo-o por outro mais idoneo, chão e abonado.

Bazilio, na manhã do dia seguinte, saiu para o Porto.



## XIX

### Lgrimas. Capitulo fastidioso

Recebi a nova da chegada de Bazilio a casa de seu pae. Fui procural-o, que assim m'o pedia elle. José Fernandes, primeira pessoa que eu vi no armazem, chamou-me de parte, para me dizer que seu filho vinha perdido de Paris. Fundamentava o velho a perdição de seu filho na desobediencia, vindo para o Porto contra sua ordem, e na arrogancia com que respondera que não saía mais do Porto.

—Se elle não pratica acto algum por que mereça ser expulso da sua terra, da sua casa e da sua familia, que razão tem o sr. José Fernandes para o querer longe do Porto?—perguntei eu.

Respondeu o especieiro que, emquanto Itelvina fosse viva, seu filho não teria descanço.

—Mas—atalhei—espera o senhor que Itelvina morra, para depois acceitar benevolamente seu filho?

—Disseram-me que ella está ethica.

—Não sei se lhe disseram a verdade; mas, se está ethica, que tem que seu filho esteja no Porto quando ella expirar? Não é de presumir que elle a vá desenterrar.

José Fernandes pensou alguns minutos, enquanto pesava tres arrobas de assucar, e disse-me:

—Olhe se lhe tira alguma asneira da cabeça... Eu estou com medo que elle a vá procurar.

—Para lhe dar alguma esmola?

—Isso é o menos.

—Pois, se é o menos, por que não soccorre o senhor a sua afilhada e a sua comadre?!

—Nunca me pediram nada.

—Nem pedirão.

--Deram-me muitos desgostos—tornou elle—Sabe o senhor quanto eu tenho gastado por causa d'ellas? Doze contos de réis. E' o que eu tenho dado a Bazilio a vêr se o distraio; e, pelos modos, o rapaz vem doido como foi.

—Não tem razão de queixa, sr. José Fernandes—repliquei—Seu filho podéra ter sido o que muitos são: desobedecer-lhe, casar com Itelvina, e esperar do tempo a pacifica solução que taes acontecimentos costumam ter.

—Nunca lhe perdoaria; dou-lhe a minha palavra de honra! Se elle tal fizesse, eu em menos de dez annos, que é o que eu poderei viver, desfazia-me de tudo que



tenho; atirava com toda a minha fortuna ao fundo do Douro!

--E seu filho seria um ladrão para lhe honrar a sua memoria, sr. Fernandes. A sociedade, antes de o culpar a elle, condemnaria o mau pae que legou ao filho o exemplo da sua perversidade, como estimulo para toda a casta de infamia.

—Homem, vossê!...—murmurou o mercieiro.

—Eu, quê! Acha que me vou descommedindo no atrevimento das phrases!?

—Não digo isso; vossê parece-me que tem razão... Eu não devia deixar pobre o rapaz, ainda que elle tivesse casado com a moça; mas, emfim, estar eu a trabalhar cincoenta annos para ella depois andar por ahi de trem a figurar...

—Pois bem: Itelvina já não póde figurar em trens com dinheiro seu, sr. José Fernandes. Segundo dizem, brevemente irá ella dar um passeio de sege alli para o cemiterio do Prado. Que receia agora o senhor? Não apoquente seu filho. Se elle quizer dar uma esmola áquella familia, que elle conhece desde os seis annos, deixe-lh'a dar.

—Pois eu não vou contra isso: mas que lh'a não leve elle.

—Assim será—terminei eu com muita alegria.

Esperava-me Bazilio com os braços abertos. Contou-me o conflicto com Henrique Pestana.

—Essa sua nobre aventura—disse-lhe eu—ha de remunerar-o de outras, que farão rir a nossa posteridade.

— Não me diz vossê agora — perguntou Bazilio — como eu hei de fazer algum bem á desgraçada?

— Facilmente. Aqui estou eu, á falta de outra pessoa, para lhe entregar o que vossê quizer.

— Mas meu pae já me disse que eu o matava, se me tornasse a relacionar com Itelvina.

— Seu pae não morre. Consente que dê uma esmola á familia de Manuel José Borges.

— Sou feliz! — exclamou elle, abraçando-me — Tem-a visto?

— Não. Ella já não vive na mesma casa. Os interesses, que fazia ensinando piano e canto, diminuíram desde que ella não póde cantar.

— Itelvina já não canta?! — atalhou Bazilio com os olhos vidrados de lagrimas.

— Já não. Está muito doente.

Bazilio deu-me o dinheiro que tinha: eram algumas libras. Deu-me o relógio, a cadeia, alfinetes de preço, e anneis, exclamando:

— Venda tudo, que eu não tenho mais; e, se fôr pedir a meu pae, elle é capaz de me dizer que uma libra ou duas é esmola bastante. Venda tudo, e dê-lhe tudo, o mais breve que possa.

— Não ha precisão de vender nada. Aqui estão dez libras, que podem sustentar dois mezes duas pessoas. Depois, proverá ao resto, se Itelvina viver.

— Pois ella ha de morrer! — exclamou elle com desesperação.

—Ha de morrer, que duvida! Deixe-me lá ir. Eu vi-rei dizer-lhe o que se passar.

Fui procurar Itelvina á rua de Mal-merendas.

Entrei n'uma saleta, em que ella estava concluindo a lição a duas meninas. Contemplei-a alguns minutos, e comprehendi a razão de a julgarem tysica. As faces extremamente descarnadas, o rôxo das olheiras, a aridez dos labios, e as manchas escarlates sobre a saliencia dos ossos malares, eram sobejos caracteristicos de uma morte proxima.

Sairam as discipulas.

—Não o vejo ha muito tempo—disse-me ella.

—Desde Lisboa.

—E' verdade. Cuidei que ainda lá estaria. Sabe que estou sem pae?

—Sei, minha senhora...

—E brevemente estarei sem vida para amparar minha mãe...

—Talvez a demasia de trabalho...

—Terá concorrido; mas a causa principal é o desgosto; é vêr-me moralmente morta... Creio que nem o mundo perdoou á minha desgraça...

—O mundo não perdôa aos desgraçados...

—E' assim... A mãe de Bazilio, minha madrinha, e santa na opinião de toda a gente, encontrou ha dias minha mãe, e disse-lhe que eu me botára a perder pela minha má cabeça... Assim foi... mas, estando eu infeliz em resultado do meu nenhum juizo, parece que

deviam esquecer-me para me censurarem, como me esqueceram para me beneficiarem...

— Assim devia ser; porém, minha senhora, nem todos a esqueceram.

— Lembrou-se o senhor que veio procurar-me... Bem haja...

— Eu venho saber de sua saude enviado por Bazilio. O merecimento de visitar uma pessoa infeliz não é exclusivamente meu.

— Bazilio!... — disse ella muito concentrada — Ainda está em França?

— Está no Porto.

— Sim?! E' feliz? está contente de me vêr assim humilhada?

— E' feliz, se a sr.<sup>a</sup> D. Itelvina reconhecer n'elle o irmão, o amigo de infancia. Roga-lhe elle que lhe restitua estes carinhosos titulos, que lhe dava quando eram meninos.

— E' assim que elle se vem vingar de mim? Tem razão. A ironia é a mais dolorosa das offensas. Diga-lhe que me não tenha odio, que eu estou morta.

— Eu não vinha a sua casa, minha senhora, com uma missão de zombaria. Bazilio falla-lhe nas minhas palavras, que são sérias, quanto podem sel-o. Quer o filho de sua madrinha que v. ex.<sup>a</sup> e sua mãe recebam d'elle os recursos necessarios á sua subsistencia independente do trabalho.

Itelvinha ergueu-se, apertou-me convulsivamente a mão, e disse com a voz cortada de soluços:

—Diga-lhe que a desgraçada Itelvina lhe beija as mãos, onde elle lhe offerece a esmola; mas que não a aceita. Minha mãe cá fica. A pobresinha não póde trabalhar; elle que a soccorra depois que eu tiver morrido.

—Quer elle soccorrel-a desde já. Rejeite a sr.<sup>a</sup> D. Itelvina o auxilio de seu irmão; rejeite; faça essa má acção; tenha esse descaridoso e offensivo orgulho; mas não prive sua mãe de ter um fim de vida mais socegado. E' a ella que eu vou dirigir-me. Onde está sua mãe?

Encaminhei-me para uma alcova, onde ouvia tossir.

—Minha mãe está ahi dentro de cama. Queira esperar, que eu vou ageital-a para ella o poder receber.

Entrou Itelvina no quarto, e eu logo com ella. Esqueci-me de ser delicado para obviar a que algumas palavras da filha a demovessem de aceitar a offerta.

—Espere, senhor. . . —disse Itelvina.

—Perdão; mas não espero, minha senhora.

D. Custodia estendeu-me a mão cadaverica, dizendo:

—Eu, servi tudo, e só faço o que a minha filha quizer.

—Sua filha—atalhei eu—quer que sua mãe viva, e eu quero que sua filha obrigue o orgulho, que a perdeu, á penitencia de ser uma vez docil.

Itelvina saiu do quarto a soluçar. Depositei as dez libras no regaço de D. Custodia, e vim pedir á linda creatura, que eu applaudira na Philarmonica, que tocas-se a aria triste, que eu lhe ouvira, ás duas horas da noite, um mez depois da morte de seu pae.

Itelvina cobriu o teclado de lagrimas. Beijeilhe as mãos, e saí.



### A santa poesia da caridade

O contentamento de Bazilio, ouvido o feliz desempenho da minha commissão, foi extremo, por que as lagrimas se encontravam nos labios com o sorriso d'alma.

Contei lealmente os successos occorridos a José Fernandes, excepto a quantia remettida.

N'este entretanto, Bazilio fôra expandir a sua alegria nos braços da mãe enferma, cujo temor da morte e da eternidade lhe inflammára incendios de caridade. Disse-lhe ella ao ouvido que, n'uma boceta do seu bahú amarello, estavam vinte peças de duas caras, que seu pae lhe dera no dia do casamento. «Vae buscal-as—ajuntou Bonifacia—e dá-as á minha comadre para que ella me perdôe alguma palavra dura que eu lhe tenha dito, sem me lembrar que Deus lá está para nos julgar a todos.»

Correu Bazilio em procura de mim, e fez-me tambem esmoler-mór de sua mãe. Sem demora, tornei á rua de Mal-merendas, e entreguei as vinte peças a D. Custodia, que ergueu as mãos, clamando:—«Bemdito seja o Senhor!»

Sem embargo d'estes recursos, Itelvina peiorava; os indicios de curta vida aggravavam-se. Deixou de leccionar em piano e de costurar.

O medico, admirado de o chamarem tão tarde, aconselhou-lhe ares do campo, nos arrabaldes de Lisboa, ou, se as posses lhe permittissem, na Madeira.

Itelvina alugou uma pequena casa em Val-bom, dizendo que escolhia ares de campo mais visinhos do cemiterio do Prado.

A casa era contigua ao quintal onde, em menina, costumava ir ás merendas do peixe frito, com a familia Enxertado.

Bazilio, sabendo que Itelvina, com quanto os recursos lh'o concedessem, não quizera sair das visinhanças do Porto, inferiu d'este acto não sei que alegres esperanças.

—Esperanças!—dizia-lhe eu—Que espera vossê de Itelvina?!

—Vêl-a com saude, e bella como era.

E eu abstinha-me de o desenganar. Que mal me fazia a mim uma illusão que tão doce lhe era a elle? Similhante desejo era innocentissimo. Amasse-a elle embora. Que mal podia fazer este amor á moral publica?

Fui, passados quinze dias, visitar Itelvina. Encontrei-a



a prender umas hastes de roseira a um caniço, que devia no verão receber as trepadeiras já plantadas.

Disse-me que estava muito melhor, que respirava livremente, e estava quasi salva da peor dôr, que era a da espadua esquerda. As faces tinham menos côr, menos d'aquella sinistra purpura que mais realça na lividez do todo. Agourei bem d'isto; mas desconfiei que o bem estar da doente eram as chamadas melhoras da morte,

Quando saí eram dez horas da noite. Fugira-me o tempo, ouvindo-lhe circumstanciadamente as flagellações de sua vida com Henrique, e contando-lhe pela primeira vez o encontro de Bazilio com elle em Lisboa.

A poucos passos da casa, vi um vulto a encaminhar-se para mim. Reconheci Bazilio.

— Como está ella?

— Melhor.

— Vossê diz-me a verdade?

— Digo-lhe o que ella me disse. Está sem a dôr, falla com menos fadiga, e tinha já outros olhos, quando saí. Que faz vossê por aqui?

— Nada... Estava á sua espera... e estava a recordar os meus dez annos, alli, n'aquelle quintal, a brincar com Itelvina.

— E agora? vamos para o Porto?

— Fico ainda por aqui. Sinto-me bem n'este logar; e, se fôr para casa, vou soffrer.

— Pois fique.

Era uma noite de lua cheia.

O Douro, adormecido n'aquella bacia bordada de ar-

mazens, de palacetes, de florestas, de choupaes cerrados, resplandecente da lua e estrellas, alumiaria com a santa luz dos poetas o intimo sentir de Bazilio, se a saudade e o amor não bastassem a dar-lhe o condão que o genio gosa imperfeito, se a paixão o não aquece.

Do atrio da egreja do Bomfim olhava eu além, onde alvejava a casinha, e pensava comigo n'aquelle moço, de quem o mundo ria, de quem eu mesmo rira, tão longe, o mundo e eu, de imaginarmos que maviosa alma aquella havia de ser!

A'quella hora que fariam os remontados espiritos que o tinham escarnecido? Ervedosa saía ebrio de um alcouce; Henrique Pestana descansava da sordicia gananciosa do dia nas licitas devassidões da sua concubinação; um cavalheiro do tom delapidava o patrimonio no jogo; outro aguardava o silencio da meia noite para instillar a deshonra no seio da familia, onde tomára o chá e jogára o voltarete. Estes, e outros da mesma plana, chanceavam da estupidez de Bazilio Fernandes Enxertado.

A's sete horas da manhã fui acordado por Bazilio.

—Que madrugada é esta?!—exclamei.

—Chego de Val-bom.

—Ainda agora?! Que fez vossê toda a noite?

—Nada. Estive por alli.

—Que extravagante prazer!

—Vi-a.

—Viu-a?!

—A' meia noite, abriu a janella, e esteve a olhar pelo

rio abaixo, e a cantar muito baixinho. Depois, foi para dentro, e tocou.

—Queira Deus que ella não ganhe alguma constipação!—atalhei eu.

Veja o meu leitor que elle estava sendo o antigo poeta, que eu tinha sido, e eu transformado no Bazilio que elle fôra!

Estas mudanças fazem-as tres annos de mais, o coração de menos, e uma bronchite chronica.

Quando o somno me permittia, ouvi-o dizer as tristes e affectuosas coisas que dizem os amantes, na linguagem d'elle, desenfeitada, pittoresca e original, mas sobre tudo apaixonada. Que hypotheses elle estabeleceu! Fugir com ella, parar n'um sertão de Africa, tecer uma cabana, sental-a n'um throno de folhagem, e adoral-a, morrer a amal-a! Isto dizia-o elle muito melhor, com lagrimas que são a santificação de todos os desvarios. Outra hypothese, mas esta cruenta, e só perdoavel no caso em que... Era a hypothese matar Henrique Pestana, e casar-lhe com a viuva! Negra idéa!... e, na essencia, nobre desejo!... Hypothese só perdoavel no caso em que... a lembrança fica na hypothese, e Henrique Pestana vivo, alegre, estimado, preciso á organização social, e... conselheiro, santo Deus, Henrique Pestana conselheiro, como affirma o *Diario do Governo* de 16 de julho de 1854!

Como é, pois, que...

O leitor finge que se espanta, e pergunta:

—Como é, pois, que Henrique Pestana está conselheiro?!

Os governos, leitor amigo e entendido, são como as fabricas, que recolhem o farrapo sujo das barricadas de lixo, e fazem d'este farrapo um assetinado papel.

Henrique Pestana figurou n'umas eleições, emprestou dinheiro para a sustentação de um jornal, e escreveu n'elle com mais sciencia e consciencia que nos jornaes do Porto.

Que havia de dar o ministerio a um homem, que punha hombro a uma situação, já desembolçando dinheiro, já dispendendo-se em intelligencia?

Uma carta de conselho, essa bagatella que por ahí recebe sujeitos, que não deram intelligencia nem dinheiro. Ora ahí está como foi.

Voltando a Bazilio, e ás hypotheses :

A ultima foi a mais racional.

—Se Itelvina—dizia Bazilio—me permittisse que eu, ás escondidas de minha familia e de todo o mundo, a visitasse...

—Póde ser; mas não acho acertado que vossê a visite.

—Eu sou incapaz...

—Bem sei de que o senhor é incapaz.

—E então?

—E então é que a vae collocar na precisão de lhe rejeitar o beneficio.

—Não percebo...

—Perceberá. Se vossê se apresenta a Itelvina, cuidará

ella que a sua caridade era uma mascara; e antes que vossê desfivelles a mascara, será possível que ella apresse a morte com a miseria.

—Diz bem.

—Não sei se digo bem; mas conjecturo isto. Deixe vêr se ella se restabelece. Um sangue novo modifica o genio, o temperamento, tudo. Póde ser que alguma hora ella mesmo me diga que quer vêr o sr. Bazilio.

A repetidas instancias do meu inseparavel amigo, voltei a Val-bom, passados oito dias.

Eram sensiveis as melhoras de Itelvina. Vi uns longes da graciosa creatura da Philarmonica portuense. Olhava como quem vê o anjo da esperanza a adejar n'um ceu azul. Agitava-se como avesinha que sacode da aza os gelos da estação triste ao sol de abril.

—Estou quasi boa! Já não morro!—exclamou ella— Não tardo a poder outra vez dar as minhas lições de canto. Sinto forte o peito. Quando ensaio a voz, encontro-a, aspera sim, mas forte como era. Antes de deixar esta casa, desejo beijar as mãos de minha madrinha, e agradecer tanto amor de irmão a Bazilio. Consentirão elles?

—Bazilio de certo deseja— respondi eu— vêr a afilhada de sua mãe, e agradecer-lhe o favor de o considerar seu irmão; em quanto a sua madrinha, essa, minha senhora, sepulta-se hoje.

—Morreu!—exclamaram ambas, debulhando-se em lagrimas.

—E morreu sem eu lhe pedir perdão da minha so-

berba!—disse Custodia—Deus sabe quantas vezes me tenho arrependido de ter dado a minha filha uma educação, que tantas amarguras nos trouxe. A minha santa comadre bem m'ò disse! . . .

—E, na hora da morte—ajuntei eu—disse ao filho que amparasse a sua afilhada.

Voltei aos responsos de D. Bonifacia, e da egreja fui consolar a grande magoa do filho asseverando-lhe que Itelvina estava salva.

Como elles se amavam, sem affrontarem a opinião publica

No inverno de 1854, Itelvina vivia no Porto, revigada, vigorosa, bella, mas triste.

Dava lições de piano e canto, saía com algumas de suas discipulas, e era estimada nas casas que frequentava.

Ninguem o hade crer; mas dava-se o caso de haver gente honesta que a respeitava como esposa do conselheiro Henrique Pestana!

Como era que um homem de vida infamada reflectia brilho na pobre esposa, que dava lições para viver? Se ella fosse mulher de um artista honrado, cujo pão fosse insufficiente para ambos, a desconsideração viria naturalmente, mesmo contra vontade de quem a desconsiderasse. Que querem? Vamo-nos revolvendo n'esta lama. O espantar-se a gente não tarda a ser um symptoma de demencia.

Os beneficios de Bazilio tinham sido delicadamente desacceitos, a pouco e pouco. Com as economias das primeiras dadivas, reformára Itelvina a sua casa, que os moveis da casa paterna quasi todos tinham sido vendidos nos dias da enfermidade e indigencia.

Bazilio, de mez a mez, ia, em minha companhia, visitar as duas senhoras, que nos recebiam sempre juntas. Alli passavamos algumas horas de dias feriados em conversações, que Bazilio reputava palestras como ellas devem ser na bemaventurança, e eu recebia, em desconto dos meus peccados, quando Itelvina não cantava.

José Fernandes, desde que D. Bonifacia lhe fugiu para o ceu, começou a perder o gosto da vida, o amor ao trabalho, e a declinar de si o encargo do governo dos seus armazens. Queria elle que Bazilio continuasse o negocio; mas o moço convenceu-o de sua inaptidão para o commercio. José Fernandes liquidou os seus haveres, trespassou as lojas, e deu-se todo á vida devota, e aos esplendores das procissões portuenses, comprando adornos para os andores. Isto não é razão para duvidar do seu claro entendimento; mas outras se deram, que confirmam o juizo dos que o julgavam a cair em idiotismo, sendo a principal a indifferença com que elle recebeu a noticia de ir Bazilio a casa de Custodia Borges.

Correram tres annos regularmente monotonos: no primeiro domingo de cada mez Bazilio visitando Itelvina; e Itelvina recebendo a visita de Bazilio, sem que entre os dois se proferisse palavra com allusão ás scenas anteriores aos bailes da Terpsichore.



E, no entanto, Bazilio Fernandes Enxertado rejeitou convidativas propostas de casamentos, já com ricas herdeiras da classe commercial, já com filhas segundas de nobilissimas casas das provincias do norte.

—Que espera o senhor? — lhe dizia eu — Por que não dá nova direcção á sua vida? Que significa esta visita mensal a Itelvina?

—Espero—dizia elle.

—E não o afflige esse amor suffocado?

—Afflige-me a idéa de que ella me não ama ainda.

—Isso não sei.

—Mas que lhe parece?

—Parece-me que o ama... não pela razão de dever amal-o.

—Como? não deve?! .

—Não se ama por dever, amigo Bazilio Fernandes— repliquei em tom pedagogico—E' uma barbara tyrannia querermos, com alguns punhados de oiro, o usurário lucro de um coração, nada menos que um coração, o maior thesouro do ceu e da terra, o supremo poder abaixo de Deus, e tal que, se um coração podesse entrar no inferno, o inferno seria anniquilado.

Fiquei em duvida se Bazilio me entendera. E' certo que perdeu as côres rosadas, que nenhum pavor ou desgraça eminente lhe havia emaciado. E exclamou:

—Não dever ella amar-me! Quem amará então ella n'este mundo?!

—Poderia amar um scelerado, que a infamasse, e

desprezal-o a vossê, que a salvou da fome, da nudez e da morte.

— Isso não pôde ser! — clamou elle, apertando entre as mãos as fontes arquejantes.

— Pois não será, amigo Bazilio. Encarecidamente lhe peço que esqueça esta calumniosa conjectura. Este mal-doso ajuizar do mundo ao mundo o devo. Pôde ser que Itelvina seja uma das raras pombas que eu tenho visto voar por sobre este diluvio de fezes, em busca de um raminho onde poisarem. Pôde ser; Deus se digne permittir que seja, e confundido seja eu para gloria da especie humana!

Fiz mal ao pobre rapaz.

Deixei-o a ruminar a peçonha do meu estylo. Estylo, meu Deus, vós bem sabieis que o era, por que eu sinceramente acho bonito o mundo, adoravel o universo moral, e santas todas as mulheres, desde a que se baloiça em coxins de damasco até á que sentada na alcatifa lamacenta das ruas não tem já coragem de dizer aos que passam que está alli uma mulher algum dia desejada, acariciada, seduzida e alanceada pela deshonra.

No costumado domingo do mez seguinte não me appareceu Bazilio para irmos a casa de Itelvina.

Procurei-o. Soube que elle na vespera tinha saído para Braga.

No dia immediato recebi um bilhete de Itelvina, que resava assim :

«Estará doente o meu irmão? Só assim, comprehen-

«do a falta de hontem. Acaso ignora Bazilio que eu pre-  
«ciso hoje tanto de saber que elle é meu amigo, quanto  
«noutro tempo precisei dos seus beneficios?! Diga-lhe  
«que pôde ser feliz sem me esquecer. Uma tarde de  
«cada mez é tão pouco para quem tem tantos dias e  
«noites que repartir!...»

N'esta mesma hora recebi de Braga uma carta de Ba-  
zilio. E' extensa. Summariamente dizia que ia fugindo  
de Itelvina e de mim.

Respondi, incluindo o bilhete da esposa do conse-  
lheiro.

A replica foi elle pessoalmente. Quiz que eu lhe fos-  
se o Joseph interprete do bilhete, que elle chamava um  
sonho.

—Sem vaccas magras, nem gordas — accrescentei—  
Isto é claro, meu amigo. Vossê é amado. Agora, pruden-  
cia: mas, se lhe parecer que a prudencia é uma catur-  
rice minhã, faça o que quizer, na certeza de que não  
faz nada original.

Tive de paraphrasear estas palavras, ás quaes elle  
respondeu:

—Sou incapaz d'isso

Ficou satisfeita a minha consciencia.

As visitas amiudaram-se. Primeiro, todos os domingos,  
depois todos os dias santos, que eram muitos n'aquelle  
tempo; e, ao cabo de tres mezes, todas as noites, que  
eram as do inverno de 1855, grandes para toda a gente,  
excepto para Bazilio Fernandes Enxertado, e para o lei-

tor, que n'esse anno casou, ou estava em arranjos d'isso, que é muito melhor.

A moral publica farejou aquella silenciosa felicidade e honesta alegria dos dois amantes. Zangou-se a moral publica, e fez soar as cem trombetas da infamia. O conselheiro Henrique Pestana foi avisado anonymamente. Como n'aquelle tempo o porte das cartas era pago pela pessoa que as recebia, o usurario, á segunda que recebeu, exclamou:

— Segunda carta é pouca vergonha!

A terceira, cujo sobrescripto era visivelmente lettra fingida, não quiz acceital-a.

E, por sua parte, deu um testemunho de homem pacifico e honesto, em sua ignominia, como está estabelecido pelas conveniencias sociaes.

Em 1857, reapareceram maus symptomas de enfermidade em Itelvina: demasiára-se nas fadigas de sua profissão, ao passo que a calumnia a indigitava amante de Bazilio Fernandes.

O medico aconselhou a saída do Porto sem demora, confiando na simples mudança de ares e descanço o restabelecimento.

Bazilio, que assumira entre as duas senhoras uma branda auctoridade de irmão e filho, convidou-as a irem passar o restante do outomno em Coimbra, e fixarem alli sua residencia, se a terra e o clima lhes agradassem.

Partiram para Coimbra os tres. Este acto, a dizer a

verdade, não me pareceu muito de molde e talho para tapar as bocas do mundo. Dispensei-me de moralisar de viva voz o successo, e despedi-me d'elles desejando-lhes dias felizes, dias da pastoril e ditosa Arcadia nas margens do scismador Mondego.



**Que fim!**

Chegaram á hospedaria do Lopes, que olha sobre o decantado rio, cujo mûrmurar dá infinita e suavissima tristeza.

Itelvina saiu ao terraço, que sobranceia o caes, e exclamou:

—Ai! como isto é lindo! que desafogo! quem me dera aqui viver!

Bazilio, pouco dado de seu natural a enlevos e poesias de rios e arvores, obedeceu ao condão da maga, que, ao invéz da Circe fabulosa, converte os brutos em requintados sentimentalistas.

D'este arrobo, foram ambos espertados por alguns gritos, coados por uma das janellas lateraes ao terraço.

—Que gemidos serão estes?!—perguntou Itelvina—  
Estará alguém doente allí?

Foi Bazilio informar-se com o criado dos quartos, e soube que estava a morrer o homem que gemia.

Era um sujeito que, a fugir á peste que abrazava Lisboa, fôra dar a Coimbra; e, logo que chegou, caiu de cama, atacado da febre amarella, que trouxera da capital.

Quiz Bazilio mudar de hospedaria; mas assegurou-lhe o medico assistente do moribundo que não havia exemplo de contagio, dadas as circumstancias d'aquelle caso.

Não obstante, o timorato moço saiu em demanda de outro hotel, e achou todos occupados por familias fugitivas de Lisboa. Resignou-se a ficar no Lopes; e Itelvina, mais resignada ainda, occupou com sua mãe o quarto unico devoluto, separado do do agonisante por uma lona forrada de papel.

A's onze horas da noite, D. Custodia, fatigada da jornada, dormia serenamente, e Itelvina, com os olhos fitos na lamparina, e a face encostada á mão direita, escutava os arrancos estertorosos do febricitante, e dizia entre si:

—E está alli a morrer aquelle homem sem ouvir uma palavra de conforto! Morre, sósinho, sem esposa, ou irmã, que lhe enxugue na face o suor da agonia! Nem sequer um sacerdote que lhe falle em Deus! Que pavorosa morte aquella! Quanto melhor lhe fôra esperal-a no seio da sua familia!... E ninguem o soccorre!... Tem pedido tantas vezes agua! Se eu soubesse onde é



o quarto de Bazilio, ia pedir-lhe que dêsse um copo de agua a este desgraçado!...

Augmentavam as ancias do moribundo, que a espaços, rouquejava um som que dizia: «agua, agua!»

—Que infeliz!—disse Itelvina, saltando do leito— Não posso ouvil-o... Faz-me febre aquelle horrivel sofrimento!... Se elle beber agua, morrerá mais consolado... Vou vêr se consigo que alguém lhe acuda... Se eu achasse uma campainha!...

E, assim dizendo mentalmente, vestiu-se á pressa, e procurou debalde uma campainha; encontrou, porém, uma garrafa de crystalina agua, e um copo.

—Agua, agua!—exclamava, revolvendo-se no leito, que rangia, o agonisante.

Itelvina superou com um impeto de piedade o pavor de entrar n'aquelle quarto. Abriu de manso a porta do seu para não acordar a mãe, deu dois passos oscillantes no corredor, e viu cerrada a porta do quarto immediato.

Susteve-se ainda instantes no limiar, até que uma nova exclamação do moribundo lhe deu valor.

Itelvina parou a dois passos do leito, sem vêr o rosto do homem que estrebuchava, com meio corpo descaído para o chão, e os braços, já como mortos, a tocarem no pavimento.

—Aqui está agua—murmurou ella, vasando-a da garrafa ao copo.

—Agua!—regougou o moribundo, sacudindo-se em vascas horrendas, com os cabellos empastados sobre a testa, e faces.

Itelvina não sabia como chegar-lhe aos lábios o copo, sem que alguém levantasse o corpo do enfermo, debruçado na borda da cama. Relanceou em redor os olhos, viu uma campainha, saiu ao corredor a tangel-a com força, esperou que um criado estremunhado assomasse no corredor.

—Venha erguer o doenté para lhe darmos agua— disse ella.

O criado, esfregando os olhos, e cambaleando, murmurou:

—Então elle chamou a senhora?

—Não; fui eu que vim sem ser chamada. E' uma crueldade deixar assim morrer sósinho este homem! Não haver quem lhe chegue uma gota d'agua!...

—Isto aqui não é hospital, é hospedaria!—murmurou o criado, entrando de má vontade ao quarto do doente.

—Vamos lá—continuou elle—puchando pela cintura do agonisante, até conseguir encostal-o ao espaldar do leito de ferro, e levantando-lhe o rosto que, descaído sobre o peito, se não deixava vêr.

No instante em que o criado lhe ergueu a face, a garrafa e o copo caíram das mãos de Itelvina, que expedira um estridente grito, e recuára até ao tabique do seu quarto.

O moribundo abriu os olhos pavidos, e estremeceu, como abalado pelo estrondò dos vidros, e pelo grito.

O criado, tranzido de horror supersticioso, largou o quasi cadaver, e, com os cabellos hirtos, e os olhos

esgazeados, contemplou a hospeda, que estava de joelhos, e mãos erguidas, sem proferir um som.

— Agua! agua! exclamava de novo o agonisante.

O criado, a pretexto de ir buscar agua, saiu do quarto.

Itelvina esforçou-se para arrancar-se á lethargia, deu alguns passos até ao leito, vasou n'um copo agua do jarro do lavatorio, e murmurou:

— Henrique!... Henrique! ouves-me? aqui tens agua...

O conselheiro Henrique Pestana deu um forte sacão, descerrou as palpebras, alongou os braços, pegados com a camisa molhada de glacial suor, roçou as mãos na face de sua mulher, e rugiu uns sons desarticulados.

— Sou eu, Henrique! — tornou ella — é Itelvina que te te perdôa... Conheces-me, Henrique?...

— Itelvina! — murmurou elle cortando a palavra nas quatro syllabas, que lhe saíam em ancias do peito, como se os pulmões arfassem as ultimas quatro aspirações do alento.

— Sim, sim, sou eu... vê-me, Henrique?

Inclinou um pouco ao lado a cabeça o moribundo. Itelvina suppoz que elle procurava o copo com os beiços requeimados, e amparou-lhe a face no hombro, aproximando-lhe o copo. A face agonisante procurou inerte-mente outro apoio, resvalando, até á cintura de Itelvina.

Estava morto Henrique Pestana.

N'este momento, Entrou Bazilio espavorido.

O criado, aturdido pelo medo, tinha ido chamal-o e

contar-lhe o successo. Bazilio, sem poder conjecturar o que movesse Itelvina a entrar no quarto do doente, correu, sem bem discernir se ia sonhando.

—Que é isto?—exclamou elle, vendo-a de joelhos ao lado do cadaver.

—E' meu marido!—respondeu ella, sem destapar o rosto, que cobria com as mãos.

## XXIII

### Conclusão

Um anno depois d'este successo, estando eu em Lisboa, recebi a seguinte carta de Bazilio Fernandes Enxertado.

«Meu amigo. Se lhe não custa, venha ao Porto. De hoje a quinze dias, Itelvina é minha mulher. No dia «immediato vou mostrar-lhe Paris, e não sei quando «voltarei para poder dar um abraço no meu amigo. «Faça este sacrificio á velha amizade do seu «*Bazilio.*»

Fui ao Porto, e tive a honra de ser testemunha do casamento.

Itelvina, de linda que estava, parecia uma noiva de quinze annos. Bazilio, com quanto principiasse a engrossar de cintura, e desdissesse algum tanto das fór-

mas nervosas e franzinas de sua mulher, o jubilo bastava a dar-lhe aquella mysteriosa aureola, a invejavel poesia do noivo, que vae receber das mãos do ministro sagrado um thesouro de inexaurivel felicidade.

Ao lado dos noivos estava José Fernandes! Pasmei! E o bom velho—quem diria!—estava alegre, e dizia á nora, assim com uns ares de idiota:

—O' afilhada! olha se me engordas este rapaz! não trates só tu de engordar!

Até o abbade de Santo Ildefonso se riu com este dizer do velho, e piscou o olho ao sacristão. Botou malicia no dito o bom do padre! Não sei que a tivesse.

Depois de jantar, Bazilio saiu comigo a uma varanda, e disse-me:

—Estou feliz!

—Bem vejo. Está vossê completamente feliz.

—Completamente.

—E sua mulher?

—Que pergunta! Vossê duvida que minha mulher esteja feliz?!

—Não.

—Então!...

—Qual de vossês quer ir ámanhã para Paris?

—Sou eu, e ella condescende.

—Que vae vossê procurar em Paris? é a felicidade?

—Não.

—Pois, se não, deixe se estar no Porto. Concentre-se, e mais sua mulher, na embriaguez das delicias, que estão a trasbordar-lhe da taça da fortuna amiga. Mais

tarde, quando os olhos de ambos estiverem cansados de mutuamente se contemplarem, então abalem para Paris, na certeza de que o tédio os espera em toda a parte. Meu amigo, o seu dever agora é, mais que nunca, alegrar a decrepitude de seu pae. Alli o tem a fazer caricias a sua mulher; reparta com elle do coração de Itelvina, e não queira privar tambem a mãe da filha. Eu não lhe dou quinze dias de bem-estar em Paris.

— Não irei.

— Faz bem: não vá. Outra coisa lhe lembro e peço: trabalhe, sr. Bazilio; trabalhe, se quer espancar o enojo da vida. Seja negociante como seu pae, ou lavrador como seus avós; mas trabalhe. De cada doze horas do dia, dê duas a sua mulher, e dez aos cuidados de distrahir as suas faculdades do espirito para recobrar e vigorisar as do coração.

— Trabalharei.

Bazilio Fernandes Enxertado cumpriu. Eu fui sempre optimo conselheiro da felicidade alheia.

Elle ahi está no goso de grandes haveres, de grandes creditos, de grandes armazens de vinho, e da consorte mais extremosa entre as mais sensiveis esposas de que tenho noticia.

Escrevi as *Aventuras* d'este meu amigo, segundo as diversas impressões, que me elle causou, nas successivas phases de sua vida. Elle, quando me lêr, e se vir ridiculô, ha de consolar-se, olhando em torno de si, e vendo *homens serios*, que envelheceram ridiculos, e peor

ainda, miseraveis e infames, á sucapa da sua astuciosa seriedade.

De D. Itelvina Borges Enxertado, direi o mesmo, defendendo-me da censura, aliás sisuda, de a não ter desculpado de suas juvenis leviandades. Desculpada está ella diante do jury consciencioso que conhece os costumes do seu tempo. Foi creança, ouviu a sereia das falsas alegrias, não teve pae menos derrancado que o maior numero dos paes pobres corrompidos n'aquella atmosphaera do Porto. Que havia de fazer ella? Se peccou, rehabilitou-se pelas lagrimas, e pelo coração.

De cada cento de mulheres adoidadas, haverá uma que possa dar a seu marido o coração immaculado de Itelvina? Haverá, Deus o permitta!

Ora, quando a culpa da inconsideração do animo não arrasta ás mil e uma vergonhas, que a sociedade absolve, a mulher, que tão leve desconto offerece em suas virtudes, merece veneração de santa.

Assim mesmo, receio muito que se ria d'ella uma grande dama que mora n'um palacete aqui perto de mim.

Esta grande dama vivia, ha seis annos, com o conselheiro Henrique Pestana, é disfructa hoje cincoenta contos do amante, os quaes ninguem lhe disputa.



# INDICE

	PAG.
I Nasce o heroe. A cabeça e as espertezas do mesmo	5
II As delicias portuenses do peixe frito, antes da civilisação. Custodia banhada pela luz do seculo. Bonifacia sustenta as saudaveis doutrinas da estupidez.....	11
III O heroe em mangas de camisa.....	19
IV Afoga-se Bazilio, e desafoga-se milagrosamente.	35
V Bazilio poeta. Conquista um tacho. O que lhe aconteceu na capoeira.....	51
VI A paixão fatal do heroe. Memorias dos nossos dias.....	69
VII O coração inimigo das pernas.....	79
VIII Com commendas e bolos se enganam os tolos..	89
IX Bazilio entre as sr. <sup>as</sup> Raposeiras, e o mais que se disser... ..	101
X Em que entra o auctor.....	111
XI Vantagens do roubo contra os inconvenientes da predestinação, segundo Balzac.....	121
XII Dois exemplos de amor paternal.....	133
XIII Chora o heroe.....	143
XIV Ama Bazilio uma prima-donna di-cartello do real theatro de S. João.....	157
XV Que entrudo elle teve !.....	169
XVI Castigos de leviandade. Capitulo de muita moral	179

	PAG.
XVII A minha correspondencia com Bazilio Fernandes Enxertado.....	189
XVIII O maior murro que ainda levaram queixos de ho- mem.....	195
XIX Lagrimas. Capitulo fastidioso.....	203
XX A santa poesia da caridade.....	210
XXI Como elles se amavam, sem affrontarem a mo- ral publica... ..	219
XXII Que fim !.....	227
XXIII Conclusão... ..	233





# J. P. OLIVEIRA MARTINS

## OBRAS COMPLETAS

### I. Historia nacional:

- HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO IBERICA, 4.<sup>a</sup> ed. (1897), 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900.  
HISTORIA DE PORTUGAL, 6.<sup>a</sup> ed. (1901), 2 vol., br. 1\$400 rs. Enc. 1\$800.  
O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS, 4.<sup>a</sup> ed. (1888), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.  
PORTUGAL CONTEMPORANEO, 4.<sup>a</sup> ed. (1907), 2 vol., br. 2\$000 rs. Enc. 2\$400.  
PORTUGAL NOS MARES, (1889), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.  
CAMÕES, OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL (1891), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.  
NAVEGACIONES Y DESCUBRIMIENTOS DE LOS PORTUGUESES (*ed. do Ateneo de Madrid*, 1892), 1 vol. (não entrou no commercio.)  
A VIDA DE NUN'ALVARES, 2.<sup>a</sup> ed. (1894), 1 vol., br. 2\$000 rs. Cart. 2\$400. Enc. (folhas doiradas) 3\$200.  
OS FILHOS DE D. JOÃO I, 2.<sup>a</sup> ed., 2 vol., br. 1\$400 rs. Enc. 1\$800 rs.  
O PRINCIPE PERFEITO, (1895) 1 vol., br. 2\$000 rs. Encad., folhas doiradas, 3\$200

### II. Historia geral:

- ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA, 4.<sup>a</sup> ed. (1895), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.  
AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILIZAÇÃO PRIMITIVA, 2 vol., br. 1\$400 rs. Enc. 1\$800 rs.  
SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 2.<sup>a</sup> ed. (1895) 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1\$000.  
QUADRO DAS INSTITUIÇÕES PRIMITIVAS, 2.<sup>a</sup> ed. (1893) 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.  
O REGIME DAS RIQUEZAS, 2.<sup>a</sup> ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.  
HISTORIA DA REPUBLICA ROMANA, 2.<sup>a</sup> ed., 1897, 2 vol., br. 2\$000 rs. Enc. 2\$400.  
O HELLENISMO E A CIVILIZAÇÃO CHRISTÃ, 2.<sup>a</sup> ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.  
TABOAS DE CHRONOLOGIA E GEOGRAPHIA HISTORICA, (1884), 1 vol., br. 1\$000 rs. En cadernado 1\$200.

### III. Varia:

- A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA, 2.<sup>a</sup> ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.  
A REORGANIZAÇÃO DO BANCO DE PORTUGAL, *opusculo*, (1877) br. 150 rs.  
O ARTIGO «BANCO» no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877), 1 vol., br. 500 rs.  
POLITICA E ECONOMIA NACIONAL, (1885), 1 vol., br. 700 rs.  
PROJECTO DE LEI DE FOMENTO RURAL, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol., br. 300 rs.  
ELOGIO HISTORICO DE ANSELMO J. BRAAMCAMP, *ed. part.* (1886), 1 vol. (esgotado).  
THEOPHILO BRAGA E O QANÇIONEIRO, *opusculo*, (1869) esgotado.  
O SOCIALISMO, (1872-3), 2 vol., br. 1\$200. (Esgotado)  
AS ELEIÇÕES, *opusculo*, (1878), br. 200 rs.  
CARTEIRA DE UM JORNALISTA: I. *Portugal em Africa*, (1891), 1 vol., br. 400 rs.  
A INGLATERRA DE HOJE, CARTAS DE UM VIAJANTE, 2.<sup>a</sup> ed., (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.  
CARTAS PENINSULARES, (1895), 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

# Obras de JOSÉ QUINTINO TRAYASSOS LOPES

---

**Nova grammatica elementar da lingua portugueza**, redigida segundo as theorias modernas, e contendo quadros synopticos muito uteis, cart. 160 réis.

**Compendio de arithmetica e systema metrico**, 29.<sup>a</sup> edição, contendo 29 gravuras e mais de 2.000 exercicios e problemas, reformado segundo os actuaes programmas, br. 200 réis, cart. 280 réis.

**Resumo de arithmetica e systema metrico**, 5.<sup>a</sup> edição, muito augmentada e contendo 13 gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 100 réis, cart. 180 réis.

**Dois mil exercicios e problemas de arithmetica e systema metrico**, abrangendo os programmas do ensino elementar e complementar, em br. 160 rs., cart. 240 rs.

**Compendio de historia patria**, 13.<sup>a</sup> edição, reformada, e contendo no fim uma noticia resumida dos factos principaes de cada reinado, br. 160 réis, cart. 240 réis.

**Compendio de historia sagrada**, 2.<sup>a</sup> edição, illustrada com muitas gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 160 réis, cart. 240 rs.

**Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos.** — 1.<sup>a</sup> parte, 10.<sup>a</sup> edição, muito augmentada, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 7 a 9 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo para premios e brindes, 360 réis.

**Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos.** — 2.<sup>a</sup> parte, 6.<sup>a</sup> edição, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 10 a 12 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis.

**Leituras Correntes e Intuitivas**, obra adoptada para o ensino official primario, 300 réis, cart.

**Historias de animaes, sua vida, costumes, anedotas, fabulas, etc.** — **noções amenas de zoologia para creanças** — **lições sobre objectos**, 3 volumes, obra interessantissima, ornada com 400 gravuras e vinhetas, br. 200 réis cada volume, cart. 280 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 400 réis.

**Os contos da avózinha**, collecção illustrada de historias, lendas, fabulas e contos, com 300 gravuras, 3 volumes, br. 160 réis, cart. 240 réis, com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis cada volume.

# OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSÁVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

**Engenheiro (O) d'algibeira**, livro portatil e utilissimo, especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenharia nos seus differentes ramos; 3.<sup>a</sup> edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispensavel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas. — Preço 800 réis br., 1\$000 réis enc.

**Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor**, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.<sup>o</sup> francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.<sup>a</sup> edição. — Preço 800 rs. br. 1\$100 réis enc.

**Guia de mechanica pratica**, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 558 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos. — 8.<sup>a</sup> edição. Preço 1\$600 rs. br., 1\$900 rs. enc.

**Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão** — Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as construir, ou dirigit-as. Vol. de 420 pag. em 8.<sup>o</sup> francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2\$000 réis br., 2\$400 réis enc.

**Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão**, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.<sup>a</sup> edição. Preço 600 réis br., 800 réis enc.

**Manual de noções elementares de technologia**, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos: 2.<sup>a</sup> Edição. — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Materias textis. — Metaes. Construções. Adornado de muitas gravuras

